



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO / MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL**

MARCILÉIA DO SOCORRO DA ROCHA CAMPOS LOPES

**AS INTERAÇÕES SOCIAIS RIBEIRINHAS DA ILHA DAS CINZAS, GURUPÁ-
PARÁ, COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ**

MACAPÁ

2023

MARCILÉIA DO SOCORRO DA ROCHA CAMPOS LOPES

**AS INTERAÇÕES SOCIAIS RIBEIRINHAS DA ILHA DAS CINZAS, GURUPÁ-
PARÁ, COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Linha de Pesquisa: Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento Regional

Orientador: Prof. Dr. Raullyan Borja Lima e Silva

MACAPÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 /
1451

L864 Lopes, Mariléia do Socorro da Rocha Campos.

As interações sociais ribeirinhas da Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, com a Região Metropolitana de Macapá / Mariléia do Socorro da Rocha Campos Lopes. - 2023.
1 recurso eletrônico. 122 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Macapá, 2023.
Orientador: Raullyan Borja Lima e Silva.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. Ribeirinho. 2. Desenvolvimento regional. 3. Amazônia. I. Silva, Raullyan Borja Lima e, orientador. II. Universidade Federal do Amapá . III. Título.

CDD 23. ed. – 302

LOPES, Mariléia do Socorro da Rocha Campos. **As interações sociais ribeirinhas da Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, com a Região Metropolitana de Macapá.** Orientador: Raullyan Borja Lima e Silva. 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022.

MARCILÉIA DO SOCORRO DA ROCHA CAMPOS LOPES

**AS INTERAÇÕES SOCIAIS RIBEIRINHAS DA ILHA DAS CINZAS, GURUPÁ-
PARÁ, COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Aprovado em: ____ / _____ / 2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Raullyan Borja Lima e Silva
Orientador – MDR

Dr. Galdino Xavier de Paula Filho
Examinador Titular Interno / MDR/UNIFAP

Dr. Francisco de Oliveira Cruz Júnior
Examinador Titular Externo / IEPA

Resultado: _____

Dedico esta dissertação a Deus, pela vida, força, coragem e sabedoria.

À minha mãe, Tereza de Jesus da Rocha Campos, minha razão de viver e a meu pai, Manoel Cardoso Campos, exemplo de homem honesto e trabalhador.

A meus irmãos, Márcia (*In memoriam*), Marlúcio, Manoel Braz, Marlindo, Marcilene, Marciane e Marcelo.

A meu esposo Joel Lopes e filho Kauê Lopes, pelo apoio diário.

Aos moradores da Ilha das Cinzas, que lutam diariamente, resistem e ecoam suas vozes pela melhoria da qualidade de vida e para manter a floresta em pé, valorizando o protagonismo local, o empoderamento feminino e a geração de renda com os produtos da sociobiodiversidade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida abençoada e oportunidade de chegar até o final desta caminhada. A Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, meu refúgio, esperança e proteção diária.

A meu orientador, Professor Doutor Raullyan Borja de Lima e Silva, pela sabedoria, generosidade e humildade de compartilhar seus conhecimentos, pela valiosa ajuda, consideração e encorajamento nos momentos mais difíceis desta trajetória acadêmica e, principalmente, por acreditar no meu potencial e sempre incentivar, mostrando os melhores caminhos. Obrigada por tudo e por tanto!

A meus pais, Manoel Cardoso Campos e Tereza de Jesus da Rocha Campos, pelo incomensurável amor, pela educação, dedicação e incentivo em todos os momentos de minha existência.

A meus irmãos, Márcia (*In memoriam*), Marlúcio, Manoel Braz, Marlindo, Marcilene, Marciane e Marcelo pela família que formamos, pelo carinho e amizade que nos une e, principalmente, pelo apoio incondicional.

A meu esposo Joel Lopes e filho Kauê Lopes, pelo apoio diário, paciência, amor, companheirismo, incentivo e compreensão durante todo processo de elaboração do trabalho.

À minha sogra, Alzira Almeida Lopes (*In memoriam*), pelo exemplo constante de sabedoria e amor, sempre preocupada com o meu bem-estar, sobretudo, nas horas de estudo.

A meus sobrinhos, tios, cunhados e amigos que com muito carinho e palavras de incentivo sempre apoiaram minha trajetória acadêmica.

À minha amiga e Professora Mestra Suany Rodrigues da Cunha, grande incentivadora do sonho de cursar o mestrado, que além de acompanhar e participar de todos os momentos desde a elaboração do pré-projeto de pesquisa, embarcou comigo para a Ilha das Cinzas e juntas vivenciamos lindos momentos que ficarão, sem dúvida, na memória e no meu coração.

A meus colegas da turma do PPGMDR/2019 pela convivência e aprendizagem, especialmente, à Cindi Veridiana, Evandro Siqueira, Jacqueline Araújo e Luan Silva que tornaram a jornada do mestrado mais leve e significativa.

Aos professores do PPGMDR pelos ensinamentos, conhecimentos compartilhados e contribuições na minha formação.

Aos professores que compuseram a banca de avaliação desta dissertação, Dr. Galdino Xavier de Paula Filho e Dr. Francisco de Oliveira Cruz Júnior, pela disponibilidade em avaliar e contribuir com esta pesquisa.

À Professora Doutora Maria Geralda de Almeida (*In memoriam*), visitante sênior na UNIFAP, no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD), pelos momentos de aprendizado, pelas missões acadêmicas na Região Sul do estado do Amapá e Palmas-TO e pesquisas de campo que resultaram na produção e publicação de artigo. Gratidão eterna pela oportunidade de conviver e aprender com seus ensinamentos.

À família Malheiros, pela acolhida tão afetuosa em sua casa, pelo compartilhar de experiências, histórias e vivências significativas nas minhas idas à Ilha das Cinzas.

Ao Francisco Malheiros, pelo conhecimento compartilhado, apoio, aprendizado, solicitude, pelas conversas e andanças, pois permitiram o resgate de minha própria constituição histórica familiar permeada pelo modo de vida e produção ribeirinha. Gratidão pela disponibilização de informações preciosas, que foram fundamentais para o trabalho e deram ânimo e força para seguir em frente.

Ao Miguel do Socorro, pelo apoio, gentileza, carinho, cuidado e pela troca de experiências.

Aos moradores da Ilha das Cinzas, pela oportunidade de adentrar suas casas e compartilhar suas experiências, práticas e saberes acerca da cultura ribeirinha. Gratidão pela acolhida e carinho de todos que pude conhecer e partilhar de momentos que ficarão para sempre em meu coração, em especial, ao Carlinhos (*In memoriam*), homem gentil, acolhedor e cheio de coragem.

“Sempre houve um rio dentro de nós, correndo ao longo de nossa infância e de nossos sonhos, banhando-nos, nutrindo-nos, carregando-nos para longe de todas as fronteiras de nossa infância. Crescemos todos assim – ao longo de um rio, dentro de um rio, perto de um rio – e tentando interpreta-lo, como se fosse nossa própria vida.”

Álvaro Pacheco

RESUMO

Esta dissertação tem como tema as interações sociais, com foco nas questões ribeirinhas vivenciadas pelos moradores da Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, com a Região Metropolitana de Macapá (RMM). A Ilha das Cinzas é um Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), localizado na fronteira dos estados do Pará e Amapá, no Distrito de Itatupã, município de Gurupá-PA. Embora faça parte do estado do Pará, é para os municípios que compõem a Região Metropolitana de Macapá (Macapá, Santana e Mazagão) no estado do Amapá, que os moradores recorrem para o escoamento da produção, bem como para terem acesso aos serviços públicos, atendimento de saúde e educação, o que acaba criando uma conectividade entre as duas fronteiras por meio dos rios e da cultura ribeirinha. Diante do quadro posto, a pesquisa foi instigada pela seguinte questão norteadora: De que forma são construídas as interações sociais ribeirinhas entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, e a RMM? E tendo como objetivo geral de analisar como são construídas as interações sociais ribeirinhas entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA e a RMM. E como objetivos específicos: Discutir sobre a formação socioeconômica da região amazônica; levantar os produtos coletados e/ou manufaturados pelos moradores da Ilha para comercialização tanto na RMM quanto nos mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e empresa privada e contribuir para a organização de informações sobre os produtos da sociobiodiversidade da Ilha e os reflexos para as interações sociais com a Região Metropolitana de Macapá. Quanto aos aspectos metodológicos, optou-se pela pesquisa bibliográfica. Para a coleta de dados utilizou-se as informações secundárias obtidas de publicações de fontes variadas sobre a temática. No levantamento foram identificadas 21 espécies de produtos vegetais que são comercializados tanto na RMM quanto nos mercados institucionais (PAA) e empresa privada, incluídas em 15 famílias de 20 gêneros. As famílias botânicas que mais se destacaram pelo número de espécies foram: Arecaceae, Cucurbitaceae, Fabaceae e Malvaceae. O gênero botânico que teve maior destaque foi *Theobroma*. Com relação a forma de vida das espécies vegetais registradas, tiveram destaque as arbóreas, palmeiras, trepadeiras e herbáceas e quanto a origem das mesmas, tiveram destaque as nativas, cultivadas e naturalizadas. Dessa forma, demonstra-se que estas espécies representam potencial para a comercialização, geração de renda, além de ampliar as possibilidades para atuação nos mercados institucionais e empresas privadas, contribuindo assim para o desenvolvimento da região.

Palavras-chave: ribeirinho; desenvolvimento regional; Amazônia; alimentos.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme social interactions, focusing on riverside issues experienced by residents of Ilha das Cinzas, Gurupá - PA, with the Metropolitan Region of Macapá (RMM). Ilha das Cinzas is an Agroextractive Settlement Project (PAE), located on the border of the states of Pará and Amapá, in the District of Itatupã, municipality of Gurupá-PA. Although it is part of the state of Pará, it is to the municipalities that make up the Metropolitan Region of Macapá (Macapá, Santana and Mazagão) in the state of Amapá, that residents turn to the flow of production, as well as to have access to public services, health care and education, which ends up creating a connection between the two borders through the rivers and riverside culture. In view of the above scenario, the research was instigated by the following guiding question: How are riverside social interactions built between Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, and the RMM? And with the general objective of analyzing how riverside social interactions are built between Ilha das Cinzas, Gurupá-PA and the RMM. And as specific objectives: Discuss the socioeconomic formation of the Amazon region; survey the products collected and/or manufactured by the inhabitants of the Island for sale both in the RMM and in institutional markets, such as the Food Acquisition Program (PAA) and a private company, and to contribute to the organization of information on the socio-biodiversity products of the Ilha das Ashes and reflections for social interactions with the Metropolitan Region of Macapá. As for methodological aspects, we opted for bibliographical research. For data collection, secondary information obtained from publications from various sources on the subject was used. The survey identified 21 species of plant products that are sold both in the RMM and in institutional markets (PAA) and private companies, included in 15 families of 20 genera. The botanical families that most stand out for the number of species were: Arecaceae, Cucurbitaceae, Fabaceae and Malvaceae. The botanical genus that had the most prominence was Theobroma. With regard to the way of life of the registered plant species, trees, palm trees, creepers and herbs stood out, and, as for their origin, native, cultivated and naturalized ones stood out. In this way, it is demonstrated that these species represent potential for commercialization, income generation, in addition to expanding the possibilities for acting in institutional markets and private companies, thus contributing to the development of the region.

Key-words: riverside; regional development; Amazon; foods.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	- Localização do Arquipélago do Marajó	23
Mapa 2	- Localização da Ilha das Cinzas-PA	28
Mapa 3	- Localização das famílias na comunidade	29
Mapa 4	- Localização da Região Metropolitana de Macapá	32
Fotografia 1	- Residência típica das famílias às margens do Rio Furo dos Periquitos, Ilha das Cinzas-PA (2022)	33
Fotografia 2	- Residência típica das famílias do Furo Seco, Ilha das Cinzas-PA (2022)	33
Fotografia 3	- Casa às margens do Rio Bonzão, Ilha das Cinzas-PA (2022)	34
Esquema 1	- Fases da pesquisa realizadas	38
Quadro 1	- Relação dos trabalhos encontrados e os escolhidos para análise da pesquisa	40
Quadro 2	- Atividades econômicas desenvolvidas na Ilha das Cinzas, segundo Mello <i>et al.</i> (2013)	57
Mapa 5	- Áreas de ocupação e extração dos recursos na Ilha das Cinzas	59
Fotografia 4	- Colheita do fruto do açaizeiro, Ilha das Cinzas-PA (2022)	60
Fotografia 5	- Sementes de <i>Astrocaryum murumuru</i> Mart. (murumuruzeiro) para entrega à empresa Natura	60
Fotografia 6	- Preparo da isca para pesca do camarão usando o matapi	61
Fotografia 7	- Pesca do camarão com a utilização do matapi	61
Quadro 3	- Produtos de origem vegetal coletados ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura.....	63
Quadro 4	- Produtos de origem animal coletados e/ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura.....	65
Mapa 6	- Fluxo de produtos, pessoas e serviços internos e externos	68
Fluxograma 1	- Cadeia produtiva do açaí da Ilha das Cinzas, conforme compreendido pelos extrativistas	69
Quadro 5	- Relação das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas registradas no levantamento, 2022	73

Gráfico 1	- Formas de vida das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas-PA, 2022	77
Gráfico 2	- Distribuição natural das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas-PA, 2022	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Relação de produtos do projeto de doação simultânea, safra 2020-2021...	71
Tabela 2	- Frequências absolutas e relativas das famílias botânicas das espécies da sociobiodiversidade registrada da Ilha das Cinzas-PA	74
Tabela 3	- Frequências absolutas e relativas dos gêneros botânicos das espécies da sociobiodiversidade registrada da Ilha das Cinzas-PA	76

LISTA DE SIGLAS

ARPA	Programa Áreas Protegidas da Amazônia
ATAIC	Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas
CNS	Conselho Nacional das Populações Extrativistas
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FASE	Federação de Órgãos para Assistência Social
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
GRUMAC	Grupo de Mulheres em Ação da Ilha das Cinzas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MCT	Ministério de Ciência e Tecnologia
PAS	Plano Amazônia Sustentável
PAC	Programa de Aceleração de Crescimento
PAE	Projeto de Assentamento Agroextrativista
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNPSB	Plano Nacional de Promoção de Cadeias de Produtos da sociobiodiversidade
SIN	Sistema Interligado Nacional
SIGPAA	Sistema de Gestão do Programa de Aquisição de Alimentos

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	INTERAÇÕES SOCIAIS	18
2.1.1	INTERAÇÕES SOCIAIS RIBEIRINHAS DA ILHA DAS CINZAS, GURUPÁ-PA, COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ	21
3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	26
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1	CLASSIFICAÇÃO, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	36
4.1.1	Coleta de dados	37
4.2	TRABALHOS ENCONTRADOS E SELECIONADOS SOBRE INTERAÇÕES ENTRE A ILHA DAS CINZAS E A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ	40
4.2.1	Critérios de seleção dos dados	43
4.2.2	Nomenclatura das espécies	43
4.3	ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	44
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1	FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA AMAZÔNIA: GEOPOLÍTICA, OCUPAÇÃO E CONTROLE DA REGIÃO (SÉCULOS XVII E XVIII)	46
5.1.1	A formação das comunidades na Amazônia: constituição ribeirinha	48
5.1.2	Organização socioeconômica das comunidades ribeirinhas amazônicas	50
5.2	DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AMAZÔNIA	52
5.2.1	Desenvolvimento socioeconômico e suas repercussões nas interações sociais nas pequenas cidades da Amazônia	54
5.3	PRODUTOS COLETADOS E/OU MANUFATURADOS PARA COMERCIALIZAÇÃO NA RMM, MERCADOS INSTITUCIONAIS E EMPRESA PRIVADA	57
5.4	PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS CINZAS E OS REFLEXOS PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ	66

5.5	PRODUTOS VEGETAIS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS CINZAS	72
5.5.1	Famílias botânicas das espécies registradas	74
5.5.2	Gêneros das espécies registradas	75
5.5.3	Forma de vida das espécies registradas	76
5.5.4	Origem das espécies registradas	77
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
	REFERÊNCIAS	81
APÊNDICE A	OFÍCIO ENVIADO A ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA DAS CINZAS	91
APÊNDICE B	ESPÉCIES VEGETAIS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS CINZAS-PA REGISTRADAS NO LEVANTAMENTO	95
ANEXO A	DOCUMENTO ENVIADO PELA ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA DAS CINZAS	117

1 INTRODUÇÃO

A Ilha das Cinzas é um Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE), localizado na fronteira dos estados do Pará e Amapá, no Distrito de Itatupã, município de Gurupá-PA. As principais atividades econômicas são baseadas no extrativismo vegetal (a extração do fruto do açazeiro e palmito, pupunha, óleos vegetais e madeira) e o extrativismo animal (pesca artesanal de peixes e camarão).

Segundo Malheiros (2018) com a exploração desordenada desses recursos, e sua consequente diminuição, surgiu a necessidade de se implantar formas sustentáveis e diversificadas de exploração, para conservar esses recursos naturais e o modo de vida tradicional dessa população.

Silva (2018) a partir da leitura nas bases de dados oficiais, identificou que prevalece uma visão de que existe uma condição de vida precária e de pobreza na ilha, o que é retratado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,509, índice bem mais baixo que a média nacional. Entretanto, a realidade que circunscreve a comunidade quebra este paradigma, quando suas lideranças buscam o apoio de entidades de pesquisas que priorizaram o investimento em tecnologia social. Essa organização e mobilização da comunidade contribuiu para o desenvolvimento de soluções tecnológicas que impulsionaram a melhoria do dia-a-dia dos ribeirinhos que moram na Ilha das Cinzas.

Com isso, em 26 de fevereiro de 2000, foi criada, a partir da mobilização local e do apoio técnico da Federação de Órgãos para Assistência Social (FASE), a Associação dos trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC). A associação desenvolve trabalhos em benefício dos trabalhadores rurais, fomentando debates e ações nos âmbitos ambiental, econômico e social, além de atuar nas áreas da educação, participação comunitária, saúde, saneamento e produção.

Uma das formas de materialização dos trabalhos desenvolvidos ao longo de sua existência foi o desenvolvimento do projeto “Manejo de Camarão de água doce”, da espécie *Macrobrachium amazonicum*, que ao longo dos anos era capturado sem nenhuma seleção, ou seja, tanto os camarões grandes quanto os pequenos eram capturados, o que ocasionava a redução da espécie.

Segundo Malheiros (2018, p. 19):

Os camarões são capturados por uma armadilha conhecido de “matapi” que é produzido da “tala” de uma palmeira conhecida com Jupati. A tecnologia desenvolvida pelos moradores da Ilha das Cinzas consiste em: aumentar o

espaçamento entre as “talas” para 0,5 cm, para que os camarões possam sair e somente os grandes serem capturados. Após este processo de captura, os camarões são estocados em caixas feitas de madeira, conhecida como viveiro, que fica imersa nas águas dos rios. O viveiro também é produzido com um espaçamento ideal para que os camarões que são capturados fora dos padrões de consumo e comercialização retornem aos rios para manter o equilíbrio da espécie.

Ainda segundo a autora, o referido projeto foi premiado como a melhor Tecnologia Social da Região Norte pela Fundação Banco do Brasil e Rede de Tecnologia Social em 2005. A premiação fez expandir essa forma de manejo sustentável para outros municípios, bem como impulsionou o investimento na participação das mulheres por meio do Grupo de Mulheres em Ação da Ilha das Cinzas (GRUMAC). As ações dessas mulheres têm papel fundamental na comunidade, são elas que fabricam as armadilhas para a pesca do camarão, o “Matapi¹”, e vendem para os pescadores que realizam a pesca e manejo do camarão.

De acordo com Pinto (2005), este projeto vem sendo implantado em outros três municípios da região do baixo Tocantins (Abaetetuba, Igarapé Mirim e Cametá), no baixo Amazonas (Santarém) e no estado do Amazonas (Parintins).

Em 2010, a ATAIC conquistou o 2º lugar em uma premiação realizada pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), vinculada ao Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT). No ano seguinte, em 2011, tornou a concorrer e foi a vencedora do prêmio por meio do “Projeto Desenvolvimento Comunitário Sustentável no Estuário Amazônico” em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Amapá (EMBRAPA-AP), cujos subprojetos envolvem o desenvolvimento social e econômico da comunidade.

Malheiros (2018) destaca as principais atividades realizadas por este projeto, dentre elas, manejo de açazais, de pau mulato, saneamento (tratamento de água e esgoto), energia com painéis solares, estudos para o desenvolvimento de novas tecnologias na comunidade e formação e capacitação para a população.

Em 2013, a Ilha das Cinzas por meio do GRUMAC, participou do prêmio “Mulheres Rurais que produzem o Brasil sustentável” promovido pela Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República em Brasília pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido no estuário amazônico e em 2014 participaram do lançamento do livro em Brasília” (MALHEIROS; ROSA; SANTANA, 2015, p. 3). Depois disso, em 2017, ganhou

¹ É uma armadilha feita de fibras vegetais, lembra o formato de uma gaiola só que cilíndrico, com 40 cm de comprimento e 25 cm de diâmetro. Nas extremidades possui uma espécie de funil para a entrada dos camarões (PINTO, 2005).

ainda reconhecimento por meio do prêmio “BioQlicar da Natura²”. Depois, foi objeto de uma matéria do programa Globo Rural em março de 2018 (CUVILLIER, 2018).

Vale ressaltar que:

Com os projetos desenvolvidos na Ilha das Cinzas, a Região tornou-se conhecida em diversas localidades dentro e fora do Brasil, dentre os quais podem-se destacar a Universidade do Amazonas que em 2008 utilizou em seu vestibular a tecnologia social desenvolvida na Ilha das Cinzas como tema de prova de Língua Portuguesa. E destaca-se ainda que essa tecnologia Social do manejo de camarão despertou interesse de diversos programas e várias matérias foram realizadas, destaca-se a reportagem realizada pelo Globo repórter da emissora rede globo; pelo Jornal francês Le monde em 2012; dentre outras visitas na comunidade de jornalistas, acadêmicos de graduação, pós-graduação, pesquisadores de diversos locais, dentre outros. (MALHEIROS; ROSA; SANTANA, 2015, p. 4).

Com as ações desenvolvidas, principalmente, da ATAIC, dos projetos de manejo, da organização e mobilização das mulheres por meio do GRUMAC e da comunidade de modo geral, possibilitou impactos sociais positivos para e na Ilha com a inserção de tecnologias sociais adequadas à realidade local e melhorias na educação, inclusive, o que revela a necessidade e urgência de expandir essas práticas organizativas para além da Ilha das Cinzas. Por isso, compreende-se que este estudo pode contribuir com a ampliação dessas práticas organizativas nas comunidades ribeirinhas da Amazônia Amapaense.

Nesse sentido, esta dissertação tem como tema as interações sociais, com foco nas questões ribeirinhas vivenciadas pelos moradores da Ilha das Cinzas, Gurupá - PA com a Região Metropolitana de Macapá (RMM). O interesse em investigar a temática na comunidade da Ilha das Cinzas surgiu por meio dos estudos realizados na trajetória acadêmica, pelo contato com pesquisadores que desenvolveram projetos na Ilha das Cinzas, e pela própria constituição histórica familiar que foi permeada pelo universo de modos de vida e produção ribeirinha, especificamente, dentro da política de aviação na Amazônia nas décadas de 1970/1980.

Dentro dessa estrutura, o despertar pela pesquisa e busca pelo aprofundamento dos estudos sobre as constituições sociais, culturais e produtivas do sujeito amazônico, em especial o ribeirinho (relações de poder, de resistência, de modos de vida, suas interações sociais, dinâmicas organizativas e produtivas mediatizadas pela natureza) se faz latente. Assim, buscou-se demonstrar por meio da pesquisa, a realidade que circunscreve as interações sociais ribeirinhas, especificamente, da Ilha das Cinzas.

² A referida premiação reconhece a comunidade fornecedora de maior nota e de maior evolução em uma série de quesitos de qualidade e boas práticas (NATURA, 2017).

A Ilha das Cinzas embora faça parte do estado do Pará, é para os municípios que compõem a Região Metropolitana de Macapá (Macapá, Santana e Mazagão) no estado do Amapá, que os moradores recorrem para o escoamento da produção, bem como para terem acesso aos serviços públicos, atendimento de saúde e educação, o que acaba criando uma conectividade entre as duas fronteiras por meio dos rios e da cultura ribeirinha.

Diante do quadro posto, a pesquisa foi instigada pela seguinte questão norteadora: De que forma são construídas as interações sociais entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, e a Região Metropolitana de Macapá? Logo, a hipótese da pesquisa é que as interações sociais da Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, com a Região Metropolitana de Macapá reverberam para o fortalecimento de atividades socioeconômicas que contribuem para o desenvolvimento da região.

Partindo-se desta questão, definiu-se realizar a pesquisa para compor a dissertação o objetivo geral de analisar como são construídas as interações sociais ribeirinhas entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA e a Região Metropolitana de Macapá. Como objetivos específicos, projetou-se:

- a) discutir sobre a formação socioeconômica da região amazônica;
- b) levantar os produtos coletados ou manufaturados pelos moradores da Ilha para comercialização tanto na Região Metropolitana de Macapá quanto nos mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e empresa privada e
- c) contribuir para a organização de informações sobre os produtos da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas e os reflexos para as interações sociais com a Região Metropolitana de Macapá.

No tocante à organização da dissertação, o conteúdo foi estruturado nas seguintes seções, para além da Introdução e das Considerações Finais: Fundamentação Teórica; Caracterização da Ilha das Cinzas, Procedimentos Metodológicos, Resultados e Discussão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTERAÇÕES SOCIAIS

As possibilidades de reflexão acerca das interações sociais são diversas, entretanto, os conceitos que se aproximam desse estudo são os apresentados pela sociologia. A sociologia aborda a interação destacando as relações sociais desenvolvidas pelos indivíduos e grupos sociais.

Desta forma, é a partir da ideia de relações sociais que se analisou neste estudo as interações construídas entre uma comunidade ribeirinha e uma região metropolitana e suas especificidades, onde abordou-se as concepções acerca da interação em seu sentido estrito.

Siches (1965) atribui o significado de interação a uma influência de caráter recíproco que pode ocorrer em várias ordens, envolvendo todos os campos da natureza. Para o autor, a interação não está limitada à presença física, deve abarcar também a reciprocidade à distância, como ocorre no intercâmbio de cartas.

Parece mais adequado caracterizar a interação humana como fatos de influência recíproca entre duas ou mais condutas humanas com sentido, influência recíproca que se pode produzir em presença ou à distância, com consciência mais ou menos clara. (SICHES, 1965, p. 408).

Segundo o autor, as interações são constituídas por pessoas em contato recíproco. Assim, “[...] os processos em que as pessoas se aproximam uma das outras ou se separam entre si, são interações. Grupos sociais, entidades coletivas, são conglomerados de relações e de processos de interação.” (SICHES, 1965, p. 408).

O sociólogo alemão Georg Simmel aponta outra abordagem para a temática. Para Simmel (2006), a interação entre os indivíduos surge a partir de determinados impulsos e da busca de certas finalidades, que fazem com que os mesmos mantenham uma relação de reciprocidade. Deste modo, o conceito de interação estaria fortemente relacionado à possibilidade de existir sociedade, pois a sociedade existe onde quer que vários indivíduos entrem em interação.

Para o autor a própria noção de sociedade significa interação entre indivíduos que são vistos em suas plenitudes e não como partes de um todo maior. A interação emerge de impulsos específicos ou da procura por finalidades. São instintos derivados do erotismo, inclinações de teor religioso, finalidades de defesa, ataque e ajuda, elementos tais que possibilitam o ser

humano entrar juntamente com outros em relações de convívio; marcadas pelo exercício e pela influência de efeitos sobre e para os outros. Para o autor, “[...] essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente uma ‘sociedade.’” (SIMMEL, 2006, p. 60).

Dentro dessa perspectiva, Simmel (2006) utiliza o conceito de interação como sinônimo de unidade entre indivíduos, destacando que a existência da sociedade depende dessa união, que pode ser duradoura ou efêmera. E unidade no sentido empírico, nada mais é do que sociedade, no entanto, o autor diz sociação:

Sociação é interação entre os indivíduos, é a forma na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio do qual esses interesses se realizam. Esses interesses [...] formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Nesse sentido, o conceito de “sociação” é utilizado para designar formas ou modos pelos quais os atores sociais se relacionam com o outro, envolvidos pelo princípio da interação. Cohn (1979) diz que Simmel busca as formas básicas que o processo de interação social assume, com relativa independência de seus conteúdos. Destaca também que para Simmel, a sociedade não é um todo estático, sistemático ou coerente, ela está em constante formação, num contínuo processo de fazer-se e refazer-se, e as formas puras de interação não são encontradas empiricamente, elas são construídas e funcionam como instrumentos analíticos indispensáveis ao pesquisador.

Outro conceito que apresenta semelhanças com o de interação social criado por Simmel, é o de ação social apontado por Max Weber. Para Weber (2015) ação social é a ação na qual o sentido (imaginado e subjetivo) sugerido pelos indivíduos refere-se ao comportamento de outros. Deste modo, delineia quatro tipos de ação social: ação racional com relação a fins, determinada por objetivo previamente definido para alcançar o que se deseja; ação racional com relação a valores, abalizada pela crença consciente no valor, interpretável como ético, estético, religioso; ação tradicional, validada por hábitos e costumes arraigados; e ação afetiva, impulsionada pelas relações de afeto ou estados emocionais. Simmel, como se viu anteriormente, expõe que as formas de interação social são trocas recíprocas mantidas pelos indivíduos que estão frequentemente se relacionando.

A distinção entre os conceitos apresentados, consiste no fato de Weber não condicionar à ação social o caráter de reciprocidade, como faz Simmel ao abordar a interação social. Por

outro lado, Weber considera o caráter de reciprocidade ao abordar o que ele denomina de relação social, por isso, parte-se do pressuposto que este é o conceito que apresenta maior conexão com o que Simmel entende por interação.

Por “relação” social entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. A, relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade. (WEBER, 2015, p. 16).

A relação social pode ainda ter um caráter transitório ou permanente, seu conteúdo significativo pode variar, e ser pactuado por declarações recíprocas. São classificadas em relações sociais comunitária e associativa.

Uma relação social denomina-se “relação comunitária” quando e na medida em que a atitude na ação social – no caso particular ou em média ou no tipo puro – repousa no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo. Uma relação denomina-se “relação associativa” quando e na medida em que a atitude na ação social repousa num ajuste ou numa união de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins). A relação associativa, como caso típico, pode repousar especialmente (mas não unicamente) num acordo racional, por declaração recíproca. Então a ação correspondente, quando é racional, está orientada: a) de maneira racional referente a valores, pela crença no compromisso próprio; b) de maneira racional referente a fins pela expectativa da lealdade da outra parte. (WEBER, 2015, p. 25).

Essa análise apresenta as características indispensáveis no estabelecimento das relações sociais tanto comunitária (teor afetivo, baseada nos sentimentos) quanto associativa (de teor objetivo, baseada na união de interesses). As relações sociais representam as diferentes formas de interação que ocorrem em diversos espaços sociais, podendo ocorrer de maneira natural ou através de interesses individuais.

Dessa forma, assim como Weber, Dias (2013) denomina de ‘relação social’ as diferentes formas que a interação social pode assumir. Porém, para o autor, as relações sociais podem ser de vários tipos: culturais, econômicas, religiosas, políticas, pedagógicas, familiares, entre outras.

As relações entre as pessoas nas instituições econômicas, como indústrias e bancos podem ser denominadas ‘relações econômicas’; as que ocorrem no âmbito do sistema educacional, como universidades e escolas, são ‘relações educacionais’; as existentes no âmbito de uma família, são ‘relações familiares’; entre pessoas que pertencem a clubes esportivos, podemos denominar ‘relações esportivas’; assim como ‘relações religiosas’ são as que ocorrem no contexto das relações religiosas etc. (DIAS, 2013, p. 110).

Esta acepção, demonstra as variadas condições em que as relações sociais podem ocorrer no processo de interação, a partir da reciprocidade de sentido das ações que são orientadas por motivações diversas, variando de acordo com a necessidade de cada indivíduo ou grupos sociais que, por conseguinte podem unir-se em comunidade.

Diante disso, pode-se relacionar tal reciprocidade com as relações sociais que são também percebidas em comunidades, inclusive, ribeirinhas. As comunidades ribeirinhas vivenciam uma relação de reciprocidade de várias formas e em diferentes espaços, que abarcam a natureza, rios, lagos, pois fornecem produtos e alimentos essenciais para sua sobrevivência, e em troca desenvolvem mecanismos para conservação desses elementos.

Do mesmo modo ocorre em relações de comunidades ribeirinhas e cidades próximas de suas áreas de localização. Ao mesmo tempo que fazem o abastecimento dessas cidades com seus produtos, vão sendo influenciados pela dinâmica urbana, onde adquirem seus equipamentos e fazem uso de serviços públicos e privados, o que caracteriza a reciprocidade. Isso conduz ao entendimento de Loureiro (2000, p. 65) quando enfatiza que “[...] é preciso entender que a cultura do mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana.”

2.1.1 INTERAÇÕES SOCIAIS RIBEIRINHAS DA ILHA DAS CINZAS, GURUPÁ-PA, COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ

A proposição buscou considerar as interações sociais ribeirinhas que ocorrem entre a Ilha das Cinzas, município de Gurupá-PA e a Região Metropolitana de Macapá, estado do Amapá. A Região Metropolitana de Macapá (MAPA 1), foi instituída pela Lei Complementar nº 0021, de 26 de fevereiro de 2003, sendo constituída pelos municípios de Macapá e Santana. Em 2016, houve a inclusão do município de Mazagão, por meio da Lei Complementar nº 95, de 17 de maio de 2016, e teve a regulamentação efetivada somente em 2018.

De acordo com Amorim (2020), o processo de organização da Região Metropolitana de Macapá envolve a dinâmica dos rios e das florestas, pois tem uma relação direta com as ilhas do Golfão Marajoara, que pertencem ao estado do Pará.

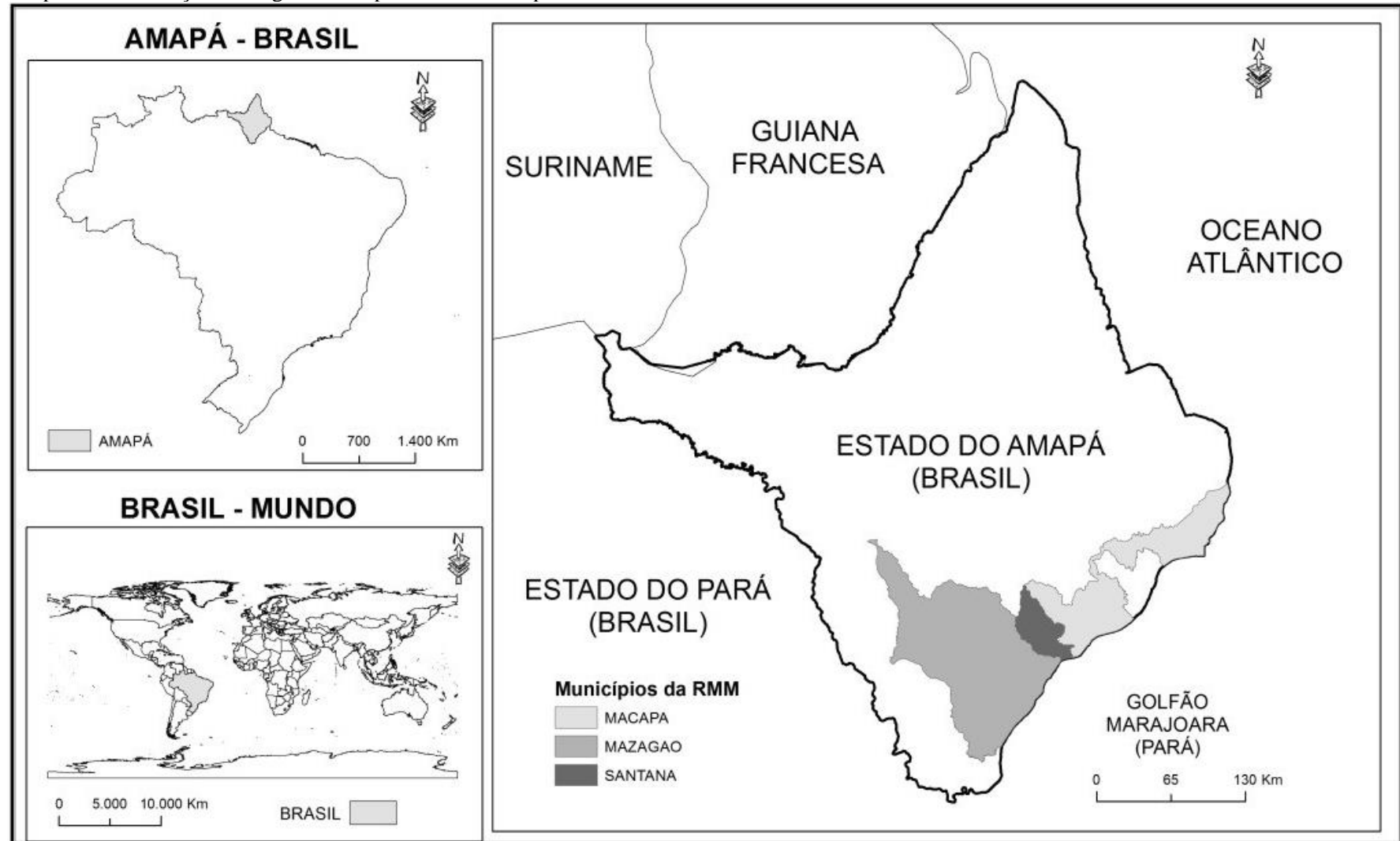
Santos (2012) explica que o Golfão Marajoara tem seu início nas proximidades do Porto de Moz e da Ilha Grande de Gurupá, no estado do Pará. Nessa sub-região da planície do rio Amazonas encontra-se a larga embocadura do rio Amazonas entre o Amapá e a Ilha de Marajó, o estreito de Breves a Oeste desta ilha e terminando, no sentido Leste-nordeste, a baía das Bocas

seguida pelo rio Pará, o baixo Tocantins e a baía de Marajó. Esse golfeão pode ser dividido em três setores: o Norte, o Sul e o estreito de Breves. Destaca-se, a princípio, o setor norte:

No setor norte existe um dédalo de ilhotas e canaletes cobrindo toda a porção ocidental da ilha de Marajó, onde pode-se reconhecer o eixo do canal norte, que se estende a partir da margem esquerda da ilha Grande de Gurupá, passando pelos terraços de Mazagão, Santana e Macapá no Amapá, e o canal sul que passa ao norte de Marajó, pela tangente das ilhas Caviana e Mexiana, comportando-se como outra saída do Rio Amazonas para o Atlântico. Essa embocadura do Amazonas projeta para o Atlântico a mais ampla e volumosa nébula de argilas conhecida no mundo, razão pela qual a faixa costeira marajoara e amapaense foi reconhecida séculos atrás pelo nome de *mar Dulce*³. (SANTOS, 2012, p. 52).

³ A costa do Amapá, depois de um “sobe e desce” de baixa amplitude mensurável em metros, fez o mar recuar em sua linha de costa paleo-marajoara e deu início aos processos de sedimentação argilosa frontal a partir do Delta do Rio Araguari em sentido ao pontal do Oiapoque, criando suportes ecológicos para os mangues retilinizados e os atuais campos inundáveis; e impossibilitando o surgimento de praias arenosas na costa amapaense (SANTOS, 2012).

Mapa 1 - Localização da Região Metropolitana de Macapá



Fonte: Elaborado por Silva *et al.* (2019).

Dessa forma, os ribeirinhos das ilhas do Golfão Marajoara acabam procurando os municípios que compõem a Região Metropolitana de Macapá para utilização dos serviços e equipamentos urbanos quase sempre ausentes e distantes da capital Belém. Assim,

É na orla fluvial da Região Metropolitana de Macapá, que estão os principais pontos de conexões para o escoamento da produção agroextrativista ribeirinha e do embarque de produtos industrializados que irão abastecer as cidades, vilas e lugarejos das ilhas da Foz do rio Amazonas. (SANTOS, 2012, p. 223).

Nesta lógica de raciocínio, o autor descreve ainda que Macapá e Santana integram-se a essas ilhas, por meio de vias fluviais, onde as viagens são realizadas com embarcações de médio porte (transporte de passageiros com uso de redes e camarotes) e de mercadorias, através dos porões dos barcos. No entanto, essa mesma conexão hidroviária não é vista com o município de Mazagão.

Amorim (2020) destaca que os portos de Macapá e Santana conectam grande parte das ilhas do Golfão Marajoara ao restante da Amazônia Setentrional Amapaense, através de embarcações que têm intenso fluxo de passageiros entre os estados do Pará e Amapá. Além dos portos de Santana, Macapá também recebe produtos regionais dessas ilhas e faz o embarque e desembarque de passageiros pelo Píer do Santa Inês, Igarapé das Mulheres e Porto das Pedrinhas, onde o produto com maior volume de negócios é a madeira.

Posto isso, entende-se que a Região Metropolitana de Macapá neste sentido, estabelece forte relação com seus respectivos entornos, regiões e localidades próximas (ilhas, vilas, comunidades ribeirinhas, entre outros), o que pode ser evidenciado nos fluxos fluviais de produtos regionais e mercadorias que são vinculadas ao trabalho de pequenos produtores rurais, extrativistas e trabalhadores informais, que realizam atividades econômicas nos portos, feiras e mercados para sua subsistência e como fonte de trabalho e renda.

E como expressão dessa conectividade, está a Ilha das Cinzas, Gurupá-Pará, com especificidades que precisam ser consideradas no processo das interações sociais ribeirinhas, pois nela se desenvolve atividades econômicas de produção, extração e manejo de recursos naturais, fundamentais para a dinâmica econômica da Região Metropolitana de Macapá.

As interações sociais ribeirinhas estabelecidas entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-Pará, com a Região Metropolitana de Macapá são diversas e perpassam por relações comerciais (compra e venda de produtos) utilizados para o abastecimento e alimentação da população, bem como fonte de geração de renda para os ribeirinhos que vivem na ilha, que em contrapartida utilizam-se dos seus serviços de saúde, educação, bancário, dentre outros.

As conexões, intercâmbios e nexos territoriais que envolvem o comércio, o parentesco, a educação, a saúde e a política são importantes nessa relação da comunidade com a cidade. É evidente que estas relações, como as comerciais, não têm apenas um sentido funcional ou pragmático, mas estão entrelaçadas de forma complexa com valores e significados culturais historicamente construídos. (PEREIRA, 2014, p. 243).

Essas relações, geralmente, se dão no porto ou em determinados locais mais distantes do porto, como igrejas, casa de parentes, comércios, hospitais, escolas, universidades, órgãos públicos que são acessados pelos ribeirinhos com objetivos e fins determinados.

Os ribeirinhos do interior não apenas concebem o porto como esse espaço intermediário entre rio, ilhas, floresta, terra-firme e cidade; essa fronteira entre o real e o imaginário, mistura de material e simbólico. Os portos são lugares de práticas, relações e processos instituintes de territorialidades que com estes se articulam ou conectam. O porto é o espaço privilegiado das conexões, nexos (vínculos) e intercâmbios territoriais ribeirinhos. Não é a cidade em seu conjunto, em sua forma, em sua totalidade e extensão, mas o porto e alguns lugares da cidade, em sua maioria localizados na “beira”, mais próximos a beira, que constituem a zona de contatos e encontros, trocas e intercâmbios de agentes sociais ribeirinhos. (PEREIRA, 2014, p. 237).

O autor aborda ainda que o porto é visto como o lugar de passagem, encontros, contatos, interações, trocas, conexões e intercâmbios que são referências territoriais no circuito principal de movimentos das comunidades ribeirinhas. Nesse sentido, a cidade, por meio do porto, principalmente, é que sinaliza o vínculo de pertencimento da comunidade.

Essa pluralidade de interações sociais ribeirinhas evidenciadas, que se dão a partir do porto, demonstra a existência de uma influência recíproca entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, que comercializa produtos agroextrativistas na Região Metropolitana de Macapá e ao mesmo tempo é influenciada pela prestação de seus serviços e equipamentos urbanos. Nesse sentido, eles interagem entre si, tendo por base uma relação de reciprocidade, a qual contribui para fundamentar as interações sociais existentes.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Ilha das Cinzas está localizada na fronteira dos estados do Amapá e do Pará, no Distrito de Itatupã, município de Gurupá-PA. A Ilha das Cinzas tem como sede municipal Gurupá, situado na mesorregião do Arquipélago do Marajó, no Estado do Pará (MAPA 2). A região abrange “6.112.000 km² e representa um terço da área drenada da América do Sul, cuja descarga contribui para a formação de uma imensa área estuarina, que se destaca tanto por sua expressiva dimensão, quanto pela mistura de águas continentais e marinhas” (SOUSA; MIRANDA; FREIRE, 2011, p. 12).

A região que integra o município de Gurupá-PA compreende diversos rios, lagos, furos e outros tipos de cursos hídricos, tendo, assim, a via fluvial como principal meio de acesso. O rio Amazonas é a força da natureza que abriga a sociodiversidade e a biodiversidade do município. As ilhas e a várzea são suas principais expressões. É marcante na região a presença de populações tradicionais e de agricultores familiares constituindo, dessa forma, ribeirinhos⁴, quilombolas e extrativistas.

De acordo com Silva (2018) a Ilha das Cinzas encontra-se na latitude 00° 28' 40.5" ao Sul e longitude 51° 21' 58.6" à Oeste de Greenwich e é formada por furos, igarapés e rios, com o solo coberto por vegetação diversificada e tipicamente amazônica - Floresta Ombrófila (PEREIRA *et. al.*, 2014). Tais características elucidam a tipologia morfológica de várzea capaz de determinar alguns aspectos do cotidiano dos moradores da ilha, como a forma de ocupação do espaço, extração de recursos, expressão cultural, dentre outros.

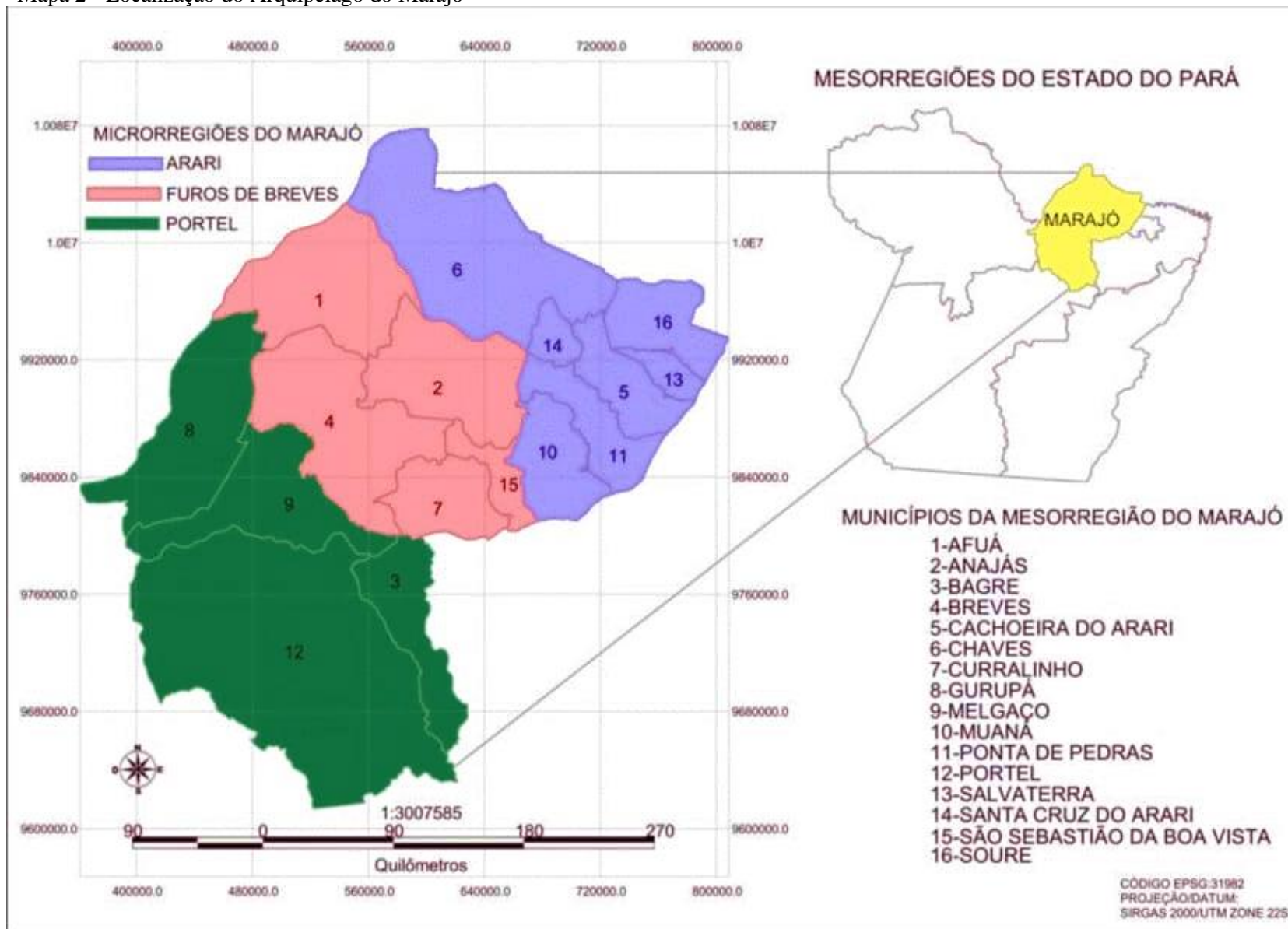
Assim, a Ilha das Cinzas (MAPA 3) compõe o complexo de ilhas que formam o estuário do rio Amazonas, sendo caracterizada por ser área de várzea, ao qual apresenta como peculiaridade a variação diária do nível das águas, o que impossibilita a prática da agricultura, tendo como sistema de produção determinante de base o extrativismo da floresta e da água.

Conforme Cuvillier (2018) a Ilha das Cinzas possui uma área aproximada de 11 km², que foi povoada a partir dos anos 20 ou 30, por um grupo de famílias atraídas pelo comércio de madeira e pelos recursos pesqueiros, principalmente, o camarão de água doce, pelo seu isolamento e a baixa densidade de população, não recebe energia do Sistema Interligado Nacional (SIN).

⁴ Os ribeirinhos ou as populações ribeirinhas são povos que vivem na beira dos rios da região Amazônica. Logo, o rio possui um papel fundamental em suas vidas, nele e por ele são estabelecidas as ligações entre as localidades com a utilização de embarcações, além da execução de suas principais atividades, fonte de renda e de sobrevivência.

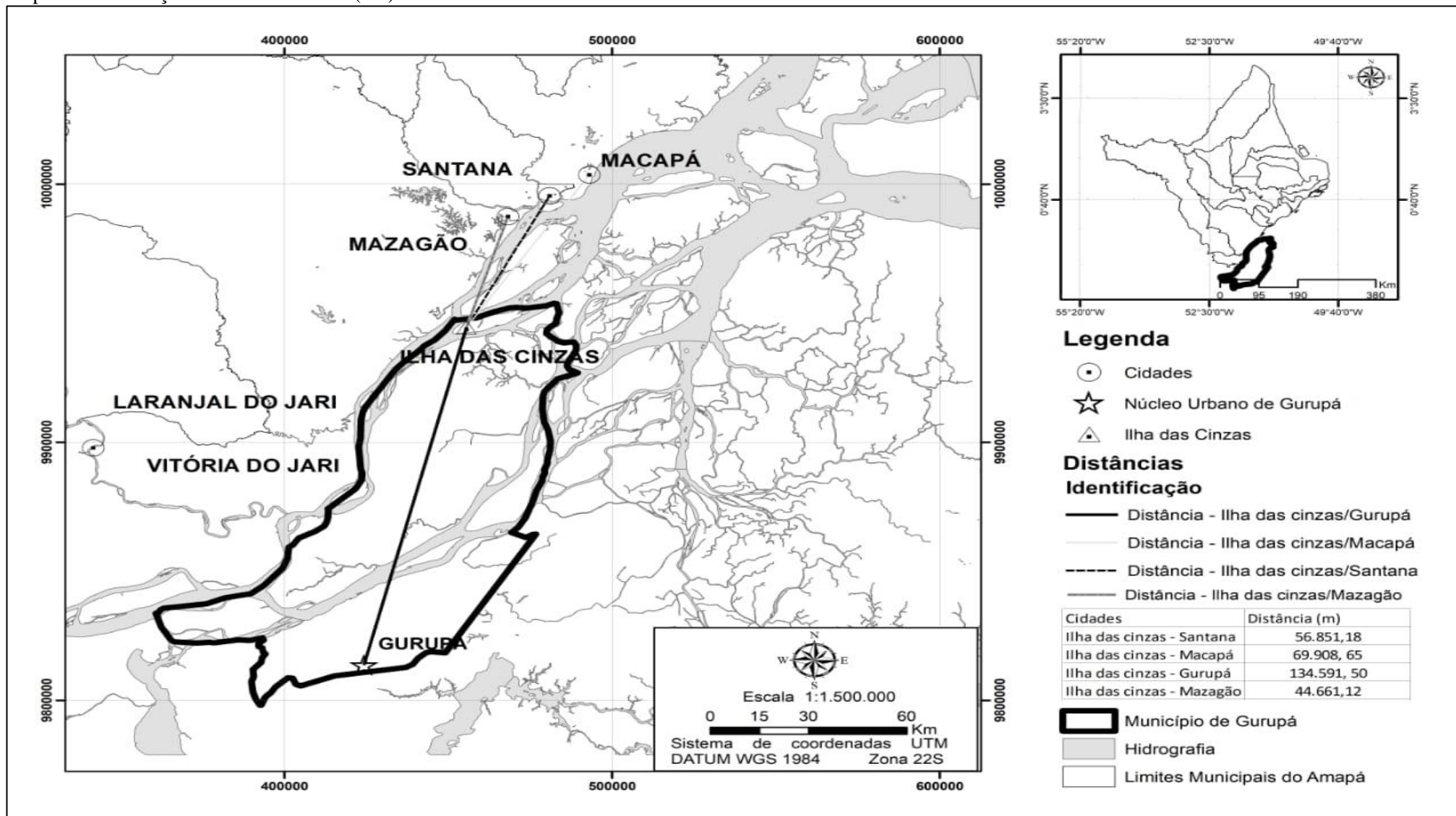
Silva (2018) destaca que a principal fonte de energia se dá através do gerador à diesel, onde as famílias usam a energia principalmente para iluminação noturna; assistir televisão; e serviços como bater açaí, encher a caixa d'água, eventualmente gelar alimentos entre outras atividades. A média de uso de energia é em torno de 4 hora/dia e ocorre quase exclusivamente no período da noite.

Mapa 2 - Localização do Arquipélago do Marajó



Fonte: ResearchGate (2019).

Mapa 3 - Localização da Ilha das Cinzas (PA)



Fonte: Elaborado por Silva (2019), a partir das bases cartográficas da SEMA/AP (2014) e SEMA/PA (2015).

A água é coletada do rio por meio de tubos instalados em frente as residências, geralmente quando a maré está alta. Para que haja o tratamento da água foi desenvolvido um sistema com auxílio da Embrapa, composto de três caixas, sendo a primeira para armazenamento e/ou distribuição de água para os sanitários onde não há consumo ou contato direto, a segunda para a filtração e a terceira para armazenamento de água de maneira que antes de ser distribuída esta água recebe doses de cloro (PEREIRA *et al.*, 2014).

Para melhorar a questão do saneamento e, conseqüentemente, a qualidade da água no local a Embrapa, juntamente com os produtores, desenvolveu uma fossa séptica biodigestora sob palafita, adaptada para os locais de várzea em que o solo é alagado. O sistema é composto por três caixas devidamente isoladas do meio externo. Nele, os dejetos entram em contato com o material biodigestor e as bactérias nocivas à saúde humana são eliminadas com o processo de fermentação. O líquido que sai do sistema é despejado no solo e é próprio para fertilização de frutíferas (EMBRAPA, 2010).

Conforme o Mapa 3, é possível visualizar a distância entre a Ilha e os municípios de Mazagão-AP (44.661,12 metros); Santana-AP (56.851,18 metros); Macapá-AP (69.908,65 metros) e Gurupá-PA, sua sede municipal, (134.591,50 metros) (SILVA, 2019), verifica-se que o município com maior proximidade é Mazagão, seguido de Santana e Macapá, ambos localizados no estado do Amapá. O mais distante, por sua vez, é Gurupá-PA.

Dessa maneira, a proximidade entre a Ilha das Cinzas e os municípios do estado do Amapá é fator preponderante para compreender questões específicas da Ilha, desde o acesso ao local, o escoamento da produção, o acesso da comunidade ribeirinha local à serviços básicos de saúde, educação, dentre outros, além de evidenciar a importância do estado amapaense nesse processo.

De acordo com Malheiros (2018), o acesso à Ilha das Cinzas é exclusivamente por via fluvial por intermédio do porto de Santana, situado no Estado do Amapá. O tempo de viagem de Santana à Ilha das Cinzas pode variar entre 4 a 5 horas, dependendo do tipo de embarcação e das marés ou 2 horas de voadeira, enquanto que de Belém pode demorar 46 horas. Ressalta-se que muitas comunidades de Gurupá estão mais ligadas, comercialmente e socialmente, com o estado do Amapá. No caso específico da Ilha das Cinzas a proximidade é com os municípios de Macapá, de Santana e de Mazagão tanto para acesso aos serviços públicos como escoamento da produção (PINTO, 2005).

Destaca-se que uma das formas de ocupação e aproveitamento dos recursos naturais do município de Gurupá foi a criação de Projetos de Assentamento Agroextrativista (PAE), instrumento da política de reforma agrária no Brasil com objetivo de regularizar a terra para

populações tradicionais, extrativistas e ribeirinhas moradoras da região que usam a floresta para sua sobrevivência, como é o caso da Ilha das Cinzas, um dos primeiros assentamentos do Pará, criado em 2006 pela Portaria nº 57 de 18 de outubro. É salutar evidenciar que a criação desses projetos foi uma resposta às reivindicações históricas de inclusão social desses sujeitos que demandava, dentre outras questões, apoio à produção, moradias e saneamento básico.

O PAE da Ilha das Cinzas apresenta desafios quanto aos aspectos sociais, econômicos e ambientais na gestão dos recursos naturais. Apesar de terem uma organização social diferenciada dos demais assentamentos, a complexidade das relações econômicas em que estão inseridos requer cautela por parte do Estado tanto na fiscalização quanto na manutenção das dinâmicas socioeconômicas e culturais das famílias extrativistas (IEB, 2006).

Santos (2020) evidencia que as condições de saneamento, infraestrutura, água potável, geração de energia elétrica são dificuldades diárias vividas pelas famílias. Dessa forma, a qualidade de vida na localidade não é igual para todos e varia conforme o nível de renda familiar, tamanho da propriedade, atividades produtivas e aposentadorias.

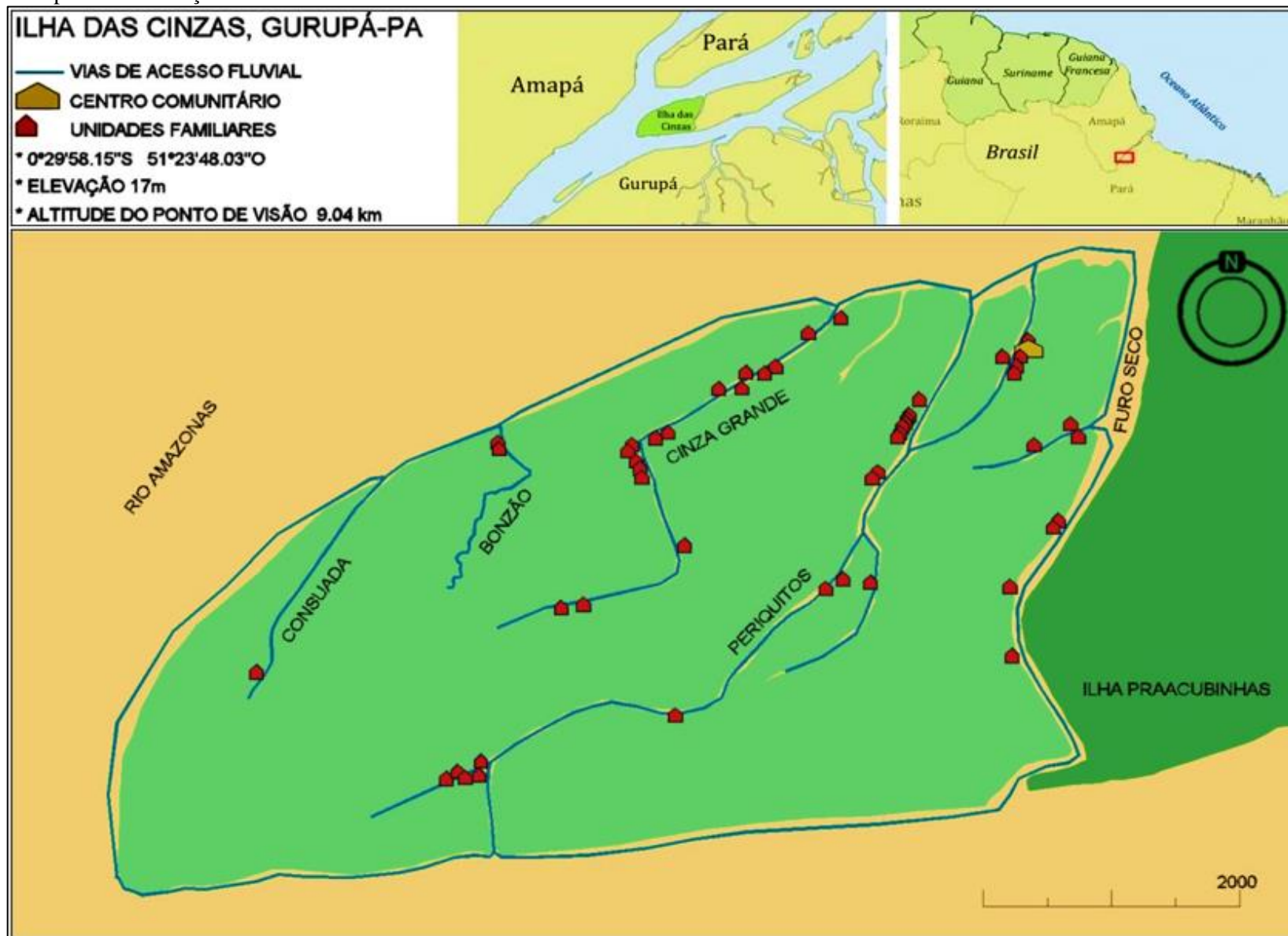
O referido autor, enfatiza ainda que a subsistência dos ribeirinhos da Ilha advém de práticas extrativistas dos recursos florestais madeireiros e não madeireiros, cita também os óleos vegetais e sementes, pesqueiros, caça e agricultura. Além disso, destaca o fruto do açazeiro como principal fonte de renda e alimentação, pois contribui ainda para a compra de outros alimentos, produtos de limpeza e higiene, equipamentos, o que o torna indispensável à economia local.

A população da Ilha é de aproximadamente 300 habitantes, divididos em 65 famílias, sendo 50% de adultos, 30% crianças e adolescentes e 20% idosos (PEREIRA *et al.*, 2014). De acordo com a história é caracterizada pela proximidade de parentesco, cooperações econômica e cultural, utilização dos recursos naturais e organização comunitária.

A distância média das residências varia de 2 a 5 quilômetros. As residências das famílias estão localizadas em sua maioria nas áreas de várzea da ilha, ao longo dos rios, onde se mantém a conexão direta por via fluvial, pois não existem ruas ou acessos terrestres entre as moradias. No Mapa 4 está plotado a localização de cada família na comunidade.

As famílias estão distribuídas às margens dos rios Periquitos, Cinza Grande, Bonzão, Furo Seco e Consoada da ilha. As residências são típicas casas ribeirinhas de madeira, acessíveis por trapiche individual (FOTOGRAFIAS 1 e 2).

Mapa 4 - Localização das famílias na comunidade



Fonte: Elaborado por Silva (2018), adaptado de EMBRAPA (2014).

Fotografia 1- Residência típica das famílias às margens do Rio Furo dos Periquitos, Ilha das Cinzas-PA (2022)



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Fotografia 2 - Residência típica das famílias às margens do Rio Furo Seco, Ilha das Cinzas-PA (2022)



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Silva (2018) aborda alguns dos principais elementos que compõem a casa do ribeirinho na ilha:

- Residência: se encontram de frente para as margens dos rios em formato de palafita feita de madeira para adaptar-se à situação das marés estuarinas. As casas possuem cobertura de telha de barro ou fibrocimento, algumas até de palha, de layout simples e limpo, com quartos próprios para redes e cômodos separados por blocos;
- Trapiche principal: é o elemento de conexão do rio e a residência, tem formato de rampa, escada ou mesmo improvisado com tronco de madeira;
- Casa de máquinas: local onde se gera a energia, sendo feita através de uma máquina movida a óleo diesel ou gasolina. Utilizada também para guardar equipamentos auxiliares na manutenção das máquinas e da própria residência. A casa de máquinas é em palafita com cobertura simples (telha de fibrocimento ou palha);
- Torre de caixa d'água: afastada do solo, local onde a água é bombeada e tratada;
- Fossa séptica: afastada do solo, local para tratamento de esgoto;
- Demais componentes: algumas casas podem ser compostas por elementos anexos (hortas, chiqueiros, galinheiros ou serralherias);
- Circulação: feita através de trapiches 'secundários' onde se conectam todos os componentes externos à casa. Interessante notar que não há o contato direto com a terra em nenhum momento. Ainda que haja terra firme, as conexões permanecem através do trapiche (FOTOGRAFIA 3).

Fotografia 3 - Casa às margens do Rio Bonzão, Ilha das Cinzas-PA (2022)



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Atualmente, a Ilha das Cinzas desenvolve projeto para implantação de placas solares para geração e consumo de energia 24 horas, substituindo o gerador que é conectado ao motor à diesel que funciona somente a noite para acesso à internet, refrigeração de freezer, dentre outros equipamentos que necessitam de energia para funcionar.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 CLASSIFICAÇÃO, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Para atender aos objetivos elaborados neste trabalho, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental. De acordo com Minayo (2008, p. 16) “[...] pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”. Para esta autora, é a pesquisa que dá sustentação a atividade do ensino, atualizando-o diante a dinâmica do universo. Deste modo, embora a pesquisa seja uma prática de natureza teórica, vincula-se à vida prática, pois a pesquisa congrega pensamento e ação.

Nesse sentido, Minayo (2008, p. 14) esclarece, também, sobre a conceituação de metodologia no âmbito da pesquisa, como sendo:

[...] o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia incluiu simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade e sua sensibilidade). [...] Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

No viés desse entendimento de que, para percorrer o caminho do pensamento e submergir na realidade daquilo que se quer tornar visível, há a necessidade de possuir uma linha, uma direção, uma ideia geral que costure os pressupostos teóricos metodológicos. Assim sendo, este estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa bibliográfica sobre a produção acadêmica referente à Ilha das Cinzas-PA, de forma virtual em Instituições de Ensino Superior no estado do Amapá e Pará (Teses, Dissertações, Trabalhos de Conclusão de Curso (graduação)), trabalhos apresentados em Seminários e Congressos, além do Portal de Periódicos da CAPES e pesquisa documental junto à Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC) por meio de solicitações formais.

Segundo Oliveira (2010) a principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com as obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo e ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Dentro dessa perspectiva, compreende-se que a pesquisa bibliográfica permite analisar e interpretar diferentes produções, ideias e pontos de vistas dentro de estudos diretos em fontes científicas que repercutem na visão macro do objeto pesquisado e construção de concepções e argumentos conscientes.

A primeira seção da fundamentação teórica visou atender ao objetivo geral “Analisar como são construídas as interações sociais ribeirinhas entre a Ilha das Cinzas, Gurupá-PA e Região Metropolitana de Macapá”.

A partir do objetivo geral, definiu-se três objetivos específicos que foram tratados em seções próprias, que são “Discutir sobre a formação socioeconômica da região amazônica”; “Levantar os produtos coletados ou manufaturados pelos moradores da Ilha para comercialização tanto na Região Metropolitana de Macapá quanto nos mercados institucionais, e empresa privada”; e “Contribuir para a organização de informações sobre os produtos da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas e os reflexos para as interações sociais com a Região Metropolitana de Macapá”.

Dessa forma, utilizou-se fontes bibliográficas relacionadas aos produtos da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas, além de fontes documentais por meio de solicitações formalizadas junto à Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC), entidade que administra os interesses da comunidade.

Os dados levantados fazem referência aos produtos coletados e/ou manufaturados pelos moradores da Ilha, que são comercializados com a Região Metropolitana de Macapá, bem como nos mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a empresa Natura.

4.1.1 Coleta de dados

Para Ferreira (2010) os levantamentos bibliométricos se comunica com a comunidade acadêmica e científica de forma confiável e metodologicamente estruturada, sobre os produtos pesquisados e divulgados através de diferentes canais de comunicação. E Ferreira (2010, p. 7) acrescenta que “Quanto mais se publica, mais parece que se facilita publicar um novo trabalho

e os pesquisadores que publicam resultados mais interessantes ganham mais reconhecimento e acesso a recursos para melhorar sua pesquisa”.

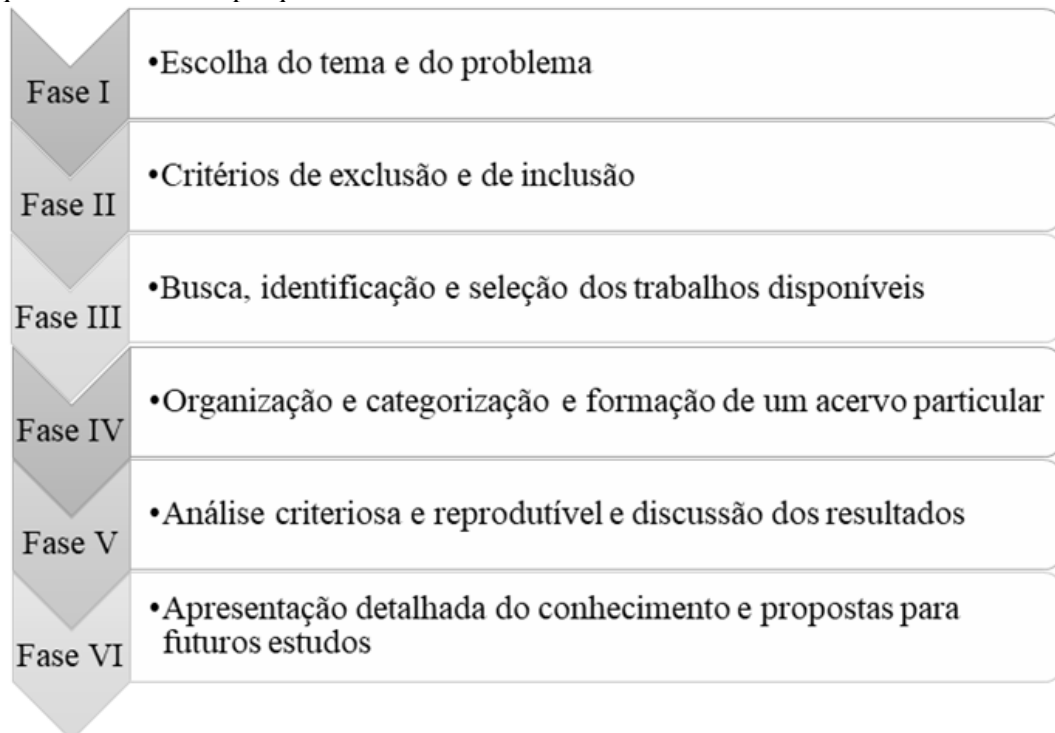
Desta forma para a coleta de dados utilizou-se uma revisão integrativa bibliográfica, que segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) são pesquisas do estado da arte ou estado do conhecimento, de caráter bibliográfico.

A revisão integrativa é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 103).

A revisão bibliográfica integrativa é um método capaz de unir as produções do presente com as do passado, tanto as empíricas quanto as acadêmicas, permitindo um mergulho no universo que se deseja conhecer (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

O processo de pesquisa do estado da arte seguiu os princípios e métodos elaborados por Botelho, Cunha e Macedo (2011) (ESQUEMA 1).

Esquema 1 – Fases da pesquisa realizadas



Fonte: Galardo (2022, p. 38).

As buscas foram realizadas tanto de forma presencial, onde foi possível e de forma virtual (on-line) em:

- Instituições de Ensino Superior no Estado do Amapá (teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de cursos, relatórios);
- Periódicos científicos;
- Anais de eventos (congressos, seminários, workshops...);

As bases usadas como referência para as consultas foram:

- Google- <https://google.com/>;
- Google Scholar - <https://scholar.google.com/>;
- Portal de Periódicos da CAPES (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>);
- PubMed - <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>;
- Scielo - <https://scielo.org/>;
- ScienceDirect - <https://www.sciencedirect.com/>

Para esta pesquisa demarcou-se o recorte temporal de 2006 a 2021, utilizando-se como estratégia de busca as palavras-chave (descritores):

- Ilha das Cinzas;
- Região das Ilhas do Pará;
- Ribeirinhos;
- Amazônia Setentrional Amapaense;
- Interação;
- Interação social;
- Relação social;
- Relação comercial;
- Estuário amazônico;
- Agricultura familiar;
- Agroextrativismo;
- Associação de trabalhadores agroextrativistas;
- Comercialização de produtos;
- Extrativismo do açaí;
- Sociobiodiversidade;
- Pesca do camarão;
- Manejo florestal;
- Sementes.

4.2 TRABALHOS ENCONTRADOS E SELECIONADOS SOBRE INTERAÇÕES ENTRE A ILHA DAS CINZAS E A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ

De acordo com os critérios estabelecidos foram encontrados 24 trabalhos e destes, 11 atenderam aos critérios de elegibilidade, sendo escolhidos para a leitura e análise, com intuito de levantar informações para a elaboração do corpus teórico deste trabalho.

No Quadro 1 é apresentado a relação dos 24 trabalhos encontrados e com indicação daqueles que atenderam aos critérios de elegibilidade.

Quadro 1 – Relação dos trabalhos encontrados e os escolhidos para análise da pesquisa

Nº	TÍTULO DO TRABALHO	Critério para Elegibilidade
1	TRECCANI, G. D. Regularizar a terra: um desafio para as populações tradicionais de Gurupá , 2006. 725 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2006.	Sim
2	BRASIL, A. de P. de M. dos S. A atuação de organizações não-governamentais na governança ambiental da Amazônia: O caso da Ong FASE no município paraense de Gurupá . 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão Ambiental) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.	Não
3	MAGALHÃES, B. A. C. dos S. Educação do Campo, Poder Local e Políticas Públicas: A casa rural de Gurupá-PA, uma construção permanente . 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.	Não
4	COSTA, P. M. Acordos de Pesca: Desafios de implementação e consolidação em áreas de várzea do município de Gurupá, Pará, Brasil . 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.	Sim
5	MARQUES, R. M. Revisão do estado da sustentabilidade do cultivo de camarão com ênfase em um estudo de caso na Amazônia Brasileira . 2013. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013.	Não

6	CASTILHO, N. T. F. Manejo da regeneração natural e produção de madeira pau mulato em floresta de várzea do estuário amazônico . 2013. 95 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013.	Sim
7	MELLO, F. M. C. de. <i>et al.</i> Análise da composição da renda de famílias da Ilha das Cinzas, Gurupá/PA. <i>In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA</i> , 2013, Vitória-ES, X. Anais . Vitória, 2013.	Sim
8	LIMA, J. de F. Viabilidade de matapis adaptados com diferentes espaçamentos entre talas sobre a captura do camarão-da-Amazônia <i>Macrobrachium amazonicum</i> (Heller, 1862) no Estuário do Rio Amazonas. Comunicado Técnico 95. Embrapa Amapá , 2014.	Não
9	ROSÁRIO, B. C. do. <i>et al.</i> Distribuição diamétrica e volumétrica de pau mulato em ambiente de ilha no estuário amazônico. I Jornada Científica , Embrapa Amapá, 2015.	Não
10	COSTA, A. L. S. <i>et al.</i> Morfologia de frutos e sementes de <i>Garcinia Macrophylla</i> Mart. (Clusiaceae) em floresta de várzea do estuário amazônico. Embrapa Amapá , 2015.	Não
11	ARAÚJO, B. H. P. de. Modelagem da altura, volume e afilamento do fuste de <i>Calycophyllum Spruceanum</i> Benth. empregando regressão e redes neurais artificiais . 2015. 53 f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Florestas Tropicais) – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2015.	Não
12	MALHEIROS, J. B.; ROSA, S. C. S.; SANTANA, R. de O. O processo de tratamento de água da Ilha das Cinzas-Gurupá-PA e a educação não-formal. <i>In: EDUCON</i> , 2015, Aracaju. Anais . Aracaju. p. 1-7.	Sim
13	GUEDES, M. C. <i>et al.</i> Manejo da regeneração natural do pau mulato. Comunicado Técnico 147. Embrapa Amapá , 2016.	Sim
14	RIBEIRO, E. A. dos S. Sistemas produtivos, disponibilidade de biomassa e atributos energéticos de caroço de açaí e resíduos de serrarias familiares, em várzea estuarina do Rio Amazonas . 2017.	Sim

	94 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2017.	
15	PASTANA, D. N. B. <i>et al.</i> Germinação e desenvolvimento de plântulas de <i>Hevea brasiliensis</i> Willd ex A. Juss.) Müll. Arg. (Euphorbiaceae). III Jornada Científica , Embrapa Amapá, 2017.	Não
16	GUEDES, M. C. <i>et al.</i> Calendário adaptado para monitoramento da produção de açaí. Comunicado Técnico 153, Embrapa Amapá , 2018.	Não
17	OLIVEIRA, B. R. de. <i>et al.</i> Construção do sistema de fossa séptica biodigestora adaptada para várzeas estuarinas do Rio Amazonas . Embrapa, Brasília-DF, 2018.	Não
18	CUVILLIER, S. A crítica do decrescimento ao desenvolvimentismo . 2018. 338 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.	Sim
19	MALHEIROS, J. B. Desafios e possibilidades do ensino de Ciências/Química em uma escola ribeirinha: investigação temática Freireana e a perspectiva intercultural . 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.	Sim
20	SILVA, B. do N. Ferramentas adicionais ao Projeto de Sistemas Fotovoltaicos Isolados para unidades familiares ribeirinhas: Uma experiência na comunidade de Ilha das Cinzas - Gurupá, PA . 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.	Sim
21	MADUREIRA, G. dos S., GUEDES, M. C., SANTOS, E. S. dos. Consumo, comercialização e variação de preço de açaí na região estuarina do Rio Amazonas. V Jornada Científica, Embrapa Amapá , 2019.	Não
22	MALHEIROS, F. B., REIS, M. T. dos. As percepções dos jovens sobre as organizações sociais da Ilha das Cinzas - PA . 2019. 40 f. Monografia (Graduação em Educação do Campo) – Universidade Federal do Amapá, Campus Mazagão, Mazagão, 2019.	Não

23	SANTOS, E. S. dos. O extrativismo do açaí (<i>Euterpe oleracea</i> Martius) na Ilha das Cinzas, Várzea Estuarina do Rio Amazonas, Pará: Socioeconomia, manejo e cadeia produtiva. 2020. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.	Sim
24	SANTOS, E. S dos, RAMOS, C. A., GUEDES, M. C. Segurança alimentar de famílias extrativistas de açaí na Amazônia oriental brasileira: o caso da Ilha das Cinzas. Novos Cadernos NAEA , 2021.	Não

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

A pesquisa documental consistiu em solicitação formal junto à Associação Agroextrativista da Ilha das Cinzas (ATAIC). A solicitação formal ocorreu mediante o encaminhamento de Ofício, conforme Apêndice A, a fim de se obter dados relacionados a temática proposta. Dentre as solicitações, houve resposta com um documento da ATAIC (ANEXO A).

4.2.1 Critérios de seleção dos dados

Os critérios de elegibilidade referente à inclusão foram: publicações com acessos públicos como teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso (graduação), trabalhos apresentados em Seminários e Congressos, além do Portal de Periódicos da CAPES, publicados no período de 2006 a 2021. Os critérios de exclusão foram os estudos com publicações incompletas e materiais diferenciados da temática proposta.

4.2.2 Nomenclatura das espécies

Nas obras selecionadas e pesquisadas, buscou-se identificar a planta por meio de descrição científica (gênero e/ou espécie) ou pela denominação popular (etnoespécies), tipo de obra (tese, dissertação, monografia, relatório, artigo, livro), autor e ano da publicação.

Para a definição dos status ecológico (nativa ou exótica) da espécie registrada e para a revisão da nomenclatura taxonômica, as espécies registradas foram atualizadas, em nível de grafias e sinônimas por meio de consulta ao banco de dados dos sítios: “Flora do Brasil 2020” através do site <http://floradobrasil.jbrj.gov.br> e do sítio “Mecanismo Global de Informação sobre Biodiversidade – GBIF/(2020), através do site <https://www.gbif.org/>.

Os nomes botânicos foram escritos conforme o trabalho de Cantuária *et al.* (2022), no entanto sempre em que um trabalho fizesse menção apenas ao vernáculo, a sua substituição era feita seguindo a observação de espécies que se atendem à correspondência vernacular, sempre se consultando os vouchers referidos àquela região encontrados no Herbário Amapaense, e quando possível, em contato pessoal com especialistas que já realizaram coleta das plantas na referida localização para que a conexão entre o nome popular e o científico apresentem coesão necessária e seja reconhecido estruturalmente com correspondência regional.

4.3 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com base nas reflexões de Yin (2010) a análise dos dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas, testar ou, do contrário, recombinar as evidências quantitativas e qualitativas para tratar as proposições iniciais de um estudo.

Neste estudo realizou-se análises qualitativas e quantitativas sobre os dados coletados. Na análise dos dados quantitativos, os mesmos foram tabulados e organizados por meio do programa Microsoft Office Excel, para a elaboração das tabelas, gráficos, quadros, esquemas e fluxogramas com os dados obtidos.

A análise dos estudos selecionados, em relação ao delineamento de pesquisa, foi de acordo com Lo Biondo-Wood e Haber (2001) e Polit, Beck e Hungler (2004) e sendo que tanto a análise quanto a síntese dos dados extraídos dos artigos foram realizadas de forma descritiva, possibilitando observar, contar, descrever e classificar os dados, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema explorado na revisão.

Após ter elaborado as fichas foi realizado a crítica de todo material bibliográfico levantado, análise do material no âmbito da qualidade e significação científica da obra. A crítica do texto se divide em crítica interna e externa do texto.

A crítica externa é feita sobre “[...] o significado, a importância e o valor histórico de um documento, considerado em si mesmo e em função do trabalho que está sendo elaborado” (SALOMOM, 1972, p. 256). Abrange:

a) crítica do texto. Averigua se o texto sofreu ou não alterações, interpolações e falsificações ao longo do tempo. b) crítica da autenticidade. Determina o autor, o tempo, o lugar e as circunstâncias da composição; c) crítica da proveniência. Investiga a proveniência do texto.

Já a crítica interna é aquela que aprecia o sentido e o valor do conteúdo. Compreende: a) crítica de interpretação ou hermenêutica. Averigua o sentido exato que o autor quis exprimir.

Facilita esse tipo de crítica o conhecimento do vocabulário e da linguagem do autor, das circunstâncias históricas; b) crítica do valor interno do conteúdo. Aprecia a obra e forma um juízo sobre a autoridade do autor e o valor que representa o trabalho e as ideias nele contidas (SALOMOM, 1972, p. 256).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 FORMAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA AMAZÔNIA: GEOPOLÍTICA, OCUPAÇÃO E CONTROLE DA REGIÃO (SÉCULOS XVII E XVIII)

Para compreender a formação do espaço amazônico é necessário considerar o seu processo histórico, ainda que de forma breve, particularmente a geopolítica implementada para formação, ocupação e controle da região amazônica. Conforme Becker (2005, p. 71), geopolítica se trata de “um campo de conhecimento que analisa relações entre poder e espaço geográfico”. É claro que essas relações apresentam mudanças estruturais ao longo da história e são evidenciadas novas determinações nesses processos que são, também, dialéticos.

Dessa forma, para a discussão inicial tem-se as contribuições de Tavares (2007) que analisa as estratégias geopolíticas utilizadas pelo estado português durante os séculos XVII e XVIII na Amazônia, o que, como observa a autora, possibilitou a atual configuração da Amazônia brasileira.

De acordo com a autora, durante o período colonial o estado português implementou na região amazônica três grandes estratégias de conquista, controle e ocupação do território: a implantação de fortalezas, isto é, a política de fortificações territorial; a implantação de missões religiosas, com diferentes ordens (carmelitas, franciscanos, mercedários e jesuítas); e a política reformista implementada por Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.

Tavares (2007, p. 13) considera que as estratégias geopolíticas utilizadas pelo estado português durante o século XVII, por meio da política de fortificações, possuíam um conteúdo militar, haja vista que foram implantadas fortalezas ao longo da calha do rio Amazonas, com início em 1616, com o Forte do Castelo, que deu origem a cidade de Belém, “porta de entrada e acesso da região e principal nó político e econômico das políticas implementadas neste período”.

Vale destacar que, a ocupação militar do rio Amazonas foi precedida de algumas marcas como as invasões holandesas, francesas e inglesas na região Nordeste, especificamente Maranhão e Pernambuco, áreas de produção de açúcar, além da disputa pelo domínio do território das drogas do sertão (canela, cravo, anil, sementes oleaginosas, raízes aromáticas, salsaparrilha).

A estratégia, então, era a de ocupar e defender o território da região amazônica. Logo, via-se a necessidade de controlar a mão de obra que existia na região, a indígena. O caminho escolhido foi o da implantação das missões religiosas que tinham, também, como foco

“pacificar esta população e ao mesmo tempo utilizá-la na coleta das drogas de sertão” (TAVARES, 2007, p. 14). Dessa forma, o território foi dividido entre as ordens religiosas que estabeleceram suas missões ao longo dos principais rios e afluentes da região. Para Becker (2005, p. 71):

Portugal conseguiu manter a Amazônia e expandi-la para além dos limites previstos no tratado de Tordesilhas, graças as estratégias de controle do território. Embora os interesses econômicos prevalecessem, não foram bem-sucedidos, e a geopolítica foi mais importante do que a economia no sentido de garantir a soberania sobre a Amazônia, cuja ocupação se fez, como se sabe, em surtos ligados a demandas externas seguidos de grandes períodos de estagnação e de decadência.

Outra estratégia de ocupação e defesa do território foi a criação de unidades político-administrativas, como os Estados. Em 1621, foi criado o Estado do Maranhão e Grão-Pará, com sede em São Luiz. E, com a importância econômica e política de Belém. Em 1751, foi criado o Estado do Grão-Pará e Maranhão, sediado em Belém, que passou à condição de Capitania no ano de 1774 (TAVARES, 2007).

No contexto de apossamento do território amazônico no século XVII, vale destacar a fundação de algumas vilas. Em 1633, foi fundada a vila de Cameté, que passou à condição de Capitania em 1634. No ano de 1636, foi criada a Capitania do Cabo Norte, que anos mais tarde colabora para a fundação da vila de Macapá, em 1752. Em 1639, como resultado da construção de uma fortificação em Gurupá anos antes, em 1623, tem-se a origem de uma vila. Em 1633 foi fundada a vila de Bragança, sendo que suas origens remontam ao ano de 1622. Outra vila fundada foi a de Salinas, em 1656 (TAVARES, 2007). Assim,

No final do século XVII, já haviam sido criadas duas capitanias da Coroa: Pará e Gurupá, além de cinco capitanias particulares: Cameté, Cayté, Joannes e Cabo Norte, no Pará e Cumá no Maranhão. É o momento de expulsão dos holandeses, ocorrendo uma violenta campanha de intimidação contra os indígenas, a fim de desestimular qualquer tentativa de aliança com os estrangeiros. (TAVARES, 2007, p. 3).

É evidente que o contexto de ocupação do território amazônico não se deu de maneira estática, passiva, muito menos linear, mas, foi regado de conflitos internos e externos revelando os interesses da geopolítica empregada durante todo o período. Assim, a formação e o desenvolvimento socioeconômico do espaço amazônico eram necessários para atender aos interesses da coroa portuguesa, como foi observado.

O século XVIII, por sua vez, no que tange ao controle territorial amazônico, possui as fortes marcas das missões religiosas desenvolvidas (principalmente pela ordem dos jesuítas) e, também, das políticas reformistas do Marquês de Pombal, que buscaram, dentre outras coisas,

a execução do tratado de limites (1750), o estabelecimento da Companhia Geral do Comércio do Grão Pará, estimular a agricultura de exportação (1755), efetivar a declaração de liberdade dos indígenas, estimular a miscigenação entre índios e portugueses, expulsar os jesuítas e outras ordens religiosas, além de introduzir escravos africanos para servir de mão de obra (TAVARES, 2007).

Tem-se, assim, ligada à política pombalina, um novo sistema de controle territorial, uma nova geopolítica, apoiada, segundo Machado (1997), em pelo menos quatro elementos: 1) nas fortificações; 2) no povoamento nuclear; 3) na criação de unidades administrativas, em 1755 foi criada a Capitania de São José do Rio Negro; 4) no conhecimento geográfico do território amazônico. Tavares (2007, p. 6), ressalta, no entanto, que:

A transformação das antigas missões em vilas foi somente formal, porque de fato o que ocorreu foi a desestruturação da organização produtiva dos religiosos. Em consequência, se verificou o esvaziamento populacional dos núcleos do vale do rio Amazonas e a permanência de uma população residual que subsistia por uma associação de economia de subsistência com a “economia natural” local. As iniciativas pombalinas só tiveram êxito no que se refere ao estímulo à agricultura de exportação, principalmente a do cacau.

Diante dessa contextualização sobre a formação socioeconômica da região amazônica, no período estudado, pode-se compreender que visava-se atender interesses específicos da coroa portuguesa a partir das evidências da geopolítica pensada e executada na região. Claro que é preciso considerar nesse ensejo os processos contraditórios, a resistência, as mortes, os conflitos, todo um complexo que compuseram a formação e desenvolvimento desse espaço. Assim, compreender o contexto de formação, ocupação e controle da região amazônica, durante os séculos XVII e XVIII repercute em visualizar ainda a constituição dos povos da Amazônia.

5.1.1 A formação das comunidades na Amazônia: constituição ribeirinha

Segundo Pereira (2014) a formação de comunidades na Amazônia constitui um processo de formação de territorialidades moderno-coloniais, que surge a partir do processo de colonização portuguesa (século XVII). Não se concebem como simples desdobramentos ou reminiscências dos territórios coloniais ou das territorialidades indígenas, mas se configuram como outras territorialidades, às suas margens, muitas vezes sobrepostas a estas, ainda que relacionadas à formação dos territórios coloniais e a destruição e resistência/r-existência das territorialidades indígenas.

O autor ainda aborda que esses grupos sociais, denominados caboclos e que passaram a ocupar as margens dos rios da Amazônia e lugares mais periféricos nas cidades e vilas, também ocupavam posições subordinadas ou subalternas na sociedade colonial e, posteriormente, na sociedade nacional regional amazônica.

Essa constituição resguarda imbricações de domínio, o que para Nugent (2006), é projetada, fundamentalmente, como um domínio natural, em que o social é invasor. Existe uma clara assimetria na relação entre sistema social e sistema natural, na qual o primeiro é subordinado ao segundo.

Esta visão da Amazônia como um domínio essencialmente natural baseia-se em dois pressupostos básicos sobre as sociedades amazônicas: o primeiro de que, durante o processo de dissolução das sociedades indígenas e surgimento das caboclas, a natureza foi o único fator que se manteve constante; o segundo se refere à ligação entre as estruturas sociais indígenas pré e pós-coloniais como fatores ambientais, supostamente limitantes (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006).

Parecem circunscritas na Amazônia as particularidades que envolvem aspectos históricos, sociais, culturais das identidades indígena e cabocla, complexidades que resguardam a invisibilidade, a naturalização ideológica, a marginalização da economia dos povos da floresta, numa comparação com o desenvolvimento econômico nacional.

A invisibilidade virtual das sociedades caboclas pode também, em parte, ser explicada pelos seus modos de vida, diversos e não especializados. Sua base de recursos é formada por uma floresta e um sistema de rios que se caracteriza como homogênea em certas escalas de representação científica (floresta úmida, várzeas e terra firme), mas que na verdade esconde uma vasta gama de heterogeneidades, em grande parte ainda incompreendidas. Além disso, muitos dos recursos necessários à reprodução do campesinato não são valorados tradicionalmente pelos economistas (floresta, solos aluviais e rios), colocando a economia cabocla numa posição complementemente marginal ao “desenvolvimento econômico”, tecnocrata do capital. (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006, p. 17).

Dessa forma, especificidades históricas, sociais, econômicas, culturais, ambientais que se entrelaçam de maneira singular, diferenciada, com um estilo de vida comum de subsistência, bem como imbricações de relações de poder em sua própria constituição histórica, marcada por disputas hegemônicas, luta e resistência por manter a identidade cultural e preservação dos recursos naturais.

O cenário amazônico é abalizado por uma sociodiversidade, que retrata temporalidades desiguais e combinadas de grupos sociais distintos, onde organizam e produzem seus modos de vida de acordo com o território em que estão inseridos. Dessa forma, coexistem diferentes

grupos sociais que constroem relações no território, o que implica a afirmação de uma identidade específica. Destacam-se nesse contexto, as comunidades ribeirinhas que se constituem como sujeitos sociais de diferentes matrizes culturais e durações históricas, comuns na organização de seus espaços, com forte ligação à hidrografia amazônica.

Os sujeitos ribeirinhos em suas especificidades:

[...] vivem em agrupamentos comunitários com várias famílias, localizados, como o próprio termo sugere, ao longo dos rios e seus tributários (lagos). A localização espacial nas áreas de várzea, nos barrancos, os saberes sócios históricos que determinam o modo de produção singular, o modo de vida no interior das comunidades ribeirinhas, concorrem para a determinação da identidade sociocultural desses atores. (CHAVES, 2001, p. 78).

As comunidades ribeirinhas constituem os espaços em que os ribeirinhos estabelecem suas relações sociais, com um modo de vida peculiar em diversos aspectos, que envolvem o uso do território e dos recursos naturais, abalizados pelos saberes historicamente construídos acerca do espaço amazônico. Utilizam-se desses saberes para sobreviverem a partir da pesca, agricultura, extrativismo vegetal e animal com uma dinâmica mediatizada pela natureza e o rio.

5.1.2 Organização socioeconômica das comunidades ribeirinhas amazônicas

A lógica de organização socioeconômica das populações ribeirinhas na Amazônia foi desde o início da colonização até a atualidade, entrelaçada pelos ditames do capitalismo, o que consequentemente, influencia nas desigualdades sociais, espaciais culturais, assim como, as formas tradicionais de produção e organização social, marcadas pela subjetividade em que se situam. Corroborando, de certo modo, com o princípio de que o capitalismo está em desenvolvimento constante em todo canto e lugar (OLIVEIRA, 2007).

Dentro desse contexto, as formas de viver na organização produtiva se constituem, em grande medida, na produção para subsistência e pelo uso de instrumentos simples (peconha, terçado, paneiro, matapi, entre outros), envoltos por uma racionalidade produtiva que valoriza não a “acumulação”, mas sobretudo, respeita a capacidade de trabalho da unidade familiar, considerando seus limites, suas crenças, saberes, valores e a subjetividade que privilegia vínculos identitários, de pertencimento, demonstrando sua capacidade de resiliência, movimento contrário a lógica capitalista (BATISTA; GOMES, 2015).

A configuração do trabalho, associado à relação com a floresta, expressa valores e representações para a existência humana, resultando na produção de uma forma de viver que,

nos espaços onde habitam as populações ribeirinhas, constitui modo de singularidade cultural, ou, como apontam alguns autores (GEERTZ, 1989; SANTOS, 2005), estabelece pela cultura, a ação do homem para transformar a natureza e, em consequência, adquirir bens materiais que possibilitam ou garantem sua sobrevivência.

Para Marx (1986), o trabalho humano é tido como mediação entre este e a natureza, em que se propiciam condições básicas para a vida humana. É um processo de criação, satisfação e recriação permanente das necessidades humanas, que se institui como atividade que permite ao homem transformar o mundo e a si mesmo, a capacidade de se projetar mentalmente no ato de trabalho e, assim, distinguir-se dos demais animais, (re) afirmando que o homem é um ser antológico.

Segundo Marx (1980) o trabalho é todo e qualquer ação do homem no meio em que vive, sendo transformado de acordo com as suas demandas e anseios. É essencialmente de caráter ativo e visa a alcançar um objetivo. Portanto, trata-se de uma atividade na qual o indivíduo investe energia, tempo e conhecimento, produzindo um resultado. É pelo trabalho que se compreende a história da humanidade, pois cada ser humano e cada formação societária constrói sua historicidade, à medida em que produz, através do trabalho.

É nessa dinâmica de trabalho, natureza e sobrevivência que o ribeirinho tem se constituído na Amazônia, numa relação com o rio, a terra e a floresta, da qual emana a produção econômica, as relações com o ambiente, o sagrado e as relações sociais, estando assim, interligadas em uma “rede de saberes” pela qual ele cria e recria seu território. E é, nesse sentido, que Castells (1999) postula "que as sociedades são organizadas em processos estruturados por relações historicamente determinadas de produção, experiência e poder", o que fica evidenciado nas relações estabelecidas na Amazônia.

Para Chaves (2001) as comunidades na Amazônia, em suas singularidades, criam mecanismos e práticas que objetivam a construção coletiva de alternativas e soluções para atender suas necessidades básicas, e não para atender as demandas do mercado. As práticas são pautadas numa relação de respeito ao meio ambiente e de manutenção da subsistência de seus grupos.

O cotidiano do ribeirinho da Amazônia faz dos elementos naturais, fonte de vida e de cultura. Conforme Cristo (2006), o rio é fonte dos alimentos, está presente na história das comunidades, determina hábitos diários através de suas marés, fornece os elementos para mitos, lendas e credices fortalecidas a cada geração. O rio também produz a relação interacional e de aprendizagem repassadas de geração em geração, fortalecidos no dia a dia, na prática cotidiana, exemplificadas pelas atividades diárias de pescar, nadar e se deslocar para outros espaços, como

também em informações provenientes do rio, como as marés e períodos de pesca, conhecimentos que são transmitidos pela educação cultural.

Para Fares (2004, p. 35), as populações ribeirinhas possuem uma relação intensa com rio, pois “ele alimenta, transporta, enriquece, protege o homem: a população ribeirinha vive do e no rio, submissa e dócil aos seus caprichos”. Nessa mesma lógica, Almeida (2010) diz que apesar da ditadura das águas, os ribeirinhos criam e recriam meios para sobreviver na Amazônia. Entre esses meios estão as ferramentas que são símbolos de sua identidade cultural, usadas para caçar, apanhar açaí, navegar pelos rios, lagos, furos e igarapés.

A floresta possui uma grande relevância no contexto da sobrevivência, pois permite a prática do extrativismo, da caça, da coleta de frutos, da agricultura, onde são retirados diversos produtos necessários à vida na Amazônia. Esta relação com a natureza contribui para a construção de saberes, permitindo a amplitude de interação não só com a natureza, mas com suas crenças, costumes e com o meio social.

Loureiro (2000) aborda outra especificidade do modo de vida ribeirinho, afirmando que a Amazônia apresenta dois grandes espaços culturais:

O espaço da cultura urbana e o da cultura rural. A cultura urbana está expressa nos modos de vida das cidades de médio porte e das capitais. Nestas, as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, os equipamentos culturais são em maior número e mais estruturados, as mudanças ocorrem muito mais rapidamente. A cultura rural, caracterizada pela profunda relação do homem com a natureza e pela transmissão oral, manifestadas nos modos de vida típicos do que se convencionou chamar de “interior”, principalmente, no universo ribeirinho. (LOUREIRO, 2000, p. 33).

Esse universo é o que retrata a relação cultural ribeirinha existente na Amazônia, onde constrói-se um modo de vida integrado à agricultura, extrativismo vegetal e animal, vivendo em função da floresta e dos rios.

5.2 DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A AMAZÔNIA

A discussão em torno das concepções de desenvolvimento apresenta traços eminentemente normativo, porém nem sempre foi assim (FAVARETO, 2007). Há de se considerar aqui a definição, o pensamento, de Amartya Sen, economista e filósofo indiano formado na Universidade de Cambridge, que compreende o desenvolvimento em contraposição ao viés restritivo à fatores econômicos. Para Sen (2010), o desenvolvimento tem que estar

relacionado, sobretudo, com a melhora da qualidade de vida dos sujeitos e fortalecimento de suas liberdades.

Para o autor supracitado, pensar sobre desenvolvimento de uma região, por exemplo, depende de outras variáveis como a industrialização, progresso econômico, modernização social, disposições sociais e econômicas.

Sen (2010, p. 18) ressalta que:

O que as pessoas conseguem realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras, como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas e que mediante a liberdade de participar da escolha social e da tomada de decisões públicas os agentes de uma sociedade podem ampliar sua própria liberdade. (SEN, 2010, p. 18).

Para o autor, as liberdades constitutivas, pensadas como liberdade de participação política, contribuem para o desenvolvimento, para o fortalecimento e expansão das próprias liberdades constitutivas. Inversamente, isto é, privação de liberdade econômica, por exemplo, com nível de pobreza extrema, colabora com a privação de outras liberdades como a social e política.

A análise de Sen (2010) sobre desenvolvimento atenta-se para a expansão das capacidades das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam. Dessa forma, essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas, também, é preciso considerar que a direção dessa política pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo, o que revela os processos de contraditórios desse processo de desenvolvimento, que devem ser considerados.

Assim, ao compreender o desenvolvimento por esse viés, considera-se que tal evolução não é linear, ou contínua, sem movimentos contraditórios, mas, pode se dar em diferentes direções “aproximando-se ou distanciando-se do ideal contido no projeto normativo do desenvolvimento como melhoria dos indicadores econômicos, sociais e ambientais de um dado país, região ou grupo social.” (FAVARETO, 2007, p. 84).

Ao pensar o desenvolvimento da Amazônia, a partir dessa concepção, acrescenta-se outros elementos de fundo como os conflitos entre diferentes atores (governamentais e não governamentais), considerando as questões sobre território e territorialidade; a própria racionalidade do discurso da natureza da Amazônia, seja com um conceito de conflito ambiental ou conceito de racionalidade social que são, antes de mais nada, a defesa de posições e interesses em disputa no espaço amazônico que orientam a análise das políticas regionais para a Amazônia (QUINTSLR; BOHRER; IRVING, 2011).

Assim, a concepção que se tem sobre desenvolvimento, seja uma perspectiva mais restrita ao âmbito econômico ou ampliada que considere aspectos mais globalizantes reflete na construção de políticas públicas.

E aqui, especificamente pensando nas políticas para a Amazônia, pode-se evidenciar diversas ações e mecanismos institucionais que reverberam essas diferentes formas de se pensar e fazer o desenvolvimento da região como: o Programa Áreas Protegidas da Amazônia (ARPA), instituído pelo Decreto nº 4.326, de 2002; o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), com intervenções na Amazônia, lançado no princípio do segundo mandato de Lula da Silva (2007-2011), incorporado ao Plano Plurianual 2008-2011; o Plano Amazônia Sustentável (PAS), com diretrizes para o desenvolvimento sustentável na Amazônia brasileira, lançado pelo Governo Federal em 2008.

De acordo com Chaves (2001), as políticas públicas implementadas na Amazônia, sempre foram marcadas por interesses e estratégias de expansão das relações capitalistas, que incidem diretamente no modo de vida das comunidades tradicionais. Por essa lógica de raciocínio, as políticas públicas não levam em consideração o modo de vida, tampouco, os saberes construídos pela população amazônica.

Entretanto, tais políticas, a depender da análise empregada, revelam aspectos positivos ou, mesmo, negativos para os diferentes atores. Mas, cabe destacar que as intervenções governamentais na região amazônica são importantes por se tratar de uma região de fronteira, de abarcar uma sociodiversidade (diversidade cultural e social de suas populações) e biodiversidade (diversidade de sua vida animal e vegetal) que desperta interesses muitas vezes conflitantes. É necessário, nesse sentido, realizar uma análise mais abrangente sobre cada política para se revelar os meandros de cada uma, os interesses subjacentes.

5.2.1 Desenvolvimento socioeconômico e suas repercussões nas interações sociais nas pequenas cidades da Amazônia

A constituição e o desenvolvimento de pequenas cidades na Amazônia envolvem questões relacionadas com a formação de territórios e territorialidades. Nesse sentido, é fundamental a compreensão sobre território e territorialidade, conceitos distintos, mas complementares.

Para Becker (2010, p. 19), território é o espaço da prática que, ao mesmo tempo, é um produto da prática espacial (apropriação de um espaço) e “um produto usado, vivido pelos atores, utilizado como meio para sua prática”. A territorialidade, por sua vez, “manifesta-se em

todas as escalas, desde as relações pessoais e cotidianas até as complexas relações sociais”, fundamenta-se “na identidade e pode repousar na presença de um estoque cultural que resiste à reapropriação do espaço, de base territorial.” (BECKER, 2010, p. 20).

A partir dessa compreensão mais geral que se tem, suscita-se a questão do processo de formação e desenvolvimento socioeconômico de pequenas cidades da região amazônica. Incorre-se, assim, os seguintes questionamentos: mas, afinal, o que são pequenas cidades na Amazônia? Como entender esses espaços e as complexidades que os envolvem? Como as pessoas estabelecem suas interações sociais associadas ao desenvolvimento econômico?

Oliveira (2004), colabora para a elucidação de algumas dessas indagações ao escrever sobre a cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia brasileira. O autor ressalta a importância de compreender a Amazônia a partir de suas pequenas cidades que são ligadas ao rio e à floresta. Não obstante, elas (as pequenas cidades) são importantes do ponto de vista econômico, político, cultural e por serem “lugares em que pulsam modos de vida que diferem significativamente do padrão caracterizado como urbano predominante em outras regiões do Brasil” (OLIVEIRA, 2004, p. 27).

No que tange a sua aceção, Oliveira (2004), esclarece que não há uma definição absoluta, mas, existe um esforço para isso e aponta os seguintes aspectos dessas cidades como a baixa articulação com as cidades do entorno; as atividades econômicas são quase nulas; existe pouca capacidade de oferecer serviços básicos (saúde, educação, segurança e outros) para a população local; além da predominância de atividades caracterizadas como rurais. Assim, tratam-se de “cidades locais, com atuação restrita, cuja articulação imediata se dá com um centro subordinado a outro de nível hierárquico superior.” (OLIVEIRA, 2004, p. 27).

Para Trindade Jr. (2013, p. 4) o entendimento sobre as pequenas cidades “deve estar associado aos sistemas socioecológicos, dentro dos quais devem ser compreendidas como habitats contemporâneos e com os quais estabelecem as mais diversas relações”. É preciso considerar, também, a forma como essas pequenas cidades se situam e interagem com seus entornos geográficos, marcados pela presença ou, até mesmo, pela ausência da floresta.

Observa-se que ao final do século XX, a vida nessas cidades tem apresentado modificações incluindo o uso de tecnologias, que possibilitam a veiculação de informações e, conseqüentemente, o acesso à modernização.

Esses fatores contribuem concreta e subjetivamente para o surgimento de novo processo urbano, que se apresenta, também, com aspectos complexos tanto positiva quanto negativamente. Do ponto de vista positivo, as pequenas cidades passam a ser associadas à ideia do novo, do que é moderno, já que se tem a inserção de novos elementos em seu espaço e tempo.

Por outro lado, negativamente, essas cidades passam a ser associadas à baixa qualidade de vida, à própria constituição de ser um lugar inerte, ou mesmo, um espaço de destruição, de violência, adjetivações essas que buscam por associá-las ao espaço urbano, quase sempre (OLIVEIRA, 2004). A esse respeito, observa-se que:

As pequenas cidades amazônicas apresentam essa contradição: são articuladas a relações pretéritas caracterizadas pela inércia e, ao mesmo tempo, articuladas a dinamicidades contemporâneas que as ligam ao mundo, especialmente a partir da biodiversidade e da sociodiversidade. Essa contradição, que de resto não é exclusiva da Amazônia, possibilita as simultaneidades nas inovações e sinais da modernização na paisagem (especialmente ligados à comunicação, mas também aos equipamentos). (OLIVEIRA, 2004, p. 28).

Diante desse cenário, é possível visualizar uma realidade que é, ao mesmo tempo, complexa e contraditória, que ultrapassa a paisagem natural ou artificial aparente de perceber a Amazônia, especialmente suas pequenas cidades, do ponto de vista funcional e caricatural de que são só fronteira e fonte de recursos inesgotáveis.

É muito mais que isso. É preciso considerar que as ações nela e para ela busquem condições da urbanidade, por meio do planejamento urbano e regional, não só para melhorar a funcionalidade da produção e circulação de mercadorias, mas melhorar a vida das pessoas, nesse caso específico a vida dos ribeirinhos.

Oliveira (2004) destaca que a vida nas cidades da Amazônia Brasileira localizadas à beira dos rios, está apresentando transformações expressivas, que são percebidas logo na chegada do barco, o que se justifica pela assertiva, onde afirma que:

Dessas cidades, temos a primeira visão de longe quando o barco em que navegamos se aproxima. Se for dia vemos a torre da telefônica, antes víamos a torre da igreja. À noite é o clarão da cidade que se achega vagarosamente, sem pressa. A viagem é longa, mas a chegada à cidade, desde que temos a primeira visão, parece interminável, dando-nos tempo para os aconteceres e para a concretização do SER. Finalmente, chega-se ao porto, em que tudo é transitório. A improvisação do local onde param os barcos dá a quem chega à impressão de que, nas pequenas cidades da Amazônia, nada é perene, tudo é temporário, inacabado e precocemente deteriorado. [...] É quase sempre assim que se chega à maioria das cidades ribeirinhas e delas se tem a primeira impressão, que nem sempre fica, pois a concretude de um arruamento caótico, de equipamentos urbanos inexistentes ou inadequados, dá outra impressão dessas pequenas cidades mergulhadas na inércia. (OLIVEIRA, 2004, p. 27).

Nesse sentido, o autor ressalta que essa inércia pode ser apenas aparente. Entretanto, é preciso considerar as interações sociais existentes nas pequenas cidades amazônicas, pelo fato de existir intensa movimentação de pessoas, bens e serviços, que contribuem para a constituição de vínculos entre os agentes envolvidos.

5.3 PRODUTOS COLETADOS E/OU MANUFATURADOS PARA COMERCIALIZAÇÃO NA RMM, MERCADOS INSTITUCIONAIS E EMPRESA PRIVADA

O estudo de Mello *et al.* (2013) analisou a composição da renda de famílias da Ilha das Cinzas para demonstrar a importância da diversificação das atividades desenvolvidas e a representatividade da produção consumida (renda invisível) para a economia familiar, além de demonstrar a importância da organização das informações sobre as atividades produtivas para orientar e melhorar o planejamento do trabalho.

Os supracitados autores apontam na pesquisa que as atividades econômicas desenvolvidas envolvem os produtos oriundos do manejo do camarão, muito concentrado entre os meses de agosto e outubro e inexistente entre os meses de janeiro e abril. Também realizam o manejo dos açazais, onde o fruto é colhido durante o ano todo, com o pico de produção concentrado nos meses de junho a setembro e entre os meses de janeiro e abril tem a produção quase toda consumida pelas famílias. Existe também na região manejo do palmito, subproduto do cultivo do açaí, realizado entre os meses de outubro e janeiro, assim como o manejo de madeira, com destaque para o pau-mulato e o cultivo e extrativismo de frutas, tais como: laranja, cupuaçu, banana, cacau, ingá e abacate (QUADRO 2).

Quadro 2 – Atividades econômicas desenvolvidas na Ilha das Cinzas, segundo Mello *et al.* (2013)

Atividade Econômica	Período
Manejo do camarão	Entre agosto e outubro
Manejo dos açazais	Colheita do fruto o ano todo, com pico de produção entre os meses de junho a setembro
Manejo do palmito	Entre outubro e janeiro
Manejo de madeira	Sem informação
Extrativismo de frutas	Sem informação

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Ainda de acordo com os autores, o manejo do fruto do açaí gera uma renda anual de aproximadamente R\$ 5.400,00 por família, constituindo-se como principal recurso extraído das terras de várzea, seguido da extração do palmito, que é uma fonte secundária de renda.

Silva (2018) destaca que a partir do ano de 2015, ocorreu um aumento na renda dos moradores da Ilha por meio da extração de sementes fornecidas a empresas de cosméticos.

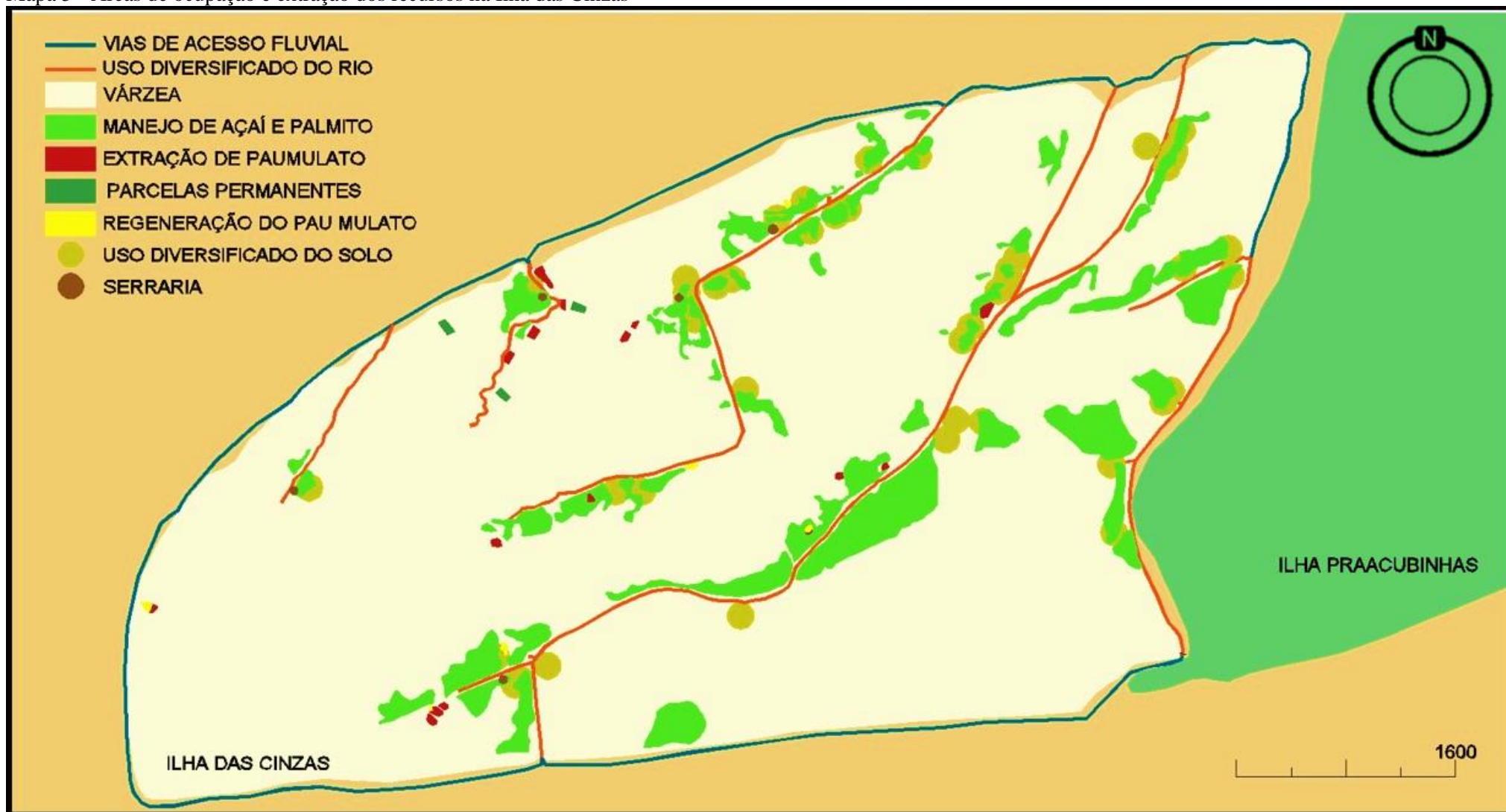
No Mapa 5 é indicado as áreas de ocupação e extração dos recursos naturais na Ilha das Cinzas, onde é possível visualizar que as linhas em vermelho mostram as áreas de uso diversificado do rio.

De acordo com Silva (2018), nessas áreas de uso diversificado do rio, as famílias desenvolvem atividades referentes ao manejo do camarão, coleta de sementes, de lazer, dentre outras. Dessa forma, o rio mostra-se como um importante elemento para a cultura, história e geografia da região, visto que é utilizado como via de transporte, subsistência e reprodução social da comunidade.

O autor afirma ainda que a área demarcada para o uso diversificado do solo, representa o raio de influência em cada família de aproximadamente 100 metros, abrangendo as casas ribeirinhas e suas infraestruturas de apoio, plantações de hortaliças, pequenas culturas como milho, extração de outras frutas como cupuaçu, muruci, graviola, entre outras., criação de animais e caça.

Enquanto as manchas de extração de pau-mulato, parcelas permanentes, regeneração do pau-mulato e serraria representam as áreas destinadas ao manejo da madeira. Nas áreas de regeneração também são feitas plantações de bananeiras e açazais (FREITAS, 2017).

Mapa 5 - Áreas de ocupação e extração dos recursos na Ilha das Cinzas



Fonte: Elaborado por Silva (2018), adaptado de EMBRAPA (2014).

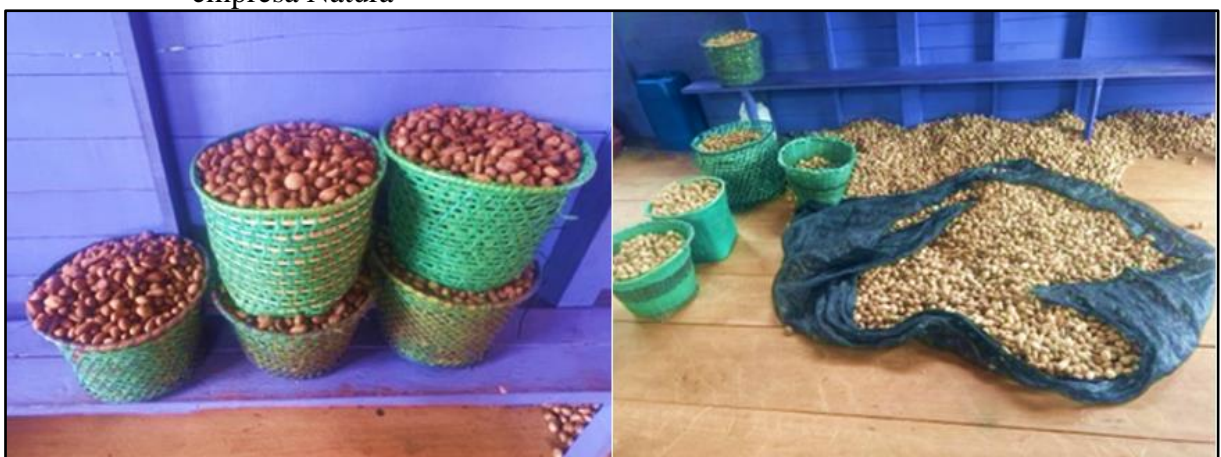
Cuvillier (2018) corrobora ao destacar que as famílias na comunidade vivem de atividades produtivas decorrentes do agroextrativismo. Dentre elas, o manejo e corte de madeira (principalmente, pau-mulato e andiroba) para pequenas construções que abastecem a própria comunidade e regiões próximas à Ilha, manejo e colheita de frutos e palmitos do açazeiro (FOTOGRAFIA 4); produções complementares ou iniciantes de sementes de espécies oleaginosas, tais como, *Carapa guianensis* Aubl. (Andirobeira), *Virola surinamensis* (Rol. ex Rottb.) Warb. (Ucuubeira) e *Astrocaryum murumuru* Mart. (murumuruzeiro) (FOTOGRAFIA 5), que são vendidas para a empresa brasileira Natura. A colheita de frutas (bananas) e pesca e manejo de camarão (FOTOGRAFIAS 6 e 7) destinados ao consumo próprio e venda.

Fotografia 4 - Colheita do fruto do açazeiro, Ilha das Cinzas-PA (2022)



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Fotografia 5 - Sementes de *Astrocaryum murumuru* Mart. (murumuruzeiro) para entrega à empresa Natura



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Fotografia 6 - Preparo da isca para pesca do camarão usando o matapi



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Fotografia 7 - Pesca do camarão com a utilização do matapi



Fonte: Malheiros (2019).

Santos (2020) contribui para o debate destacando que a base econômica e alimentar das famílias da Ilha são provenientes dos extrativismos do açaí e do camarão, havendo em menor grau as coletas de óleos vegetais e sementes de *Carapa guianensis* Aubl. (Andirobeira), *Pentaclethra macroloba* Willd. (Pracaxizeiro), *Virola surinamensis* (Rol. ex Rottb.) Warb. (Ucuubeira), dentre outras e de palmito do açazeiro, pesca, agricultura de subsistência, caça, exploração madeireira (microserrarias). Treccani (2006) cita as produções familiares de milho e banana, geralmente em áreas de topografia mais elevada, de menor incidência das marés de várzeas.

A comunidade apresenta serrarias familiares de pequeno porte e nesse sentido Ribeiro (2017) aponta a existência de quatro serrarias, construídas próximas das casas das famílias a que pertencem, às margens do rio, o que facilita o acesso e o escoamento da produção que é feita por meio de barco, jangada ou canoa. A mão de obra utilizada na extração da madeira é familiar, sendo uma atividade tradicional repassada de pais para filhos. Acrescenta ainda que:

Atualmente, na comunidade da Ilha das Cinzas foi observado que a cadeia produtiva da madeira das várzeas atende principalmente a população de baixa renda que vive nas periferias das cidades e populações que moram nas margens dos rios para construção de suas casas e palafitas. Com a valorização do açaí, esse tem se tornado o principal sistema produtivo da várzea, enquanto que a produção de madeira serrada vem diminuindo. (RIBEIRO, 2017, p. 24)

Nesse contexto, nos Quadros 3 e 4, são sintetizados os produtos de origem vegetal e animal, respectivamente, coletados ou manufaturados na Ilha das Cinzas para comercialização na Região Metropolitana de Macapá, mercados institucionais, como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e empresa privada, provenientes do levantamento bibliográfico realizado nos trabalhos entre os anos de 2006 a 2021, dos quais as famílias dependem dos seus ciclos produtivos para contribuir com os aspectos socioeconômicos e segurança alimentar da comunidade.

Quadro 3 - Produtos de origem vegetal coletados ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura (continua)

PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL					
Etnoespécie	Nome Científico	Produto	Local da comercialização	Unidade de Medida de venda	Fonte
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Fruto	Sem informação	Unidade	Mello <i>et al.</i> (2013)
Abóbora, jerimum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Fruto	CONAB–Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	ATAIC (2022)
Açaizeiro	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Fruto e palmito	CONAB-Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	Santos (2020), ATAIC (2022)
Andirobeira	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Madeira, sementes para cosméticos e óleo das sementes	Sem informação	Sem informação	Santos (2020), Treccani (2006)
Bacurizeiro	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Fruto	Sem informação	Unidade	Mello <i>et al.</i> (2013)
Bananeira	<i>Musa</i> L.	Fruto	CONAB-Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	Santos (2020), ATAIC (2022), Treccani (2006)
Buritizeiro	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Fruto	CONAB–Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	ATAIC (2022)
Cacaueiro	<i>Theobroma cacao</i> L.	Fruto	Sem informação	Unidade	Mello <i>et al.</i> (2013)
Cupuaçuzeiro	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) K. Schum. in Mart.	Fruto	Sem informação	Unidade	Silva (2018)

Quadro 3 - Produtos de origem vegetal coletados ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura (continuação)

Etnoespécie	Nome Científico	Produto	Local da comercialização	Unidade de Medida de venda	Fonte
Gravioleira	<i>Annona muricata</i> L.	Fruto	Sem informação	Sem informação	Silva (2018)
Ingazeiro, ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Fruto	Sem informação	Unidade	Mello <i>et al.</i> (2013)
Inhame, Cará roxo	<i>Dioscorea alata</i> L.	Raiz	CONAB–Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	ATAIC (2022)
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Fruto	Sem informação	Unidade	Mello <i>et al.</i> (2013)
Melanciaira	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Fruto	CONAB–Diocese de Macapá/Creches	Kilograma	ATAIC (2022)
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Espigas	Sem informação	Sem informação	Santos (2020), Treccani (2006)
Muricizeiro	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Fruto	Sem informação	Sem informação	Silva (2018)
Murumuruzeiro	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Sementes para cosméticos	Natura	Kilograma	Santos (2020), ATAIC (2022)
Patauazeiro	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Sementes para cosméticos	Natura	Kilograma	ATAIC (2022)
Pau mulateiro, pau mulato	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Madeira	Macapá e Santana	Sem informação	Castilho (2013), Guedes <i>et al.</i> , (2016), Ribeiro (2017)

Quadro 3 - Produtos de origem vegetal coletados ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura (conclusão)

Etnoespécie	Nome Científico	Produto	Local da comercialização	Unidade de Medida de venda	Fonte
Pracaxizeiro	<i>Pentaclethra maculoba</i> (Willd.) Kuntze	Sementes para cosméticos e óleo das sementes	Sem informação	Sem informação	Santos (2020), Treccani (2006)
Ucuubeira, viroleira	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	Sementes para cosméticos e óleo das sementes	Natura	Kilograma	Santos (2020), ATAIC (2022), Treccani (2006)

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Quadro 4 - Produtos de origem animal coletados e/ou manufaturados da Ilha das Cinzas para comercialização na RMM, mercados institucionais (PAA) e empresa privada Natura

PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL					
Etnoespécie	Nome Científico	Produto	Local da comercialização	Unidade de Medida de venda	Fonte
Porco	<i>Sus domesticus</i> Erxleben, 1977	Carne	Sem informações	Unidade	Santos (2020)
Galinha	<i>Gallus gallus</i> (Linnaeus, 1758)	Carne e ovos	Sem informações	Unidade	Santos (2020)
Pato	<i>Anas Linnaeus</i> , 1758	Carne	Sem informações	Unidade	Santos (2020)
Camarão	<i>Macrobrachium amazonicum</i> (Heller, 1862)	Carne	Macapá e Santana	Kilograma	Santos (2020)
Pesca	Diversas espécies	Carne	Sem informações	Kilograma	Treccani (2006)
Caça	Diversas espécies	Carne	Sem informações	Kilograma	Treccani (2006)

Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

Neste contexto, cabe mencionar ainda, a comercialização de sementes existente na Ilha. Na ATAIC, mais de 300 famílias que participam da cadeia produtiva vendem as sementes que são encaminhadas para a empresa Natura.

Destes, somente o patauá é proveniente de outra região, porque na Ilha das Cinzas não tem de forma natural e a ATAIC compra no município de Chaves-PA e Anajás-PA e revende para a Natura. Dessa forma, as famílias coletoras têm a atividade como um complemento de renda por meio do fornecimento de sementes, além de contribuir para o fortalecimento da cadeia de produtos da sociobiodiversidade e manutenção da floresta em pé.

5.4 PRODUTOS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS CINZAS E OS REFLEXOS PARA AS INTERAÇÕES SOCIAIS COM A REGIÃO METROPOLITANA DE MACAPÁ

A sociobiodiversidade emerge no contexto brasileiro como fruto de mobilização e luta dos povos, comunidades tradicionais e agricultores familiares por justiça social, desenvolvimento sustentável, geração de renda, preservação da biodiversidade, além dos conhecimentos tradicionais, com expressivo valor político e social (BRASIL, 2006). E foi materializado em 2009 com a publicação do Plano Nacional de Promoção de Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade (PNPSB), que define produtos da sociobiodiversidade como:

Bens e serviços (produtos finais, matérias primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem. (BRASIL, 2009, p. 9).

Diante de tal entendimento, destaca-se as práticas de cultivo, uso de espécies nativas e produtos da sociobiodiversidade que refletem nas interações sociais de comunidades tradicionais, como é o caso da Ilha das Cinzas, que estabelece relações comerciais com a Região Metropolitana de Macapá.

Nela, as relações comerciais (escoamento da produção de peixe, camarão, açaí) e sociais são estabelecidas fortemente com os municípios de Santana, Mazagão e Macapá. Tal fato se justifica, também, pela distância entre a Ilha e sua sede Gurupá, que de barco se tem a realização de uma viagem de 15 a 18 horas, sendo mais viável esse processo de escoamento da produção em terras amapaenses (SOUSA; MIRANDA; FREIRE, 2011).

No Mapa 6 é ilustrado o fluxo de produtos, pessoas e serviços internos e externos da Ilha das Cinzas com os municípios de Macapá, Santana e Mazagão.

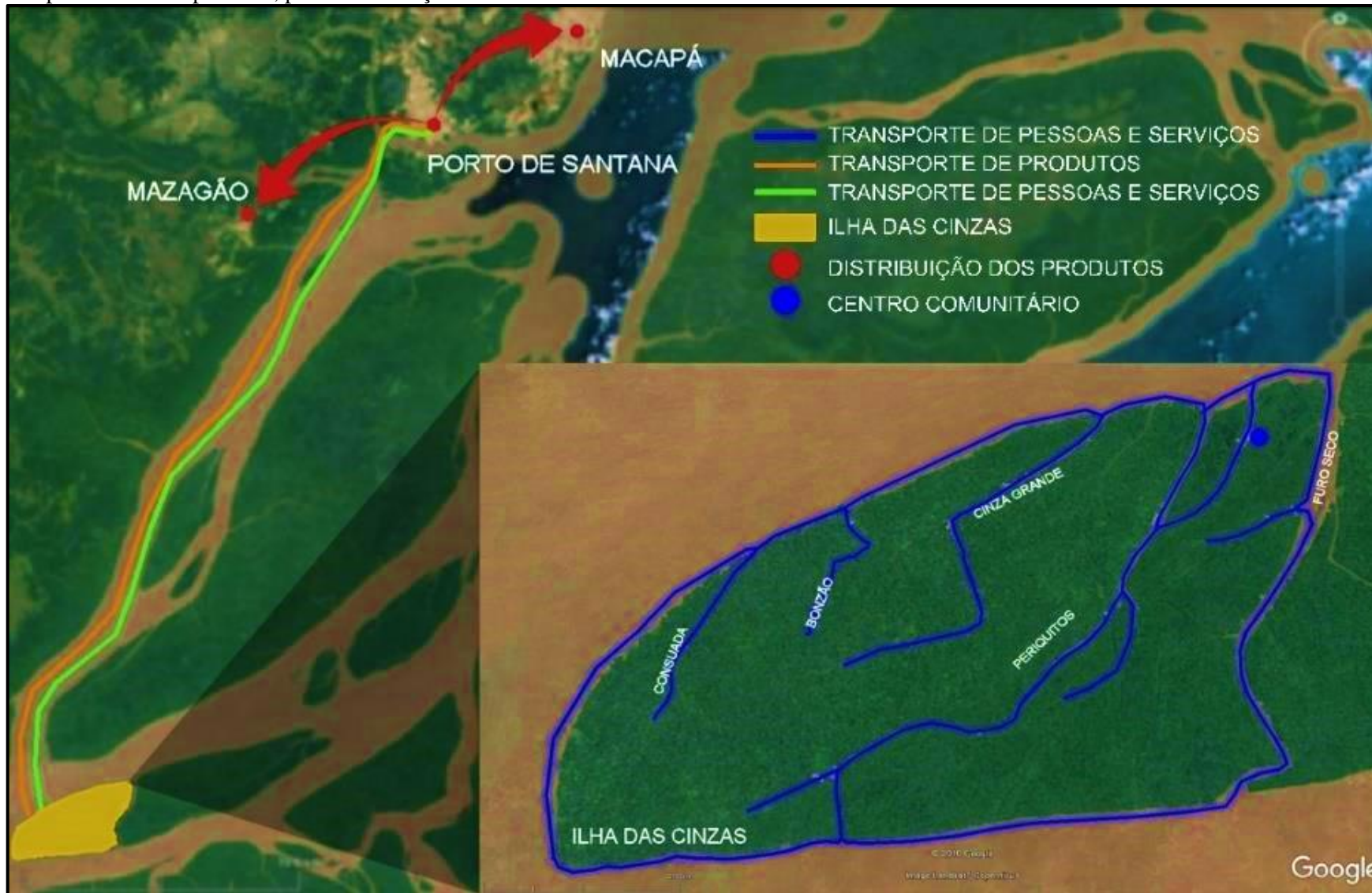
O fluxo entre os municípios pode ser feito por meio de embarcações maiores, que são responsáveis por levar os produtos, pessoas e serviços; e as embarcações menores (voadeiras) são responsáveis pelo fluxo de pessoas e serviços, porém em menor tempo. Neste tipo de mobilidade os produtos chegam ao porto de Santana e são distribuídos para Santana, Macapá e Mazagão. (SILVA, 2018, p. 50).

O autor revela ainda que dentro da Ilha ocorre o fluxo de pessoas e serviços, ação necessária para a troca de informações entre famílias, serviços e eventualmente para a concentração de produtos a serem distribuídos para o centro comunitário onde encontram-se a escola, os espaços de reunião da associação, dentre outros. E, esta dinâmica interna é feita por meio de voadeiras e rabetas.

Conforme Silva (2018) e Santos (2020) ocorre também o fluxo reverso, uma vez que serviços como pagamentos, educação superior, aposentadoria, documentos, bem como produtos que não são encontrados na ilha vão de Santana para a comunidade, como equipamentos diversos, maquinários e combustível.

Os estudos de Costa (2010) apontam que nas comunidades que praticam o manejo do camarão, o beneficiamento é feito por meio do cozimento, utilizando-se água e sal. Neste processo, os camarões ganham o nome de salgado ou frito, porém independente do ato de beneficiar, ocorre a comercialização do camarão fresco ou *in natura*, mas em menor escala. Na comercialização do produto, recorre-se às cidades mais próximas, Gurupá (centro), Santana (AP), onde as vendas são feitas diretamente ou por meio de intermediário.

Mapa 6 - Fluxo de produtos, pessoas e serviços internos e externos



Fonte: Elaborado por Silva (2018), adaptado de Google Earth, 2017.

Ocorre também a comercialização do açaí e nesse aspecto Santos (2020) destaca a cadeia produtiva do fruto açaí na Ilha das Cinzas.

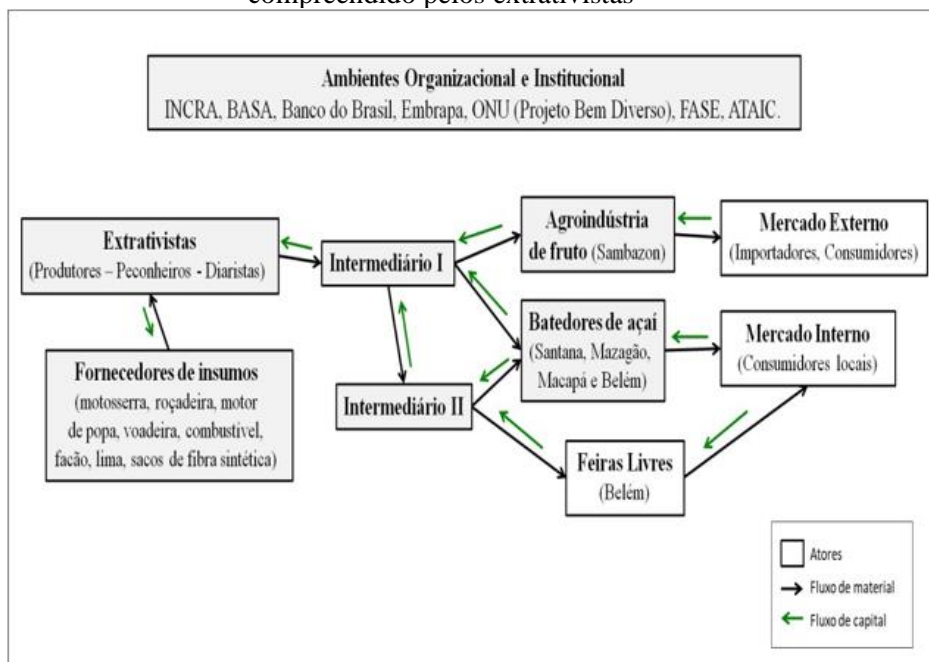
A cadeia é incompleta, tendo como principais atores os extrativistas e os intermediários. Embora presente na cadeia produtiva local, o ator agroindústria de fruto (representado localmente pela indústria exportadora Sambazon com sede no Rio de Janeiro) não participa de forma direta e permanente, uma vez que o foco do intermediário I é a comercialização com os “batedores de açaí” pelas maiores margens de lucro. O município de Santana (Amapá) é o principal destino da produção da Ilha, na qual abastece a região metropolitana de Macapá (Amapá), juntamente com as produções dos municípios paraenses de Afuá, Breves e Chaves. Contudo, parte da produção na safra da Ilha segue para Belém (Pará), maior mercado consumidor nacional do fruto in natura. (SANTOS, 2020, p. 184-185).

O estudo do referido autor, elenca ainda que:

Os ambientes organizacional e institucional são formados, diretamente, por órgãos de regularização fundiária, creditícios, pesquisa, vigilância sanitária, cooperação internacional e fomento comunitário. Apesar de parte pequena da produção de fruto açaí ser direcionada para a agroindústria, os extrativistas não mantêm relações diretas com a empresa e, por conseguinte, com o mercado externo. A compra de equipamentos, maquinários e combustíveis pelos extrativistas é feita nos “fornecedores de insumos” dos municípios de Santana, Mazagão e Macapá. (SANTOS, 2020, p. 185).

No Fluxograma 1 é apresentado a cadeia produtiva do açaí na Ilha das Cinzas de acordo com o entendimento dos extrativistas, segundo Santos (2020).

Fluxograma 1 - Cadeia produtiva do açaí da Ilha das Cinzas, conforme compreendido pelos extrativistas



Fonte: Santos (2020)

Além do manejo do camarão e açaí, prevalece a comercialização de outros produtos. Castilho (2013) concluiu em sua pesquisa que em 56 micro serrarias estudadas, são serradas por ano 122.080 toras, correspondendo a um volume total de 66.034 m³ de madeira. Deste total, são consumidas, anualmente, 30.520 toras de pau mulato e um volume de 16.508 m³, representando 25% do total produzido nas micro serrarias estudadas.

Essas micro serrarias estão localizadas próximas ao canal norte do rio Amazonas, nos municípios de Mazagão (AP), Gurupá (PA) e Afuá (PA) e de acordo com Queiroz e Machado (2007), o município de Gurupá é um dos principais fornecedores de madeira para o estado do Amapá, juntamente com os municípios de Afuá e Breves.

Para Guedes *et al.* (2016) a madeira serrada da árvore do pau mulato nas micro serrarias das áreas de várzea do estuário do Rio Amazonas é utilizada na confecção das casas da população que vive nas várzeas e também comercializada para Macapá e Santana, normalmente, destinada à construção de casas nas periferias das cidades. Os principais tipos de peças produzidas nas serrarias para a construção das casas são a tábua, que é utilizada no assoalho e paredes; o flechal e a perna manca, utilizados na estrutura do telhado; o ripão, que é utilizado para fazer as estruturas das divisões internas e pregar as tábuas sobre eles.

Ribeiro (2017) enfatiza a existência de quatro micro serrarias em funcionamento na Ilha que atendem demandas de comunidades e cidades próximas, como Macapá e Santana, notadamente de baixa renda. O fato de não serem legalizadas, tampouco, as madeiras serem beneficiadas com qualidade, seus preços são baixos, motivando a desativação gradativa do negócio.

As quatro serrarias da Ilha estão localizadas próximas das casas das famílias a que pertencem, sendo que prevalece a existência de uma serraria em cada um dos quatro igarapés, que servem como via de acesso e de escoamento das produções, por meio de barco, jangada ou canoa, até o rio Amazonas e à cidade de Santana, município em que ocorre a venda da maior parte dos produtos (CUVILLIER, 2018).

Nesta conjuntura, para garantir uma melhor inserção das atividades desenvolvidas na Ilha das Cinzas, de acordo com Costa (2010), no ano de 2000 foi criada a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC) para representar legalmente os interesses da comunidade, fortalecer a pesca do camarão, bem como incentivar a utilização de recursos naturais de forma sustentável e apoiar não somente a comunidade local, mas a região de Gurupá como um todo, o que facilitou a captação de recursos para a localidade.

Dentre os trabalhos desenvolvidos por meio da ATAIC, tem-se a regularização das terras ocupadas pelas famílias, transformando a ilha em um assentamento rural; construção de

escola de ensino médio; estação digital; melhorias na comercialização dos produtos locais, através do acesso ao primeiro sistema fotovoltaico da Ilha.

Ademais, a ATAIC foi vencedora do prêmio Finep de Inovação Tecnológica que deu origem a um projeto com recursos aplicados nos últimos anos, tendo como objetivos: a) o fortalecimento e diversificação dos sistemas produtivos (manejo de açaizais); b) instalação de fossas sépticas biodigestoras-FSBs; c) implantação de sistemas de filtração da água com cloração automática visando a instalação do sistema fotovoltaico na área comunitária da sede da Associação.

Para além disso, a ATAIC em parceria com a EMBRAPA-AP desenvolveu o projeto de “Saneamento e Manejo Comunitário de Recursos Naturais da Floresta e do Rio”. E, atualmente, está executando o projeto de Energia Solar para soberania alimentar de comunidades extrativistas e gestão do projeto de Doação Simultânea de código PA/2020/02/0044.

O projeto de Doação Simultânea de código PA/2020/02/0044 contempla 30 famílias da Ilha das Cinzas como beneficiários-fornecedores incluídos no programa que visa entrega de produtos para alimentação de cerca de 1.600 crianças de 3 a 5 anos assistidas pelas obras sociais da Diocese de Macapá, distribuídas em 5 creches (1. Centro Educacional Nossa Senhora de Nazaré; 2. Centro Educacional Padre Paulo Lebre; 3. Centro Educacional Maria Imaculada; 4. Centro Educacional Irmã Carmela Bonassi e, 5. o Centro Educacional Dom João Rizatti) no estado do Amapá. Os produtos constam de açaí (fruto *in natura*), abóbora, buriti (fruto *in natura*), inhame (*in natura*), banana com classificação sem características e melancia com classificação sem características. Na Tabela 1 estão descritos os produtos e suas respectivas quantidades e valores referentes a safra de 2020/2021.

Tabela 1 - Relação de produtos do projeto de doação simultânea, safra 2020-2021

Produto	Unidade	Preço		Valor (R\$)
		Unitário (R\$)	Quantidade	
Abóbora	Kg	1,16	7.000	8.120,00
Açaí	Kg	3,85	25.974	99.999,90
Banana	Kg	1,37	3.000	4.110,00
Buriti	Kg	1,30	60.000	78.000,00
Inhame	Kg	2,96	5.000	14.800,00
Melancia	Kg	0,98	1.500	1.470,00
Valor Total		11,62	102.474	206.499,90

Fonte: Elaborada pela autora (2022), adaptada da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) e Sistema de Gestão do Programa de Aquisição de Alimentos (SIGPAA).

Neste caso, para acesso ao mercado institucional a ATAIC foi assessorada por um grupo de amigos do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) que ajudou na elaboração do projeto para concorrer no edital da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). Este mesmo grupo de amigos teve apoio do Projeto CNS/Memorial Chico Mendes (MCM) com a Regnskogfondet por meio de Termo de Cooperação, com o objetivo de minimizar os impactos da pandemia da COVID-19.

A ATAIC realizou a 1ª entrega de produtos desta relação, dentro do Programa de Aquisição de Alimentos para as obras sociais da Diocese de Macapá, no período de 20 a 22 de junho de 2021. Dessa forma, o manejo de produtos da sociobiodiversidade, além de gerar renda, promovem o bem-estar social das populações tradicionais extrativistas e garantem a floresta em pé. Ao mesmo tempo que melhora a venda de produtos com vantagem para os produtores e consumidores, contribuindo para a eliminação de atravessadores nos mercados locais.

A atuação da ATAIC além de promover a utilização e comercialização dos produtos da sociobiodiversidade da Ilha, contribuiu para mudanças no processo educacional, pois com o apoio desta associação, a escola da Ilha passou a ter o seu próprio prédio e ainda ampliou a oferta de ensino do 1º ao 9º ano (MALHEIROS, 2018).

O fato da escola da Ilha não ofertar o Ensino Médio, acaba refletindo também para as interações sociais com a RMM, pois os concluintes do 9º ano para continuar seus estudos precisam se deslocar para outros estados, principalmente para o estado do Amapá, municípios de Macapá e Santana. Ademais, pode-se mencionar outros fatores que ainda colaboram para esta interação, como problemas relacionados ao tratamento adequado da água na região; a geração de energia; os problemas de esgoto; problemas referentes ao saneamento básico, dentre outros. (MALHEIROS; ROSA; SANTANA, 2015).

A partir disso, percebe-se que questões econômicas, sociais, uso de serviços de saúde e educação são fundamentais para a compreensão das interações sociais ribeirinhas da comunidade com a Região Metropolitana de Macapá.

5.5 PRODUTOS VEGETAIS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS CINZAS

Nessa seção estão detalhados os produtos da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas que são comercializados por meio das interações sociais ribeirinhas com a RMM, principalmente, nos municípios de Macapá e Santana, mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e empresa privada como a Natura.

Dessa forma, estão descritas 21 espécies vegetais pertencentes a 15 famílias de 20 gêneros, identificadas no levantamento bibliográfico e documental realizado, que contribui para o desenvolvimento local e reflete nas interações sociais ribeirinhas da Ilha (QUADRO 5).

Quadro 5 – Relação das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas registradas no levantamento, 2022

Etnoespécie	Nome Científico	Família
Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae
Abóbora, jerimum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae
Açaizeiro	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Arecaceae
Andirobeira	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Meliaceae
Bacurizeiro	<i>Platonia insignis</i> Mart.	Clusiaceae
Bananeira	<i>Musa</i> L.	Musaceae
Buritizeiro	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	Arecaceae
Cacaueiro	<i>Theobroma cacao</i> L.	Malvaceae
Cupuaçuzeiro	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. Ex Spreng.) K. Schum. in Mart.	Malvaceae
Gravioleira	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae
Ingazeiro, ingá	<i>Inga edulis</i> Mart.	Fabaceae
Inhame, Cará roxo	<i>Dioscorea alata</i> L.	Dioscoreaceae
Laranjeira	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Rutaceae
Melanciaira	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	Cucurbitaceae
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae
Muricizeiro	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Malpighiaceae
Murumuruzeiro	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.	Arecaceae
Patauazeiro	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	Arecaceae
Pau mulateiro, pau mulato	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.	Rubiaceae
Pracaxizeiro	<i>Pentaclethra maculoba</i> (Willd.) Kuntze	Fabaceae
Ucuubeira, viroleira	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.	Myristicaceae

Fonte: Elaborado pela Autora (2022), baseado em dados coletados (2022).

No Apêndice B as espécies registradas no levantamento são apresentadas em pranchas individuais (monografias) com as seguintes informações:

- Nome vernacular;
- Nome científico;
- Família;
- Características gerais da espécie;
- Forma de vida;
- Origem;
- Produto coletado e/ou manufaturado da espécie;
- Fotografias ilustrativas da espécie em questão in vivo e exsicatas da mesma.

5.5.1 Famílias botânicas das espécies registradas

As famílias botânicas que mais se destacaram pela maior riqueza de espécies foram: Arecaceae (4 espécies), Cucurbitaceae, Fabaceae e Malvaceae (2 espécies cada). As demais famílias aparecem com somente 1 espécie (TABELA 2).

Tabela 2 – Frequências absolutas e relativas das famílias botânicas das espécies da sociobiodiversidade registrada da Ilha das Cinzas-PA

Família	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
	Nº Espécies	%
Arecaceae	4	19,05
Cucurbitaceae, Fabaceae, Malvaceae	2 cada	9,52 cada
Annonaceae, Clusiaceae, Dioscoreaceae, Lauraceae, Malpighiaceae, Meliaceae, Musaceae, Myristicaceae, Poaceae, Rubiaceae, Rutaceae	1 cada	4,76 cada

Fonte: Elaborado pela Autora (2022), baseado em dados coletados (2022).

Silva Junior, Souza e Pádua (2021) apontam que a família Arecaceae é uma das que possui grande número de fruteiras tropicais e subtropicais. O autor ainda aponta que:

Atualmente, a procura por alimentos e produtos chamados “verdes” ou “ecológicos”, relacionados à biodiversidade, produzidos de forma sustentável, saudáveis, ricos em nutrientes e antioxidantes e de sabor e aroma diferenciados, tem levado a uma grande

valorização das frutas brasileiras pela população, pelo mercado e pela agroindústria. Não apenas as frutas in natura, mas sucos, néctares e mixes; doces, geleias e barras de cereais; sorvetes e sorbets; bebidas lácteas e iogurtes com blends; pratos gourmet com frutas nativas têm cada vez mais estado presentes no dia a dia de brasileiros e estrangeiros (SILVA JUNIOR; SOUZA; PÁDUA, 2021, p. 25).

Vale ressaltar que além da utilização dos frutos como alimentos, muitas palmeiras têm outras partes botânicas valorizadas pela produção de fibras, resinas, corantes, além de serem utilizadas como plantas ornamentais por conta de seu porte, folhagens e arquitetura das copas (SILVA JUNIOR, SOUZA; PÁDUA (2021).

Silva (2010) no Distrito do Carvão, Mazagão, encontrou a família Arecaceae como de maior riqueza de espécies nos quintais agroflorestais da localidade, sendo seus frutos usados na alimentação humana, como o açazeiro, tucumanzeiro, pupunheira, bacabeira e coqueiro, mas também usam como complemento na alimentação animal. As Arecaceae são ainda usadas na medicina natural, como plantas ornamentais e místicas.

Segundo Souza e Lorenzi (2008), a família Arecaceae é uma das maiores do mundo e, pela forma e aspecto, a mais característica da flora tropical (RIBEIRO *et al.*, 1999). A família está representada por cerca de 2.600 espécies distribuídas em 181 gêneros (BAKER; DRANSFIELD, 2016). Na América do Sul, Dransfield *et al.* (2008) reconheceram 50 gêneros e 437 espécies. O Brasil é considerado o terceiro país mais diversificado, com 37 gêneros e 299 espécies (BFG, 2015; DRANSFIELD *et al.*, 2008; LEITMAN *et al.*, 2019).

O bioma Amazônia abriga a maior diversidade de palmeiras do território brasileiro formando um grupo com alta riqueza de espécies, correspondendo a 35 gêneros e 150 espécies (HENDERSON, 1995). Medeiros (2020) aponta ainda que as Arecaceae se destacam pela abundância e riqueza de espécies em florestas tropicais, onde são conhecidas e utilizadas por comunidades tradicionais.

5.5.2 Gêneros das espécies registradas

O gênero botânico que mais se destacou foi *Theobroma* com 2 espécies. Os demais gêneros apresentaram somente 1 espécie (TABELA 3).

O gênero *Theobroma* possui espécies de enorme valor socioeconômico ((SILVA JUNIOR, SOUZA; PÁDUA (2021). *Theobroma* é um gênero Neotropical nativo da Amazônia com 22 espécies descritas, das quais 13 ocorrem no Brasil. Este é o grupo dos cacaos, com grande importância material e simbólica em muitas sociedades americanas antigas e contemporâneas (COLLI-SILVA, 2020).

Tabela 3 - Frequências absolutas e relativas dos gêneros botânicos das espécies da sociobiodiversidade registrada da Ilha das Cinzas-PA

Família	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
	Nº Espécies	%
<i>Theobroma</i>	2	9,52
<i>Annona, Astrocaryum, Byrsonima, Calycophyllum, Carapa, Citrullus, Citrus, Cucurbita, Dioscorea, Euterpe, Inga, Mauritia, Musa, Oenocarpus, Pentaclethra, Persea, Platonina, Virola, Zea</i>	1 cada	4,76 cada

Fonte: Elaborado pela Autora (2022), baseado em dados coletados (2022).

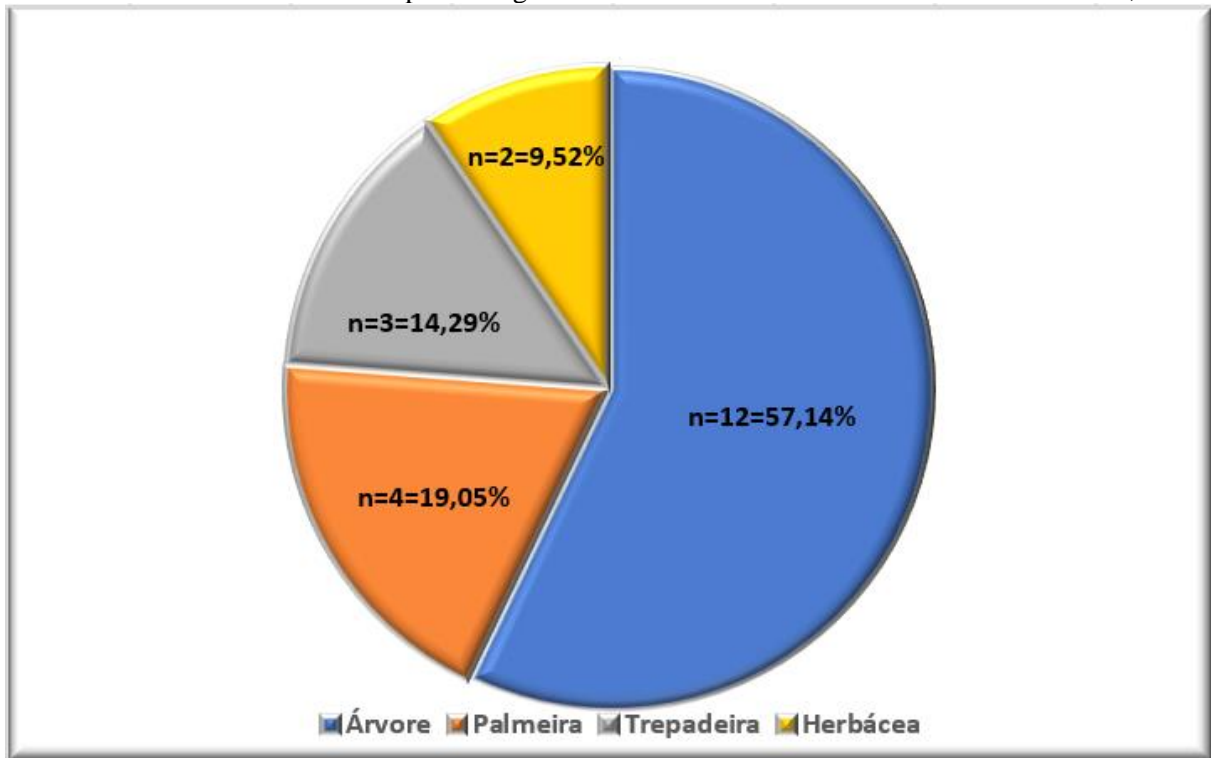
Os cacaos nativos são geralmente árvores pequenas que ficam próximos aos rios ou no sub-bosque das florestas de terra-firme amazônicas, ocorrendo sobretudo até os 1.000 m de altitude. Devido à sua importância e popularidade, muitos cacaos, em especial as espécies comercializadas (*Theobroma cacao* L. – o cacau comercial – e *Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K.Schum – o cupuaçu) são amplamente cultivadas no Brasil, em especial na região costeira do Nordeste, podendo formar populações espontâneas que crescem em áreas de sub-bosque da Mata Atlântica (COLLI-SILVA, 2020).

Os gêneros *Astrocaryum* G. Mey., *Oenocarpus* Mart. e *Euterpe* Mart. estão entre os mais diversificados na Amazônia brasileira (MEDEIROS, 2020) e junto com outros gêneros (*Attalea* Kunth., *Syagrus* Mart., *Desmoncus* Mart. e *Leopoldinia* Mart.) representando cerca de 30 % da riqueza de espécies da região (HENDERSON, 1995; HENDERSON; GALEANO; BERNAL, 1995).

5.5.3 Forma de vida das espécies registradas

Com relação ao hábito de crescimento (forma de vida) das espécies vegetais da sociobiodiversidade registradas da Ilha das Cinzas, destacaram-se as arbóreas (57,14%), seguidas das palmeiras (19,05%), trepadeiras (14,29%) e herbáceas (9,52%) (GRÁFICO 1).

Gráfico 1 – Formas de vida das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas-PA, 2022



Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

5.5.4 Origem das espécies registradas

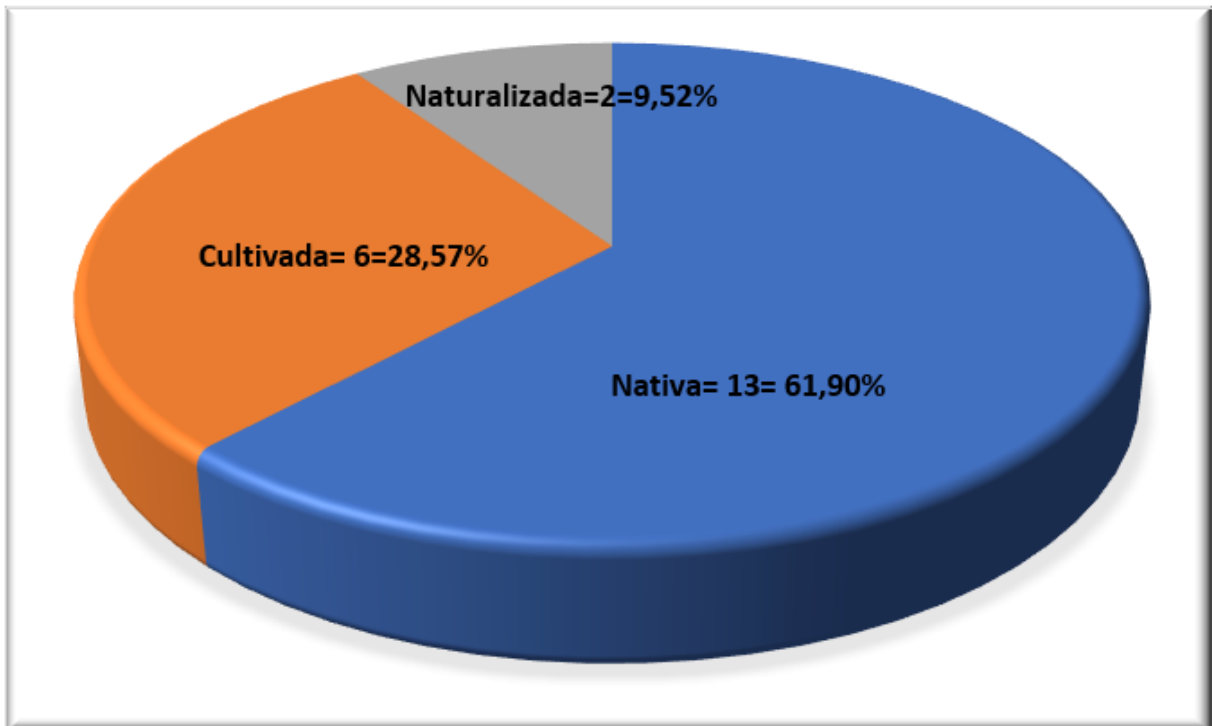
A distribuição natural das espécies (origem) das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas-PA registrou que 61,90% são nativas seguidas das cultivadas (28,57%) e naturalizadas (9,52%) (GRÁFICO 2).

Segundo Moro *et al.* (2012) espécies nativas são aquelas que ocorrem naturalmente em um dado local, devendo sua presença na área à sua própria capacidade dispersiva e competência ecológica. Essas espécies estão em dado local ou porque evoluíram ali, ou porque evoluíram em outros locais e se dispersaram sem ajuda humana até atingir sua atual distribuição geográfica. Em suma, uma espécie é considerada nativa de dado local se não tiver sido levada para lá pelos seres humanos.

As plantas consideradas cultivadas são aquelas que introduzidas pelo homem ou por qualquer outra circunstância, que crescem por um período pequeno de tempo em um determinado local, mas não conseguem estabelecer populações permanentes nem desempenhar uma reprodução com sucesso, não conseguindo se dispersar a partir do seu local de introdução. Algumas espécies cultivadas e largamente conhecidas podem eventualmente escapar do cultivo e através de uma dispersão casual. As espécies cultivadas são também conhecidas como espécies domesticadas (SCHNEIDER, 2007).

As espécies naturalizadas são aquelas introduzidas em uma determinada região geográfica, que se adaptam às condições locais e estabelecem populações capazes de reproduzirem-se espontaneamente (sem intervenção humana) e sustentem populações por muitas gerações. Frequentemente geram descendentes próximo às plantas adultas (SCHNEIDER, 2007).

Gráfico 2 – Distribuição natural das espécies vegetais da sociobiodiversidade da Ilha das Cinzas-PA, 2022.



Fonte: Elaborado pela Autora (2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as interações realizadas pelos moradores da Ilha das Cinzas-PA, os dados indicam que estas contribuem no cotidiano da comunidade, que mesmo fazendo parte do estado do Pará, é para os municípios de Macapá, Santana e Mazagão, no estado do Amapá que os moradores recorrem para o escoamento da produção da Ilha, comercialização dos produtos da sociobiodiversidade, bem como para terem acesso aos serviços públicos, principalmente, saúde e educação.

A relação dessa região é mais com Macapá e Santana do que com o próprio município de Gurupá-PA, devido à distância da sede e de toda logística. Dessa forma, os moradores tanto levam toda a produção da Ilha para ser comercializada em Macapá e Santana, quanto levam produtos destes municípios para a Ilha, o que caracteriza as ações recíprocas fundamentadas nas interações sociais existentes.

Os resultados aprimoraram esse entendimento, pois foi possível evidenciar que as relações com a terra, o rio e a floresta estabelecidas na Ilha das Cinzas colaboram para uma organização coletiva e cooperada nas atividades sociais, econômicas e produtivas do estuário amazônico ribeirinho, a qual é reproduzida nos modos de vida por meio do trabalho, que define a forma de existência e sobrevivência na relação com a natureza.

No levantamento realizado foram identificadas 21 espécies de produtos que são comercializados tanto na Região Metropolitana de Macapá quanto nos mercados institucionais (PAA) e empresa privada, incluídas em 15 famílias de 20 gêneros. As famílias botânicas que mais se destacaram pelo número de espécies foram *Arecaceae*, *Cucurbitaceae*, *Fabaceae* e *Malvaceae*. O gênero botânico que teve maior destaque foi *Theobroma*.

Com relação a forma de vida das espécies vegetais registradas, tiveram destaque as arbóreas, palmeiras, trepadeiras e herbáceas, e, quanto a origem das mesmas, tiveram destaque as nativas, cultivadas e naturalizadas.

Dessa forma, demonstra-se que estas espécies representam potencial para a comercialização, geração de renda, além de ampliar as possibilidades para atuação nos mercados institucionais e empresas privadas, contribuindo assim para o desenvolvimento da região.

Quanto a análise sobre o desenvolvimento e as relações socioeconômicas da região amazônica, especificamente da Ilha das Cinzas, aponta que esse processo faz parte de um contexto mais amplo de interesses para a região amazônica, considerando os aspectos

históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais e revela interesses na formação de territorialidades.

Ao retomar a indagação “para que/quem serve esse desenvolvimento e formação, particularmente da região amazônica?”, pode-se compreender que esse processo convém tanto a população local, os ribeirinhos, no caso da Ilha das Cinzas-PA, quanto ao seu entorno e para além dele, ao ser considerada as relações socioeconômicas, claro que é preciso levar em consideração aspectos mais ampliados de interesses sobre a formação e desenvolvimentos do espaço amazônico.

A partir da caracterização da Ilha, realizada no estudo, bem como suas interações com o estado do Amapá, evidenciou-se que essa relação é positiva, no entanto, não se percebe a atuação de uma política pública por parte do estado paraense que possibilite a superação de problemas sociais e econômicos local. A atuação dos ribeirinhos da Ilha por meio da sua organização na ATAIC e na comunidade de modo geral, acaba sendo mais efetiva do que a do Estado e do próprio município de Gurupá-PA.

Essa atuação ativa dos ribeirinhos da Ilha das Cinzas é fundamental, todavia, é emergente que se tenha uma atuação, também ativa, do Estado para a superação dos problemas sociais e econômicos da comunidade. O caminho a ser trilhado, considerando a “autonomia” de uma cidade, é complexo e requer, para além do entendimento do que pode ser feito, a consolidação de políticas públicas com o envolvimento de todos agentes que atuam, em diferentes escalas, no mesmo espaço social.

Assim sendo, por meio das análises, verifica-se a importância de se pensar um planejamento regional para atender as demandas da região à curto, médio e longo prazo, a partir da perspectiva participativa, haja vista que se tem a possibilidade de superar os desafios e problemas de uma cidade, principalmente os desafios postos às pequenas cidades ligadas ao rio e a floresta como é o caso da Ilha das Cinzas.

E com as ações desenvolvidas, principalmente, da ATAIC, dos projetos, da organização, mobilização das mulheres e da comunidade de modo geral, pode-se expandir essas práticas organizativas para além da Ilha das Cinzas. Por isso, compreende-se que este estudo pode contribuir com a ampliação dessas práticas organizativas nas comunidades ribeirinhas da Amazônia Amapaense.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C.; MURIETA, R.; NEVES, W. Introdução: As sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade. *In: ADAMS, C. et. al. (org.). Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade.* São Paulo: Annablume, 2006. p. 15-32.
- ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. **Acta. bot. Bras.** v. 13, n. 3, p. 307-315, 1999.
- ALMEIDA, E. M. M. de. **Educação Ribeirinha na Amazônia.** São Leopoldo: Oikos, 2010. v. 1. 191 p.
- AMORIM, J. P. de A. O processo de formação e metropolização da região metropolitana de Macapá – breves reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [s.1.], v. 23, e45, p. 1-12. fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/39329>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- BAKER, W. J.; DRANSFIELD, J. Beyond Genera Palmarum: progress and prospects in palm systematics. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 182, n. 2, p. 207-233, 2016.
- BATISTA, S. S. M.; GOMES, F. F. Modo de viver ribeirinho na Ilha do Combu em Belém Pará: organização sócio-produtiva. *In: XVI ENANPUR. Espaço, planejamento e insurgência, 2015.* Belo Horizonte. **Anais. Sessões Temáticas ST4 Natureza, reprodução social e bens comuns.** Belo Horizonte. p. 1-14.
- BECKER, B. K. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, v. 19, n. 53, 2005. p. 71-86.
- BECKER, B. K. Novas territorialidades na Amazônia: desafio às políticas públicas. **Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 5, n. 1, 2010. p. 17-23.
- BFG. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. **Rodriguésia**, v. 66, n. 4, p. 1085-1113, 2015.
- BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário; Ministério do Meio Ambiente; Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Plano nacional de promoção das cadeias de produtos da sociobiodiversidade.** Brasília, DF, 2009.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. **Agrobiodiversidade e Diversidade Cultural.** Brasília-DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. (Série Biodiversidade, v. 20).
- CANTUÁRIA, P. C. *et al.* Você conhece a nomenclatura biológica? Aprenda a forma correta de escrever os nomes dos organismos. **Research Society and Development**. v. 11, n. 3, 2022. e21711326378, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i2.26378>.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999. 630 p.

CASTILHO, N. T. F. **Manejo da regeneração natural e produção de madeira pau mulato em floreta de várzea do estuário Amazônico**. 2013.95 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2013.

CAVALCANTE, P. B. **Frutas comestíveis na Amazônia**. 7. ed. rev. atual. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010. 282 p.

CHAVES, M. do P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá**. 2001. 212 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

COHN, G. **Crítica e Resignação: Fundamentos da Sociologia de Max Weber**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. 161 p.

COLLI-SILVA, M. *Theobroma* L. **Coleção Flora do Brasil 2020**, Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://monografiasfloradobrasil.jbrj.gov.br/theobroma.pdf>. Acesso em: 26 Dez. 2022.

COLLI-SILVA, M.; PIRANI, J. R. *Theobroma* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB23619>. Acesso em: 20 dez. 2022

COSTA, P. M. **Acordos de Pesca: Desafios de implementação e consolidação em áreas de várzea do município de Gurupá, Pará, Brasil**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aquática e Pesca) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

COUTO, R. S.; FRAGA, F. R. M. *Dioscoreaceae* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB35278>. Acesso em: 20 dez. 2022

CRISTO, A. C. P. **Currículo e formação continuada: uma análise sobre a implementação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. 2006. (Texto apresentado na qualificação do Mestrado em Educação do Centro de Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

CUVILLIER, S. **A crítica do decrescimento ao desenvolvimentismo**. 2018. 338 f. Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DIAS, A.; AMARAL, M.; MELO.; FERNANDES, K. (org.). **Regularização fundiária e manejo florestal comunitário na Amazônia: sistematização de uma experiência inovadora em Gurupá-PA**. Instituto Internacional de Educação do Brasil/Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional. Brasília: IEB, 2006. 70 p. ISBN 85-60443-00-2.

DIAS, R. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Pearson, 2013. 400 p.

DRANSFIELD, J. *et al.* **Genera palmarum: the evolution and classification of palms**. Kew, United Kingdom: Royal Botanic Gardens, 2008.

EMBRAPA. **Projeto Desenvolvimento Comunitário Sustentável no Estuário Amazônico: Mapeamento das casas e serrarias familiares da comunidade da Ilha das Cinzas.** Gurupá-PA, 2014.

EMBRAPA. **Tecnologia Social, Fossa Séptica Biodigestora.** Saúde e Renda no Campo. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2010.

FARES, J. A. Cartografia poética. *In*: OLIVEIRA, I. A. de (org.). **Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas.** Belém: CCESE-UEPA, 2004. 120 p.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão.** São Paulo: Iglu: FAPESP, 2007. 224 p.

FERREIRA, A. G. C. Bibliometria na avaliação de periódicos científicos. *DataGramZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 11 n. 3, jun. 2010.

FERREIRA, J. P. R. *Musaceae in Flora e Funga do Brasil.* Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB60918>. Acesso em: 19 dez. 2022.

FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Persea americana Mill.* Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/geral/ExibeFiguraFSIUC/ExibeFiguraFSIUC.do?idFigura=226532915>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://servicos.jbrj.gov.br/flora/search/Persea_americana. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Mauritia flexuosa L. f.* Disponível em: <https://images.cria.org.br/viewer/NY01136887>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Citrus sinensis (L.) Osbeck.* Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB611627>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Zea mays L.* Disponível em: http://servicos.jbrj.gov.br/flora/search/Zea_mays. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Oenocarpus bataua Mart.* Disponível em: http://servicos.jbrj.gov.br/flora/search/Zea_mays. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. *Calycophyllum spruceanum (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.* Disponível em: http://servicos.jbrj.gov.br/flora/search/Calycophyllum_spruceanum. Acesso em: 16 dez. 2022.

FLORES, T. B. *Meliaceae in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB19737>. Acesso em: 31 dez. 2022

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOSTER, Z. *Persea americana Mill*. Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível: <https://www.inaturalist.org/photos/177905626>. Acesso em: 16 dez. 2022.

FRANCENER, A. *Byrsonima in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB19419>. Acesso em: 21 dez. 2022

FREITAS, D. **Finep e Embrapa conferem benefícios de projeto para comunidade ribeirinha** – RSS. 2017. Disponível em: https://www.embrapa.br/noticias-rss/asset_publisher/HA73uEmvroGS/content/id/21443211: Acesso em: 29 out. 2022.

GALARDO, C. D. **Plantas de uso místico-religioso no Estado do Amapá, Brasil**. Orientador: Raullyan Borja Lima e Silva. 2022. 94 f. Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia- RedeBIONORTE, Macapá, 2022.

GARCIA, F. C. P.; BONADEU, F. *Inga in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB23000>. Acesso em: 20 dez. 2022

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY. 2020. GBIF. **Occurrence download**. Disponível em: <https://www.gbif.org>. Acesso em: 13 jan. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Cucurbita pepo L.* Disponível em: <https://www.inaturalist.org/photos/226033751>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Dioscorea alata L.* Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/3902157207>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Zea mays L.* Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/3712611497>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Astrocaryum murumuru Mart.* Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/2626302256>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Astrocaryum murumuru Mart.* Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/1848894642>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY - GBIF. *Oenocarpus bataua Mart.* Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/1931348476>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROYAL BOTANIC GARDENS – KEW. *Calycophyllum spruceanum (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.* Disponível em:

<http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001049640>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROYAL BOTANIC GARDENS – KEW. *Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K000504633>. Acesso em: 16 dez. 2022.

ROYAL BOTANIC GARDENS – KEW. *Virola surinamensis* (Rol. ex Rottb.) Warb. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K000246497>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 224 p.

GLOBO RURAL. **Ilha das Cinzas**: um laboratório de tecnologias ambientais na Amazônia. Programa do 11/03/2018. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globorural/noticia/2018/03/ilha-das-cinzas-um-laboratorio-de-tecnologias-ambientais-naamazonia.html>. Acesso em: 7 mar. 2020.

GOMES-KLEIN, V.L. *et al.* Cucurbitaceae. In: **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB136629>. Acesso em: 22 dez. 2022.

GUEDES, M. C. *et al.* Manejo da regeneração natural do pau mulato. **Comunicado Técnico 147. Embrapa Amapá**, 2016.

HENDERSON, A. **The palms of the Amazon**. New York: Oxford University, 1995.

HENDERSON, A.; GALEANO, G.; BERNAL, R. **Field guide to the palms of Americas**. Princeton: Princeton University Press, 1995, 352 p.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Calycophyllum spruceanum* (Benth.) Hook.f. ex K.Schum. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001049640>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Cucurbita pepo* L. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001124670>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Carapa guianensis* Aubl. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K000380062>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Musa* sp. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K000782771>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Theobroma cacao* L. Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K000731714>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum. in Mart. Disponível em:

<http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001213380>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Dioscorea alata* L. Disponível em:

<http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001145272>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Citrullus lanatus* (Thumb.) Matsum. & Nakai.

Disponível em: <http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001139703>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Zea mays* L. Disponível em:

<http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001068789>. Acesso em: 16 dez. 2022.

KEW - ROYAL BOTANIC GARDENS. *Byrsonima crassifolia* (L.) Kunth. Disponível em:

<http://apps.kew.org/herbcat/getImage.do?imageBarcode=K001221345>. Acesso em: 16 dez. 2022.

LEITMAN, P. *et al.* 2019. Arecaceae. In: **Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB53>. Acesso em: 03 jan. 2020.

LIMA, L. F. P. *Citrullus* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB82115>. Acesso em: 20 dez. 2022.

LO BIONDO-WOOD, G.; HABER, J. **Pesquisa em enfermagem**: métodos, avaliação crítica e utilização. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura amazônica**: Uma poética do imaginário. São Paulo, SP: Escrituras, 2000. 424 p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. v. 1. Nova Odessa: Plantarum, 1998. 382 p.

LORENZI, H. *Oenocarpus*. In: **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB22178>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MACHADO, L. O. **O Controle Intermitente do Território Amazônico**. Território 2. Laget, UFRJ. Rio de Janeiro: **Relumé- Dumará**, v. 1, n. 2, jan/jun. 1997, p. 19-32.

MALHEIROS, J. B. **Desafios e possibilidades do ensino de Ciências/Química em uma escola ribeirinha: investigação temática Freireana e a perspectiva intercultural**. 2018. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2018.

MALHEIROS, J. B.; ROSA, S. C. S.; SANTANA, R. de O. O processo de tratamento de água da Ilha das Cinzas-Gurupá-PA e a educação não-formal. *In*: EDUCON, 2015, Aracaju. **Anais**. Aracaju. p. 1-7.

MARX, K. **Formações Econômicas Pré-Capitalistas**. 5. ed. São Paulo. Paz e Terra, 1986. 138 p.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant Anna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. 364 p.

MEDEIROS, T. D. S. **Diversidade florística, conhecimentos e usos das Arecaceae Bercht. & J. Presl (Palmeiras) no Estado do Amapá, Brasil**. 2020. 208 f. Tese (Doutorado em Biodiversidade e Biotecnologia) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2020.

MELLO, F. M. C. de. *et al.* **Análise da composição da renda de famílias da Ilha das Cinzas, Gurupá/PA**. X Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica, Vitória-ES, 2013.

MINAYO, M. de S. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MENDES-SILVA, I. *et al.* **Annona in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB117257>. Acesso em: 20 dez. 2022

MORIM, M. P. **Pentaclethra**. *In*: **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB83571>. Acesso em: 21 dez. 2022.

MORO, M. F. *et al.* Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 4, p. 991-999, 2012.

MUNIZ, F. H. **Platonia in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB16880>. Acesso em: 19 dez. 2022.

NATURA. **Relatório anual 2017**. Disponível em: <https://www.natura.com.br/relatorioanual/2016>. Acesso em: 7 mar. 2020.

NUGENT, S. Utopias e Distopias na paisagem social amazônica. *In*: ADAMS, C. *et al.* (org.). **Sociedade caboclas amazônicas**: modernidade e invisibilidade. São Paulo: Annablume, 2006. p. 33-44.

OLIVEIRA, A. U. **Modo capitalista de produção, agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: Labur, 2007.

OLIVEIRA, J. A. de. **A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia brasileira**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, 2004.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3. ed. Revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, S. M. *Virola in Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB19795>. Acesso em: 21 dez. 2022.

PANIZZA, S. **Plantas que curam**. Cheiro de Mato. São Paulo. IBRASA. 1997. 279 p.

PEREIRA, E. A. D. **As encruzilhadas das territorialidades ribeirinhas: Transformações no exercício espacial do poder em comunidades ribeirinhas da Amazônia Tocantina Paraense**. 2014. 435 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

PEREIRA, E. M. *et al.* Avaliação da qualidade da água e a relação com a saúde e o desenvolvimento da Ilha das Cinzas – Gurupá – PA. *In: Simpósio Brasileiro de Saúde e Ambiente, Anais*. II, 2014. Belo Horizonte. p. 1-10.

PEREIRA-MARTINS, N. C. **Abordagem etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias na comunidade negra de Abacatal, Anannundeua-PA**. 2001. 138 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Departamento de Biologia Vegetal, Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Belém, 2001.

PINTO, J. Manejo comunitário de camarões de água doce por ribeirinhos na Amazônia. **Agriculturas**, v. 2, n. 4, 2005. p. 10-13.

POLIT, D. F, BECK, C. T, HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação e utilização**. 5. ed. Porto Alegre (RS): Artmed, 2004.

QUEIROZ, J. A. L.; MACHADO, S. do A. Potencial da utilização madeireira de espécies florestais de várzea no município de Mazagão no Estado do Amapá. **Revista Floresta**, v. 37, n. 2, p. 293- 302, 2007.

QUINTSLR, S.; BOHRER, C. B. de A.; IRVING, M. de A. Políticas públicas para a Amazônia: práticas e representações em disputa. RDE. **Revista de Desenvolvimento econômico**, v. 13, 2011, p. 5-16.

REVILLA, J. **Plantas da Amazônia: oportunidades econômicas e sustentáveis**. 1. ed. Manaus: Programa de Desenvolvimento Empresarial e Tecnológico, 2000. 405 p.

RIBEIRO, E. A. dos S. **Sistemas produtivos, disponibilidade de biomassa e atributos energéticos de caroço de açaí e resíduos de serrarias familiares em várzea**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade Tropical) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2017.

RIBEIRO, J. E. L. *et al.* **Flora da Reserva Ducke: Guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra firme na Amazônia Central**. Manaus: INPA, 1999. 816 p.

SALOMOM D. V. **Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico**. Belo Horizonte, MG: Inter livros, 1972.

SANTOS, E. R. C. **Amazônia Setentrional Amapaense: do “mundo’ das águas às florestas protegidas**. 2012. 277 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente-SP, 2012.

SANTOS, E. S. dos. **O extrativismo do açaí (*Euterpe oleracea* Martius) na Ilha das Cinzas, Várzea Estuarina do Rio Amazonas, Pará: Socioeconomia, manejo e cadeia produtiva**. 2020. 219 f. Tese (Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005. 176 p.

SCHNEIDER, A. A. A flora naturalizada no estado do Rio Grande do Sul, Brasil: herbáceas subspontâneas. **Biociências**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 257-268, jul. 2007.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 464 p.

SICHES, R. **Tratado de Sociologia**. Porto Alegre: Globo, 1965. 406 p.

SILVA JUNIOR, J. F. da; SOUZAQ, F. V. D.; PÁDUA, J. G. **A arca de Noé das frutas nativas brasileira**. Brasília: Embrapa, 2021. 220 p.

SILVA, B. do N. **Ferramentas Adicionais ao Projeto de Sistemas Fotovoltaicos Isolados Para Unidades Familiares Ribeirinhas: Uma experiência na comunidade de Ilha das Cinzas - Gurupá, PA**. 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, K. ***Platonia insignis* Mart.** Disponível em: https://imagemcampo.jbrj.gov.br/producao/imagens_de_campo/301447064.jpg. Acesso em: 16 dez. 2022.

SILVA, L. P. dos S. **Mapa de localização da Ilha das Cinzas (PA)**. Base cartográfica da SEMA/AP (2014) e Base cartográfica da SEMA/PA (2015). 2019.

SILVA, R. B. L. e. **Diversidade, uso e manejo de quintais agroflorestais no Distrito do Carvão, Mazagão-AP, Brasil**. 2010. 296 f. Tese (doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 119 p.

SOUSA, R. da P.; MIRANDA, K. F.; FREIRE, J. S. (org.). Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB). **Manejo comunitário de camarão e sua relação com a conservação da floresta no Estuário do Rio Amazonas: sistematização de uma experiência em Gurupá-PA**. Belém: 2011. 78 p.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrada: o que é e como fazer. **Einstein**. v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

SOUZA, V. C.; LORENZI, H. **Botânica sistemática: Guia ilustrado para identificação das famílias de Fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG II**. Nova Odessa: Plantarum, 2008. 704 p.

TAVARES, M. G. da C. **Geopolítica portuguesa, controle e formação territorial na Amazônia dos séculos XVII-XVIII: os fortes, as missões e a política pombalina**. VI Congresso da Geografia Portuguesa Lisboa, 2007. p. 1-18.

TRECCANI, G. D. **Regularizar a terra: um desafio para as populações tradicionais de Gurupá**. 2006. 710 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, 2006.

TRINDADE JR. S. C. da. Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbano diversidade na Amazônia brasileira. **Papers do NAEA 321** – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2013. p. 1-22.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Annona muricata* L. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100002678>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Citrus sinensis* (L.) Osbeck. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100000480>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Inga edulis* Mart. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100448300>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Inga edulis* Mart. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100497505>. Acesso em: 20 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Mauritia flexuosa* L. f. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100448417>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Oenocarpus bataua* Mart. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100358806>. Acesso em: 21 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Platonia insignis* Mart. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/4472>. Acesso em: 19 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Pentaclethra macroloba* (Willd.) Kuntze. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100462133>. Acesso em: 21 dez. 2022.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden. *Theobroma cacao* L. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/100131355>. Acesso em: 16 dez. 2022.

VIANNA, S. A. Euterpe. In: **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15713>. Acesso em: 23 dez. 2022.

Vianna, S.A. *Mauritia* in **Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15723>. Acesso em: 19 dez. 2022

WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 2015. 584 p.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

**APÊNDICE A –OFÍCIO ENVIADO A ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES
AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA DAS CINZAS**

À ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA
DAS CINZAS

SR. MIGUEL DO SOCORRO MIRANDA DE SOUZA

FURO DOS PERIQUITOS ILHA DAS CINZAS, S/N
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS - ZONA RURAL
GURUPÁ-PA
CEP: 68.300-000

Senhor Presidente,

Cumprimentando-o cordialmente, pelo presente instrumento, dirijo-me a vossa senhoria para inicialmente informar que a requerente que esta subscreve é mestranda do Programa de Pós-Graduação / Mestrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá (PPGMDR/UNIFAP), conforme comprova a declaração de vínculo anexa, e está realizando o levantamento de dados para a composição do trabalho de dissertação intitulada “As interações sociais ribeirinhas da Ilha das Cinzas, Gurupá-PA, com a Região Metropolitana de Macapá”.

Seguindo o inicialmente posto, esta mestranda necessita da colaboração desta respeitável Associação no sentido de fornecer informações que serão essenciais para análise do objeto de estudo da pesquisa em andamento.

Portanto, solicita a prestação das seguintes informações referentes a atuação desta Associação, conforme segue:

1. Disponibilização dos registros de produtos da Ilha das Cinzas que são comercializados na Região Metropolitana de Macapá, bem como dos produtos e/ou mercadorias que são adquiridos na Região Metropolitana de Macapá e levados para a Ilha das Cinzas;

2. Disponibilização dos registros de produtos da Ilha das Cinzas que são comercializados com outras localidades que não fazem parte da Região Metropolitana de Macapá;
3. Disponibilização dos registros de produtos da Ilha das Cinzas que são comercializados com Empresas ou Instituições públicas e privadas;
4. Cópias de documentos oficiais e não oficiais referentes à parceria em projetos, empresas ou instituições públicas e privadas que contribuem para o desenvolvimento da região.

Desde já, certa de contar com a vossa colaboração, aguardo o fornecimento de informações e documentos ora solicitados.

Oportunamente, a fim de viabilizar a comunicação com a requerente, informo abaixo os contatos para resposta a presente solicitação:

Telefone: (96) 99118-1673.

E-mail: marcileialopesap@gmail.com

Macapá/AP, 24 de março de 2022.

Marciléia do Socorro da Rocha Campos Lopes
MARCILÉIA DO SOCORRO DA ROCHA CAMPOS LOPES
MESTRANDA

Raulyan Borja Lima e Silva

RAULLYAN BORJA LIMA E SILVA
PROF. DR. ORIENTADOR



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**

CGC: 34.868.257/0001-81

Rod. Juscelino Kubitschek, KM-02 Jardim Marco Zero Macapá, Macapá - AP
NÃO DEFINIDO

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os fins a que se fizerem necessários, que **MARCILEIA DO SOCORRO DA ROCHA CAMPOS LOPES** é aluno(a) REGULAR vinculado(a) a esta universidade, sob o número **2019101692**, no programa de **DESENVOLVIMENTO REGIONAL - MESTRADO - Macapá**.

Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Fundação Universidade Federal do Amapá, em Macapá, 24 de Março de 2022.

Código de verificação:
b4bd2e17fb

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://goo.gl/Gi97cd>, informando a matrícula, data de emissão do documento e o código de verificação.

ATENÇÃO

ESTE DOCUMENTO NÃO É VÁLIDO PARA FINS DE SOLICITAÇÃO DE VAGA EM OUTRA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR. CASO SEJA NECESSÁRIO TAL DOCUMENTO, É NECESSÁRIO COMPARECER AO DAE.

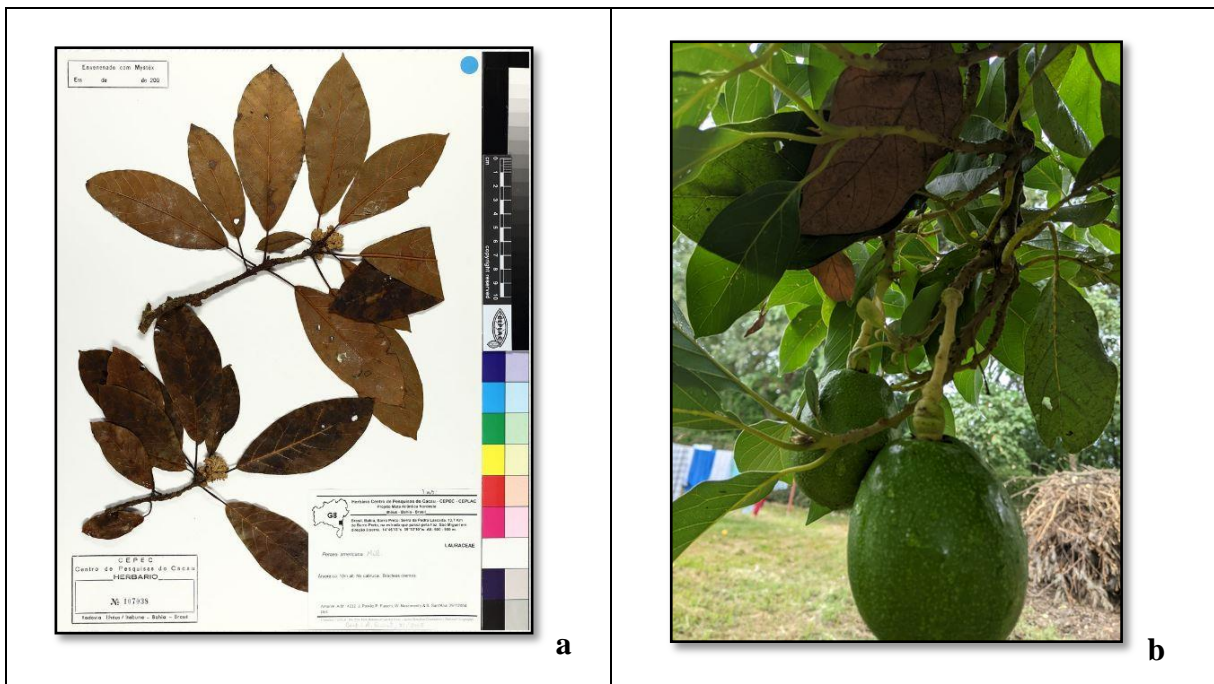
**APÊNDICE B – ESPÉCIES VEGETAIS DA SOCIOBIODIVERSIDADE DA ILHA DAS
CINZAS-PA REGISTRADAS NO LEVANTAMENTO**

ABACATEIRO, ABACATE

Etnoespécie	Abacateiro, abacate
Nome Científico	<i>Persea americana</i> Mill.
Família	Lauraceae

Características Gerais

Árvore de porte e altura variável, geralmente de 10-20 metros nos indivíduos espontâneos, produzidos de sementes, porém bem menores nas variedades selecionadas por enxertia. Tronco fino, casca áspera e copa relativamente pequena. As folhas são simples alternas, pecioladas de formas variadas, de cor verde escura na parte inferior e superior, muito firmes, porém, em algumas variedades elas caem antes do aparecimento das flores. Possuem dimensões entre 10 a 30 cm de comprimento, geralmente largas ou estreitas-elípticas, cartáceas ou subcoriáceas, glabras, com 6 a 9 pares de nervuras laterais. Seu sabor é fracamente adstringente e inodoro. As flores são pequenas, muito numerosas e de coloração branco-esverdeadas. O fruto é carnoso e comestível, de forma arredondada, de casca lisa ou rugosa e de coloração verde clara ou arroxeada, contendo semente única, globulosa, revestida de uma película coriácea (PANIZZA, 1997; CAVALCANTE, 2010).



Fonte: a) Flora e Funga do Brasil (2022).

b) Zoe Foster (2022).

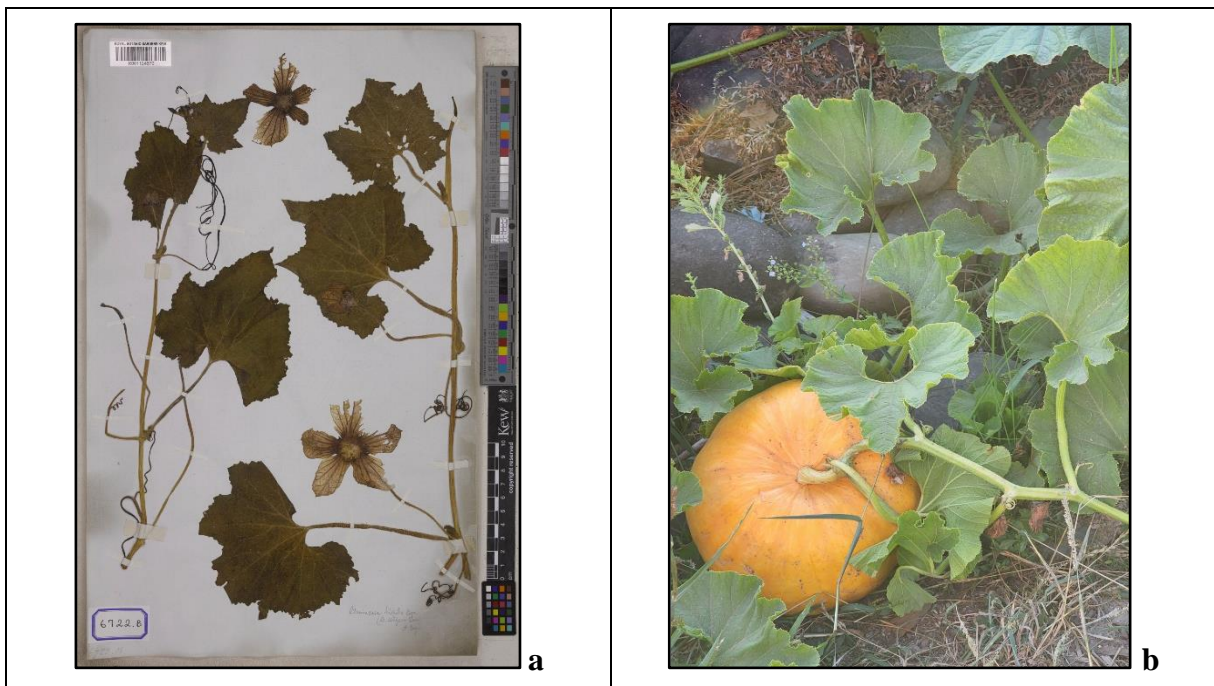
Forma de Vida	Origem	Fonte
Arbórea	Naturalizada	Flora e Funga do Brasil (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos - abacate	Mello <i>et al.</i> (2013)	

ABÓBORA, JERIMUM, JURUMUM

Etnoespécie	Jerimum, abóbora, jurumum
Nome Científico	<i>Cucurbita pepo</i> L.
Família	Cucurbitaceae

Características Gerais

Erva rastejante, vigorosa, de entrenós curtos e com tricomas setosos-espinescentes. Folhas ovaladas, escabrosas, longo pecioladas, de base cordada, palmada e profundamente 5-lobada; os lobos de contorno triangular a rombo-elípticos. Frutos variáveis em forma e cor, desde disciforme até subglobosos a alongados; pedúnculo frutífero 0,5-7 cm, fortemente 5-angulado, podendo ou não se expandir sobre a sua inserção no fruto. Sementes esbranquiçadas a estramíneas. Espécie originária do norte do México e sul dos Estados Unidos e cultivada no Brasil, com muitas variedades (GOMES-KLEIN *et al.*, 2022).



Fonte: a) Kew (2022).

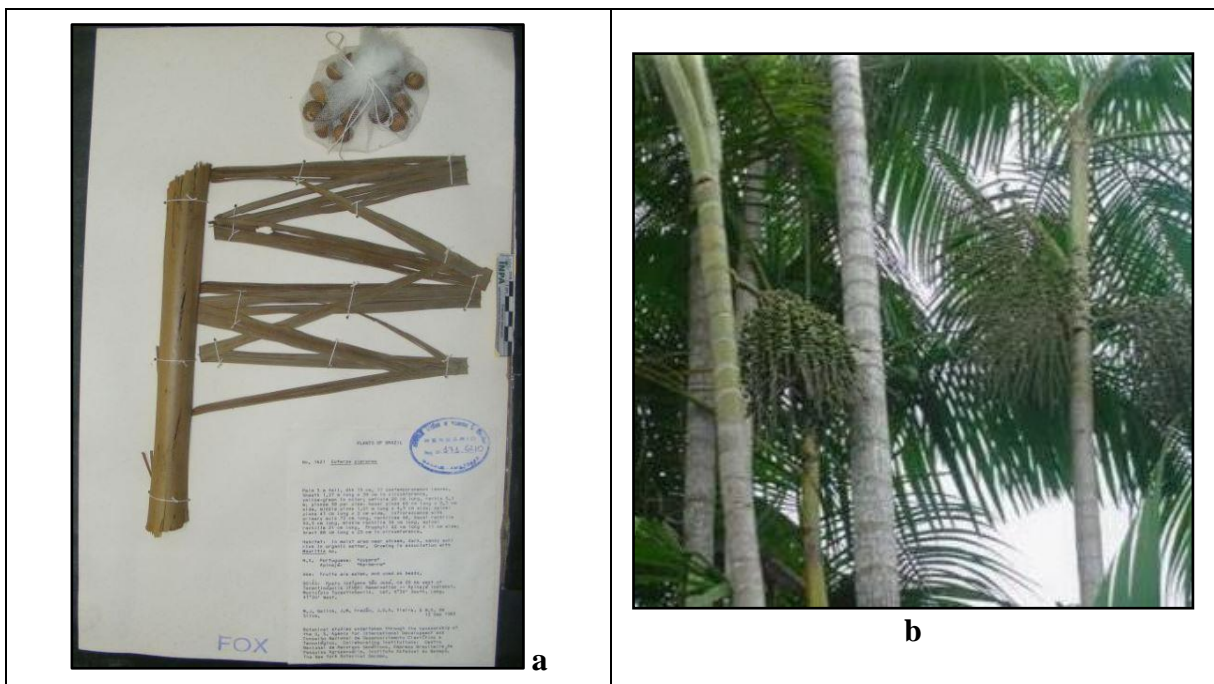
b) Gbif (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Trepadeira	Cultivada	Gomes-Klein <i>et al.</i> (2022)

Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie
Frutos - abóbora	ATAIC (2022)

AÇAIZEIRO, AÇAÍ

Etnoespécie	Açaizeiro, açaí
Nome Científico	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.
Família	Arecaceae
Características Gerais	
<p>Palmeira cespitosa, caules eretos ou inclinados, 3–20 m de altura × 7–18 cm de diâmetro. Folhas pinadas, planas, lanceoladas; bainha, 0.6–1.5 m de comprimento; pecíolo, 17–50 cm de comprimento. Inflorescências infrafoliares, pedúnculo de 5–15 cm de comprimento; bráctea peduncular de 66–95 cm; raque de 35–70 cm, ráquulas em número de 80-16, revestidas por tomento marrom esbranquiçado. Flores unissexuadas na mesma inflorescência, dispostas em tríades, as masculinas aos pares ou solitárias; flores estaminadas de 4–5 mm de comprimento, sépalas triangulares a ovadas, desiguais e ciliadas, pétalas ovadas, 3–4 mm de comprimento, arroxeadas com os estames dispostos em um receptáculo curto, presença de pistilódios; flores pistiladas com cerca de 3 mm de comprimento, sépalas triangulares, ciliadas, pétalas triangulares. Frutos globosos ou elipsoides, 1–2 cm de diâmetro, epicarpo liso, de cor negro-purpúreo, negro ou verde; mesocarpo com a mesma coloração do epicarpo, endocarpo duto, endosperma ruminado (VIANA, 2022).</p>	



Fonte: a) Herbario INPA (2022).

b) Raullyan Silva (2016)

Forma de Vida	Origem	Fonte
Palmeira	Nativa	Viana (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos e Palmito	Santos (2020), ATAIC (2022)	

ANDIROBEIRA, ANDIROBA

Etnoespécie	Andirobeira, andiroba
Nome Científico	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.
Família	Meliaceae
Características Gerais	
<p>Árvore de grande porte, atingindo 30m em altura, com fuste cilíndrico, reto e sapopemas em sua base. A casca é grossa e amarga e desprende-se facilmente em grandes placas. A copa em ampla é bastante esgalhada, as folhas altas, são compostas, longo-pecioladas, com 30-60cm de comprimento e 50 cm de largura. Os folíolos opostos (até 19 pares) apresentam um tom verde-escuro, com forma oval-oblonga e extremidade apical curta, textura macia, superfície plana e margens completas. A inflorescência é uma panícula axilar, principalmente na extremidade dos galhos, e mede cerca de 30cm de comprimento. As flores são subsésseis, glabras, subglobosas de cor creme. O fruto é uma capsula glabosa a subglobosa, deiscente de quatro valvas que se separam quando caem ao solo pelo impacto da queda e liberam 4 a 12 sementes. As sementes pesam em média 21g. A germinação é do tipo hipógea e criptocotilar (REVILLA, 2000).</p>	



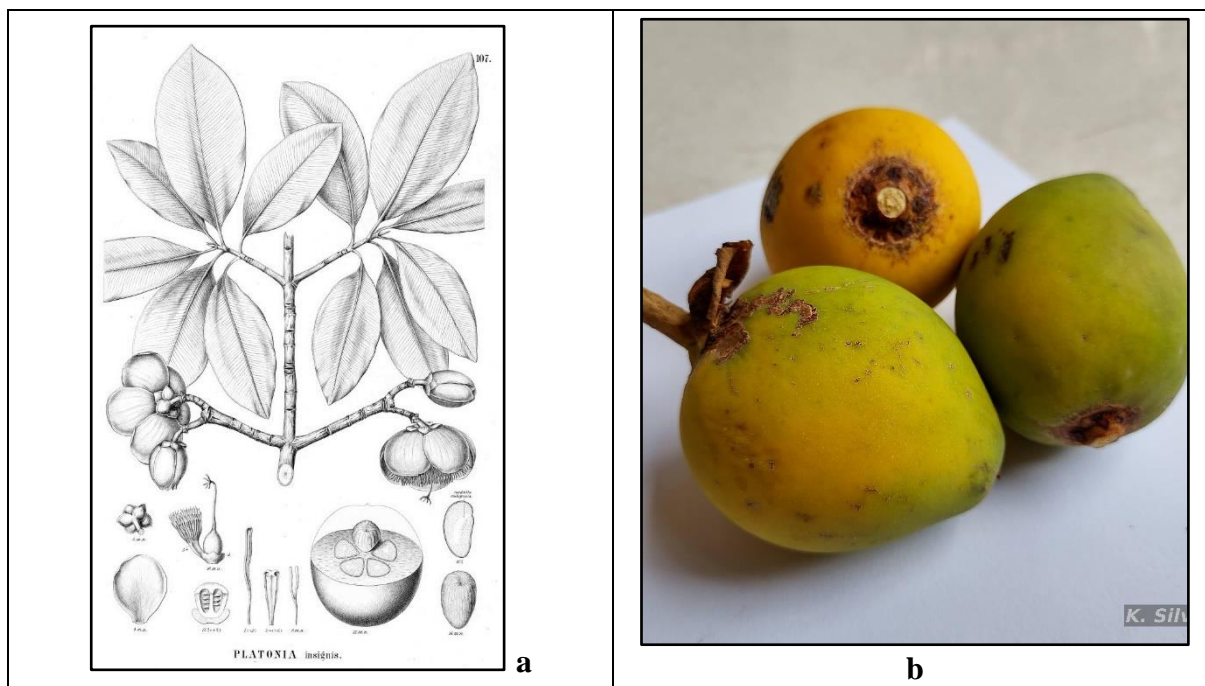
Fonte: a) Kew (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Flores (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Madeira, sementes para cosméticos e óleo das sementes	Santos (2020), Treccani (2006)	

BACURIZEIRO, BACURI

Etnoespécie	Bacurizeiro, bacuri
Nome Científico	<i>Platonia insignis</i> Mart.
Família	Clusiaceae
Características Gerais	
<p>Árvore até 40 m de altura, casca grossa, cinzenta, fendida; ramos opostos, tetragonais obsoletos, por cima densamente folioso, internós 0,5-1 cm de comprimento. Folha simples, oposta, glabra, subcoriácea, sem estípulas, brilhante, verde vívido, por baixo pálida, oblonga; pecíolo 1-1,5 cm de comprimento, canaliculado na parte superior, ápice e base agudos ou brevemente acuminados, comprimento e largura do limbo foliar de 10-12 cm e 4-5 cm, respectivamente, nervuras laterais secundárias copiosas e próximas, terminando em uma nervura que acompanha toda a periferia da folha. Flores bissexuais, solitárias ou em grupos de 2 até 12 e dispostas em pedúnculos que apresentam comprimento entre 2-3 cm, terminais, pendentes, espetaculares; pedicelo cerca de 1 cm de comprimento, base provida de brácteas 3-4 mm de comprimento e largura. Baga subglobosa ou oval, uniloculada, cerca 7 cm em diâmetro, exocarpo membranáceo citrino ou amarelo por fim pardo, mesocarpo mucilaginosos branco e afinal amarelando, sabor agradável ácido-doce. Semente obovada-oblonga, 3,5 cm de comprimento, 2 cm de largura, testa parda tenuamente coriácea, longitudinalmente estriada (MUNIZ, 2022).</p>	



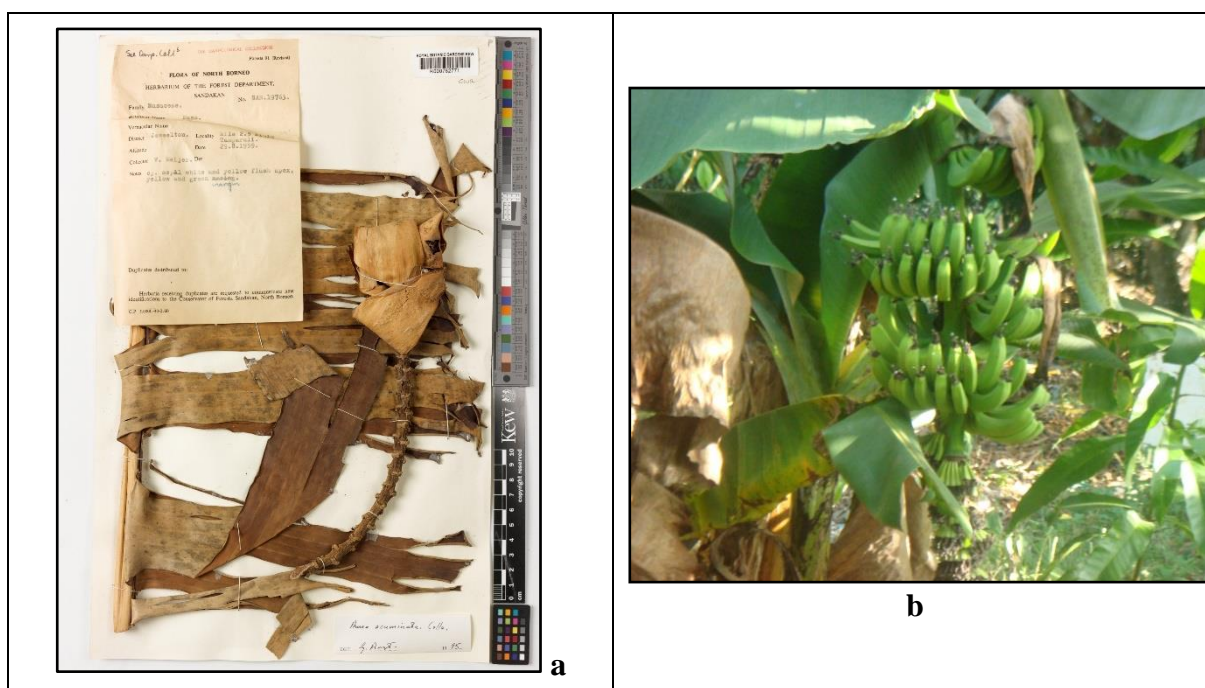
Fonte: a) Tropicos (2022).

b) K. Silva (2020).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Muniz (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Mello <i>et al.</i> (2013)	

BANANEIRA, BANANA

Etnoespécie	Bananeira, banana
Nome Científico	<i>Musa L.</i>
Família	Musaceae
Características Gerais	
<p>Ervas perenes, rizomatosas, estoloníferas, muitas vezes crescendo em aglomerados densos. Pseudocaules compostos de bainhas foliares bem fechadas. Folhas grandes; pecíolo longo; Lâmina oblonga. Inflorescência terminal, ereta ou pendular. Brácteas decíduas, geralmente rosa ou vermelha a roxo, às vezes verde ou amarelo, justapostas no ápice da inflorescência (aberto em <i>M. coccinea</i>). Flores em 1 ou 2 fileiras por bráctea, caducas, flores em brácteas proximais funcionalmente femininas, raramente bissexuais; flores em brácteas distais funcionalmente masculinas; às vezes, todas as flores funcionalmente estéreis em formas cultivadas. Tépalas compostas 5-dentado no ápice; tépala livre com metade do tamanho da tépala composta ou de igual tamanho, ápice obtuso a agudo. Bagas carnudas, poli ovuladas, exceto em formas partenocárpicas (FERREIRA, 2022).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Erva	Naturalizada	Ferreira (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Santos (2020), ATAIC (2022), Treccani (2006)	

BURITIZEIRO, BURITI

Etnoespécie	Buritizeiro, buriti
Nome Científico	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.
Família	Arecaceae
Características Gerais	
<p>Palmeira com estipe solitário, ereto, colunar, 3–25 m de altura × 23–80 cm de diâmetro, presença de raízes aéreas na base do estipe. Folhas flabeliformes, 10–20 contemporâneas, espiraladamente distribuídas na copa, as mortas persistentes em indivíduos jovens; bainha aberta, 1,0–2,1 de comprimento, fibras grossas envolvendo as folhas; pecíolo 1,6–4,0 m de comprimento com fibras na base; lâmina foliar partida até quase a base em 45–230 segmentos, os da porção mediana com 1,2–2,2 m de comprimento × 4,5–5,0 cm de largura, ocasionalmente com pequenos espinhos nas margens e fibras de coloração castanha sobre as nervuras na face abaxial. Inflorescências interfoliárias, ramificadas até o nível de segunda ordem; a parte ramificada da raque com 1,4–2,4 m de comprimento, 20 a 46 ramificações primárias e numerosas ráquulas; pedúnculo medindo 0,7–2,5 m de comprimento; brácteas pedunculares, sobrepostas, tubulares e estriadas. Frutos elipsoides-oblongos, 3,5-5,5 de diâmetro, epicarpo coberto por escamas sobrepostas com cerca de 6 mm, coloração castanho-avermelhada, mesocarpo carnoso, amarelo-alaranjado, endocarpo não diferenciado, endosperma homogêneo (VIANNA, 2022).</p>	



Fonte: a) Flora e Funga do Brasil (2022).

b) Tropicos (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Palmeira	Nativa	Vianna (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	ATAIC (2022)	

CACAEIRO, CACAU

Etnoespécie	Cacaueiro, cacau
Nome Científico	<i>Theobroma cacao</i> L.
Família	Malvaceae
Características Gerais	
<p>Folha: estípula(s) caduca(s); folha(s) concolor(es); formato oblongo(s)/obovado(s)/lanceolado(s); formato da base do limbo obtuso(s); indumento face(s) abaxial glabro(s) a(s) pubescente(s); lâmina(s) coriácea(s); nervura-central na(s) face(s) abaxial proeminente(s); simetria da base foliar(es) simétrico(s)/assimétrica(s). Inflorescência: inflorescência(s) multiflora(s), principalmente no tronco(s). Flor: antera(s) por filete(s) 2; estaminódio(s) linear(es); meria do cálice(s) pentâmero(s). Fruto: epicarpo costado(s). Semente: germinação epígeo (COLLI-SILVA; PIRANI, 2022).</p>	



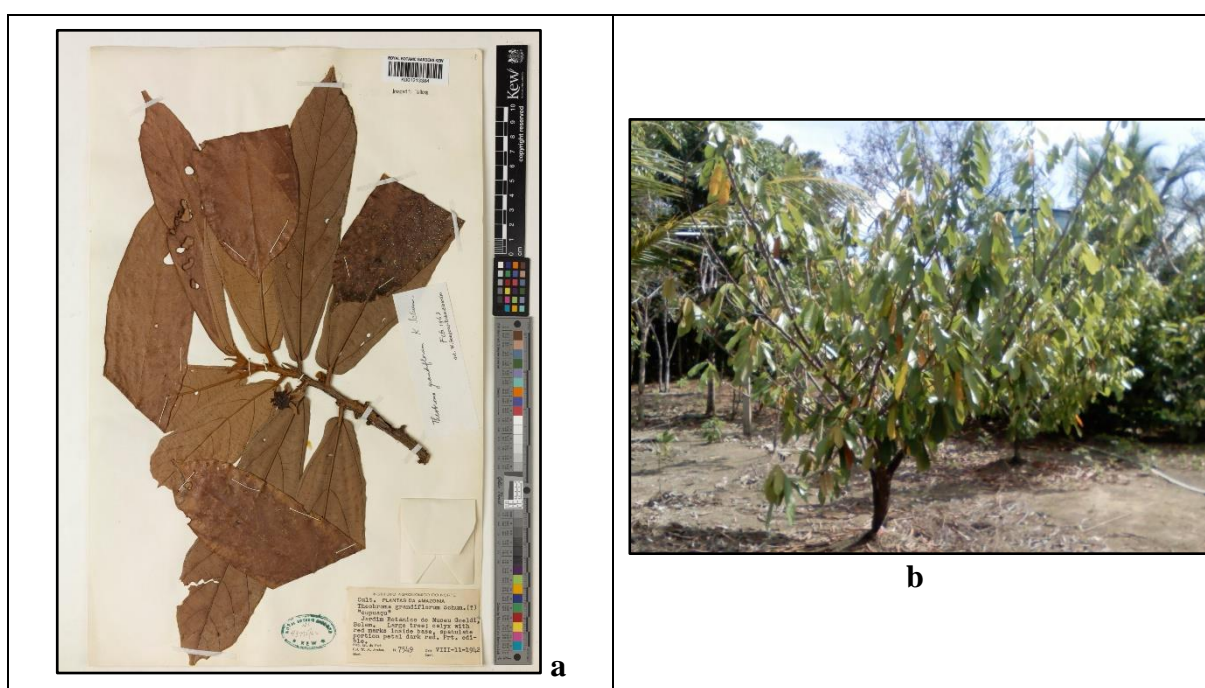
Fonte: a) Kew (2022).

b) Indiana Coronado (2005).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Colli-Silva e Pirani (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Mello <i>et al.</i> (2013)	

CUPUAÇUZEIRO, CUPUAÇÚ

Etnoespécie	Cupuaçuzeiro, cupuaçú
Nome Científico	<i>Theobroma grandiflorum</i> (Willd. ex Spreng.) K. Schum. in Mart.
Família	Malvaceae
Características Gerais	
Folha: estípula(s) persistente(s), elíptica(s) a(s) lanceolada(s); folha(s) concolor(es); formato oblongo(s)/obovado(s); formato da base do limbo obtuso(s); indumento face(s) abaxial densamente estrelado(s) - tomentoso(s); lâmina(s) coriácea(s); nervura-central na(s) face(s) abaxial proeminente(s); simetria da base foliar(es) simétrico(s). Inflorescência: inflorescência(s) pauciflora(s), nos ramos(s). Flor: antera(s) por filete(s) 3; estaminódio(s) lanceolado(s); meria do cálice(s) pentâmero(s)/trímero(s). Fruto: epicarpo liso(s). Semente: germinação hipógeo(s) (COLLI-SILVA; PIRANI, 2022).	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

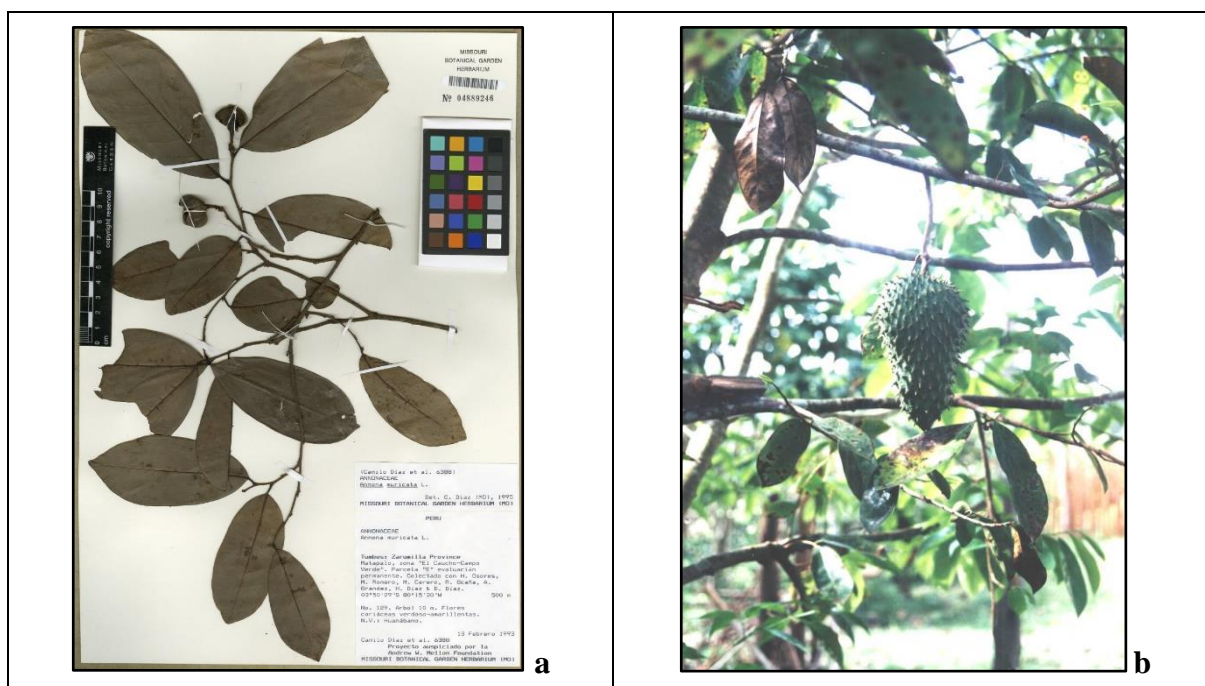
Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Colli-Silva e Pirani (2022).
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Silva (2018)	

GRAVIOLEIRA, GRAVIOLA

Etnoespécie	Gravioleira, graviola
Nome Científico	<i>Annona muricata</i> L.
Família	Annonaceae

Características Gerais

Árvore ou arbusto, 1,5–8 m alt.; ramos novos, gemas e pecíolos cobertos por indumento ferrugíneo-seríceo, ramos adultos glabros, lenticelados. Pecíolo ca. 5 mm compr.; lâmina foliar 6,5–18 × 3–7 cm, membranácea a cartácea, obovadas, oblonga a oblongo-lanceoladas, face adaxial glabra, face abaxial serícea a glabrescente; ápice brevemente obtuso a agudo, base aguda; nervação broquidódroma, nervuras subplanas na face adaxial e proeminente na abaxial, domácias presentes na junção das nervuras. Inflorescência solitária, terminal ou opositifolia; Flores com pedicelo 15–20 mm compr., ferrugíneo-seríceo; brácteas obovato-triangular, 2–3 mm compr.; botão ovoide; sépalas e pétalas pubescentes na face abaxial; sépalas levemente conadas na base, 4–6 mm compr.; pétalas externas 25–35 × 25–30 mm, ovo-arredondada, pétalas internas ca. 30 × 25 mm, ovadas a cordadas; estames 4–5 mm compr., ápice do conectivo capitato, papiloso; carpelos ferrugíneo-estrigoso. Fruto sincárpico, ovoide a oblongo-ovoide, 15–20 cm compr. Semente ca. 1,5 cm comprimento (MENDES-SILVA *et al.*, 2022).



Fonte: a) Tropicos (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Cultivada	Mendes-Silva; Silva; Bazante (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Silva (2018)	

INGAZEIRO, INGÁ

Etnoespécie	Ingazeiro, ingá
Nome Científico	<i>Inga edulis</i> Mart.
Família	Fabaceae

Características Gerais

Caule: forma dos ramos(s) anguloso(s); indumento tomentoso(s); lenticela(s) presente(s). Folha: estípula(s) caduca(s); estípula(s) forma filiforme(s); pecíolo(s) da folha(s) cilíndrico(s); raque foliar alada(s); número de pares de folíolo(s) 4/5/6; nectário(s) séssil(eis); forma dos nectários(s) cupuliforme(s). Inflorescência: tipo de inflorescência(s) espiciforme. Flor: forma do cálice(s) tubuloso(s); pedicelo(s) da flor(es) séssil(eis). Fruto: consistência das valvas(s) lenhosa(s); forma do fruto(s) cilíndrico(s); indumento do fruto(s) tomentoso(s) (GARCIA; BONADEU, 2022).



Fonte: a) Tropicos (2022).

b) Tropicos (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Garcia e Bonadeu (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Mello <i>et al.</i> (2013)	

INHAME, CARÁ ROXO

Etnoespécie	Inhame, cará roxo
Nome Científico	<i>Dioscorea alata</i> L.
Família	Dioscoreaceae
Características Gerais	
<p>Raiz: tubérculo(s) presente(s); raiz(es) tuberosa(s) ausente(s); forma do tubérculo(s) cilíndrico(s). Caule: caule(s) aéreo anual; basal(ais) inerme(s). Folha: filotaxia alterna(s)/oposta(s); lâmina(s) inteira; indumento ausente(s). Inflorescência: inflorescência(s) estaminada(s) simples; raque da inflorescência(s) estaminada(s) não ramificada(s); tipo de inflorescência(s) secundária(s) ou primária(s) estaminada(s) espiga(s). Flor: pedicelo(s) na(s) flor(es) estaminada(s) ausente(s); número de estame(s) na(s) flor(es) estaminada(s) 6; organização dos estame(s) na(s) flor(es) estaminada(s) livre(s); rudimento(s) do pistilo(s) na(s) flor(es) estaminada(s) ausente(s); organização dos estilete(s) na(s) flor(es) pistilada(s) em coluna(s); número de estaminódio(s) na(s) flor(es) pistilada(s) 6; organização dos estigma(s) na(s) flor(es) pistilada(s) inteiro. Fruto: forma das cápsulas(s) oblata(s). Semente: forma das ala(s) circular(es) (COUTO; FRAGA, 2022).</p>	



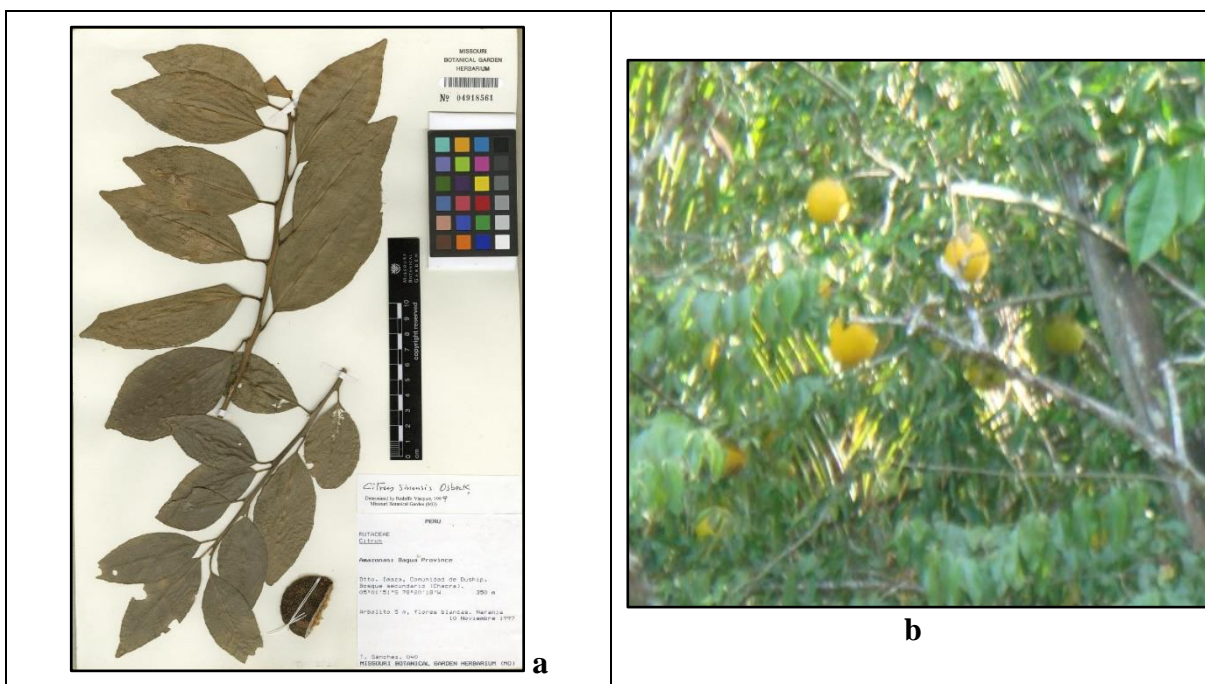
Fonte: a) Kew (2022).

b) Gbif (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Trepadeira	Cultivada	Couto e Fraga (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Tubérculo	ATAIC (2022)	

LARANJEIRA, LARANJA

Etnoespécie	Laranjeira, laranja
Nome Científico	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck
Família	Rutaceae
Características Gerais	
Árvore de porte médio. Quando jovens, são munidos de acúleos. Folhas unifolioladas, pecíolo estreitamente ou largamente alado. Flores alvas. Bagas (sub)globosas, amareladas a alaranjadas, com polpa pouco ácida a bem adocicada. Sementes levemente enrugadas (PEREIRA-MARTINS, 2001).	



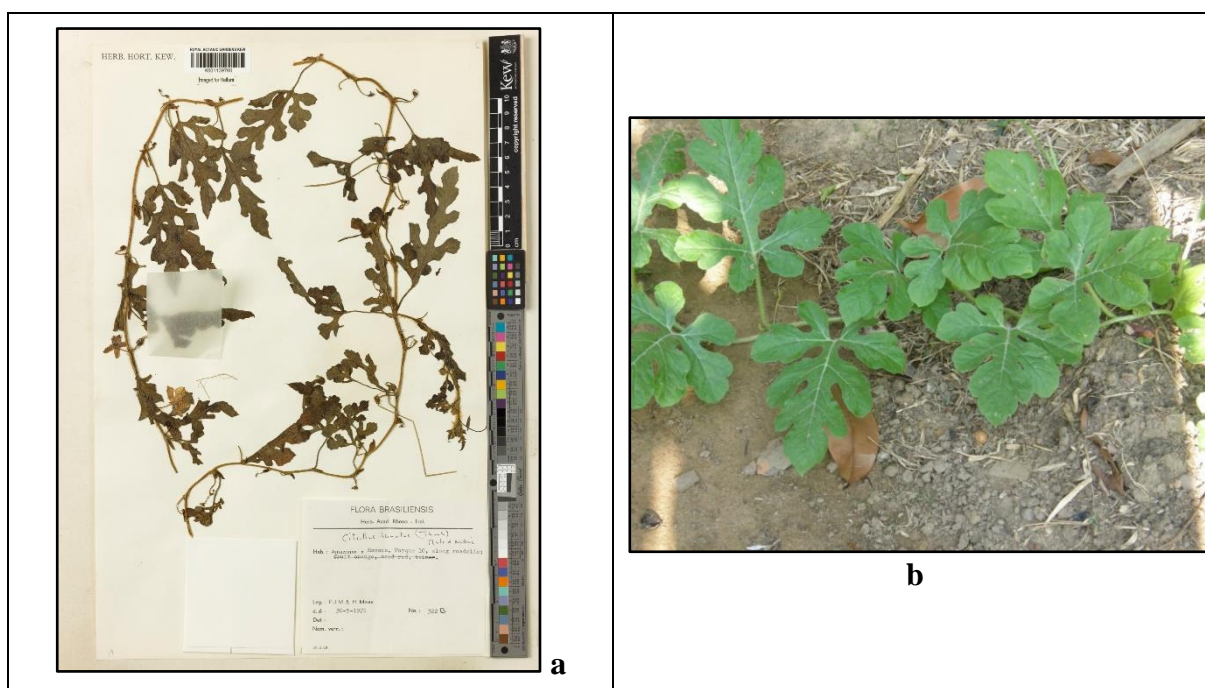
Fonte: a) Tropicos (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Cultivada	Flora e Funga do Brasil (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Mello <i>et al.</i> (2013)	

MELANCIEIRA, MELANCIA

Etnoespécie	Melancieira, melancia
Nome Científico	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai
Família	Cucurbitaceae
Características Gerais	
<p>Plantas anuais (raro perenes), monoicas, prostradas. Folhas simples, oval-triangulares ou arredondadas, profundamente 3-5-lobadas, seguidas de lobulações. Gavinhas 2-3 ramificadas. Flores normalmente solitárias, pró-bráctea obovada-espátacea de 4-8 mm compr., amarelas. Flores estaminadas curto pedunculadas, com hipanto largo-campanulado (3-4 mm); sépalas 3-5 mm compr.; corola rotácea ou largo-campanulada, pétalas (7-16 mm compr. oblongo-ovaladas, obtusas; estames 3 (dois ditecos e um monoteco) e inseridos no hipanto, com filetes livres, curtos e anteras livres (ou levemente concrecidas), flexuosas. Flores pistiladas com hipanto curto campanulado e perianto semelhante ao das flores estaminadas; ovário ovalado (6-12 mm compr.), 3 placentífero; estilete curto; estigmas 3. Fruto peponóide típico, globoso a oblongo, verde, frequentemente maculado, polpa vermelha, amarela ou branca de acordo com a variedade. Sementes numerosas, comprimidas, oblongas, escuras (LIMA, 2022).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Trepadeira	Cultivada	Lima (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	ATAIC (2022)	

MILHO

Etnoespécie	Milho
Nome Científico	<i>Zea mays</i> L.
Família	Poaceae
Características Gerais	
Planta subarbutiva de colmo nodoso e raízes adventícias; folhas invaginantes, linear-lanceoladas; flores unissexuais, as masculinas em panículas terminais e as femininas, em espigas axilares, envolvidas por largas bracteas e munidas de longos estígmas filiformes (ALBUQUERQUE, 1989).	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Gbif (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Erva	Cultivada	Flora e Funga do Brasil (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Espigas	Santos (2020), Treccani (2006)	

MURICIZEIRO, MURICI

Etnoespécie	Muricizeiro, murici
Nome Científico	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth
Família	Malpighiaceae
Características Gerais	
<p>Arbustos ou Árvore 1,5-7,0 m altura., caule aéreo. Estípulas 2,6-5,0 mm compr., conadas, triangulares a ovadas, persistentes no pecíolo. Folhas coriáceas; pecíolo 0,5-1,9 cm compr.; lâmina 6,0-12,0 x 2,5-7,5 cm, elíptica, obovada a lanceolada, Tirsos, 1-2 (-3) flores por cincínio, raque 6,0-21,0 cm compr.; brácteas e bractéolas presentes na base do pedicelo, decíduas na frutificação; brácteas 2,0-4,5 x 1,2-1,5 mm estreitamente triangulares a triangulares; pedúnculo sésstil ou até 4 mm compr.; bractéolas 1,1-2,5 x 1,0-1,2 mm semelhantes as brácteas; pedicelos 7,0-12,0 mm compr., crassos. Sépals 3,0-4,0 x 2,0-2,5 mm, face adaxial glabra a glabrescente e face abaxial seríceas; glândulas 1,5-2,0 x 1,0-1,5 mm. Pétalas amarelas, tornando-se alaranjadas com o tempo, pétalas laterais cupuliformes, limbo 4,5-7,0 x 5,5-7,0 mm, unha 3,0-4,5 mm compr., pétala posterior, patente, margem erosa, limbo 4,0-5,0 x 5,0-6,0 mm, unha 3,0-5,0 mm compr. Filetes 1,5-3,0 mm compr., livres, desiguais entre si, piloso na base; conectivos 1,5-2,2 mm compr., ápice agudo, acuminado ou arredondado, eretos, ultrapassando ou não as anteras em até 0,4 mm compr.; anteras 2,0-2,8 mm compr, seríceas, arredondadas, não aladas. Ovário 1,5-1,8 x 1,0-1,5 mm, seríceo a glabro; estiletos 3,0-5,3 mm compr., semelhantes entre si. Drupas amarelas, 6,0-10,0 mm diam., globosas, glabras a glabrescente no ápice (FRANCENER, 2016).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Francener (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Frutos	Silva (2018)	

MURUMURUZEIRO, MURUMURU

Etnoespécie	Murumuruzeiro, murumuru
Nome Científico	<i>Astrocaryum murumuru</i> Mart.
Família	Arecaceae
Características Gerais	
<p>Palmeira cespitosa, até 15 m de altura × 15–30 cm de diâmetro. Folhas pinadas, 12–20 contemporâneas; bainha e pecíolo com até 2.8 m de comprimento, revestidos por espinhos achatados e negros com até 30 cm de comprimento; raque com até 6.2 m de comprimento, armada com espinhos negros; pinas lineares, 780–135 por lado, regularmente inseridas no mesmo plano, as da porção mediana com até 1.3 m de comprimento × 6–7 cm de largura. Inflorescências e infrutescências eretas; bráctea peduncular com até 1.5 m de comprimento, densamente revestida por cerdas de cor castanha a marrom de 0.5–0.7 cm de comprimento e espinhos negros com até 2.5 cm de comprimento; pedúnculo com até 1.7 m de comprimento; raque com até 70 cm de comprimento, numerosas ráquulas glabras, portando apenas uma flor pistilada na base. Frutos cônico invertidos, achatados lateralmente, rostrados, de 6–8.5 cm de comprimento × 3.8–4.4 cm de diâmetro; epicarpo revestido por indumento acastanhado e cerdas; mesocarpo amarelo e carnoso; endocarpo duro, negro; endosperma homogêneo (VIANNA, 2022).</p>	



Fonte: a) Gbif (2022).

b) Gbif (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Palmeira	Nativa	Vianna (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Sementes para cosméticos	Santos (2020), ATAIC (2022)	

PATAUAZEIRO, PATAUÁ

Etnoespécie	Patauazeiro, patauá
Nome Científico	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.
Família	Arecaceae - Tonny
Características Gerais	
<p>Caule solitário, ereto e geralmente colunar, liso, de 5-25 m de altura e 20-45 cm de diâmetro, com raízes fasciculadas visíveis na base e desprovido de palmito no topo. Folhas em número 10-20, eretas e dispostas de maneira divergente; bainha aberta de 1-2 m de comprimento, persistente nas plantas jovens, com muitas fibras nas margens e com algumas fibras longas e grossas envolvidas por uma massa de fibras finas com aspecto de lã (remanescentes da lígula); pecíolo de 0,7-1,6 m de comprimento e raque de 3-11 m; pinas em número de 70-160 de cada lado da raque, cinza-cerosas na face inferior, distribuídas regularmente e num mesmo plano, as da porção mediana da folha de 0,8-1,8 m de comprimento por 4-14 cm de largura. Inflorescências infrafoliares, pêndulas, ramificadas, com pedúnculo curto, perfilo de 0,7-1,1 m de comprimento e bráctea peduncular decídua de 1,2-2,2 m; raque de 20-50 cm e raquilas em número de 120-370 de 0,7-1,2 m de comprimento. Frutos oblongos, de 2,7-4,5 cm de comprimento, roxo-escuros e com endosperma ruminado (LORENZI, 2010).</p>	



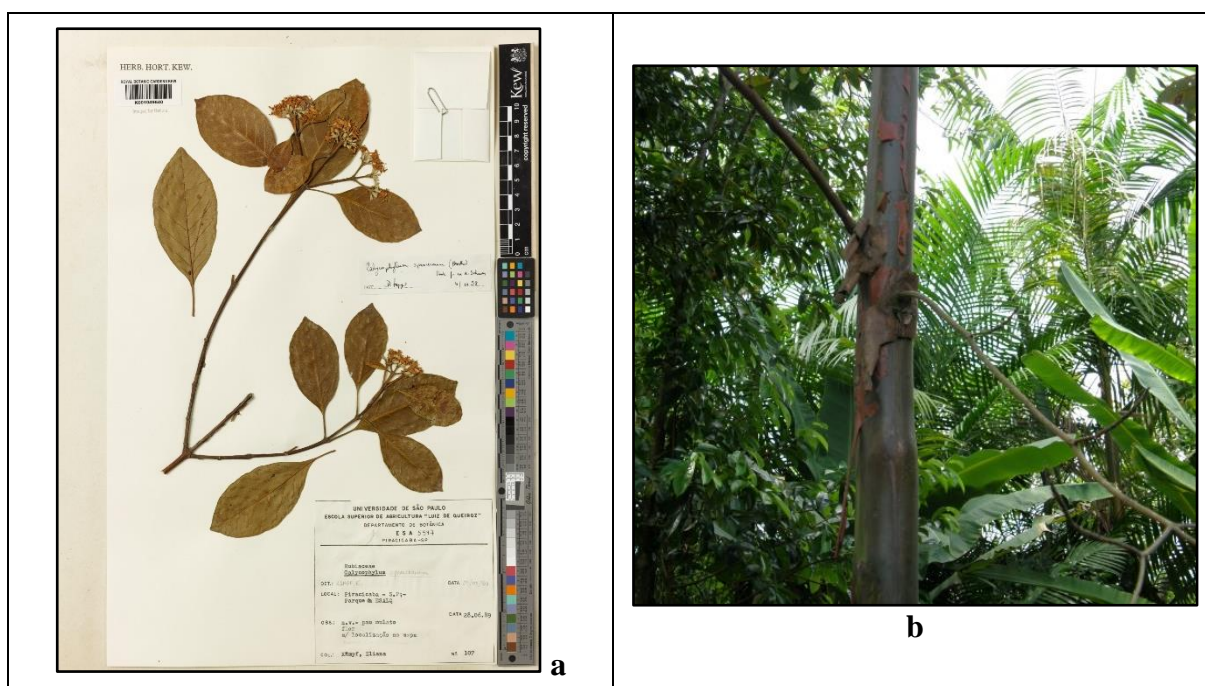
Fonte: a) Gbif (2022).

b) Tropicos (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Palmeira	Nativa	Flora e Funga do Brasil (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Sementes para cosméticos	ATAIC (2022)	

PAU MULATEIRO, PAU MULATO

Etnoespécie	Pau mulateiro, pau mulato
Nome Científico	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook.f. ex K.Schum.
Família	Rubiaceae
Características Gerais	
<p>Descrição botânica: árvore de 15 a 27m, de tronco reto e ramificada, de copa heterogênea, casca de cor marrom ou verde brilhante. Folhas oblongas ou ovado-oblongas de 9 a 17cm de comprimento, simples, opostas, pecíoladas, peninerveas. Inflorescências terminais cimosas. Flores pequenas, brancas e aromáticas. Fruto em cápsula oblonga de 8 a 11mm de comprimento. Sementes compridas, angulosas e aladas em ambas as extremidades, com endosperma carnoso (REVILLA, 2000).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

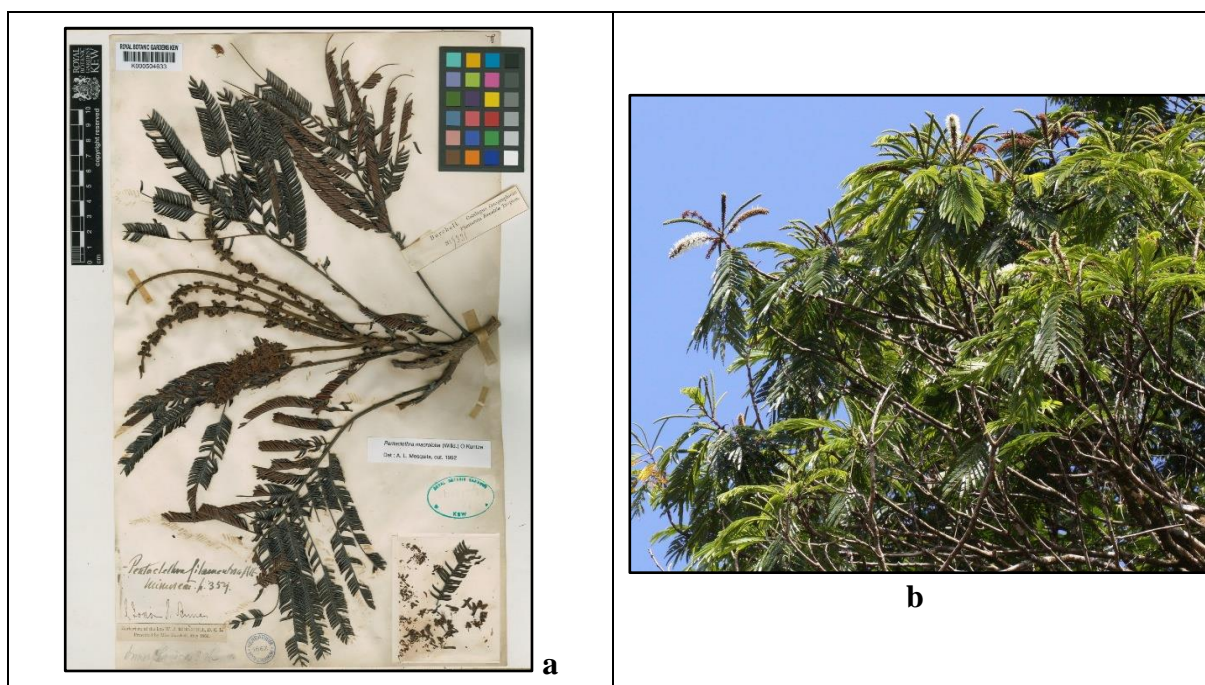
b) Raullyan Silva (2016).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Flora e Funga do Brasil (2022)

Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie
Madeira	Castilho (2013), Guedes <i>et al.</i> (2016), Ribeiro (2017)

PRACAXIZEIRO, PRACAXI

Etnoespécie	Pracaxizeiro, pracaxi
Nome Científico	<i>Pentaclethra macroloba</i> (Willd.) Kuntze
Família	Fabaceae
Características Gerais	
<p>Árvore de altura de 8-14m, dotada de copa mais ou menos arredondada. Tronco ereto e cilíndrico, com casca rugosa, de 35 arredondada. Tronco ereto e cilíndrico, com casca rugosa, de 35-55cm de diâmetro. Folhas compostas bipinadas, com eixo comum (pecíolo + raque) de 12-28cm de comprimento. Pinas alternas ou opostas, em número de 10-20 pares, de 2-9cm de comprimento. Folíolos opostos, sésseis, linear-oblíquos, glabros, em número de 40-70, de 5-8mm de comprimento. Inflorescência em espigas terminais cilíndricas, laxas, curvas, de 15-24cm de comprimento, sobre pedúnculo de 2-4cm de comprimento, com flores perfumadas de cor branca. Fruto, legume (vagem), achatado, deiscente, glabro, lenhoso, de 8-16cm de comprimento, com 4-6 sementes grandes (LORENZI, 1998).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Tropicos (2022).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Morim (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Sementes para cosméticos e óleo das sementes	Santos (2020), Treccani (2006)	

UCUUBEIRA, UCUUBA, VIROLA

Etnoespécie	Ucuubeira, Ucuuba, virola
Nome Científico	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warb.
Família	Myristicaceae
Características Gerais	
<p>Folha: pecíolo(s) canaliculada(s); textura coriácea(s); abaxial superfície(s) puberulenta(s); tricoma(s) quando presente(s) séssil(eis) estrelada(s); lâmina(s) oblonga(s); ápice(s) agudo(s); base arredondada(s)/subcordada(s)/obtusada(s); secundária(s) nervura(s) 10 - 25 por lado(s). Inflorescência: pedúnculo(s) única; tipo paniculada(s). Flor: andróforo mais longo que antera(s); antera(s) 3/completamente conata(s); perianto(s) fendido(s) até a(s) base. Fruto: formato ovoide(s); indumento ausente(s). Semente: arilo(s) vermelho; formato ovoide(s) (OLIVEIRA, 2022).</p>	



Fonte: a) Kew (2022).

b) Lorenzi (1998).

Forma de Vida	Origem	Fonte
Árvore	Nativa	Oliveira (2022)
Produto coletado ou manufaturado	Fonte de Indicação de Uso da Espécie	
Sementes para cosméticos e óleo das sementes	Santos (2020), ATAIC (2022), Treccani (2006)	

**ANEXO A – DOCUMENTO ENVIADO PELA ASSOCIAÇÃO DOS
TRABALHADORES AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA DAS
CINZAS**



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Código da Proposta: PA/2020/02/0044
 Valor Total: 206.499,90
 Duração do projeto: 12 meses
 Percentual de mulheres no projeto: 60,00

IDENTIFICAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO FORNECEDORA

Nome:	ASSOCIACAO DOS TRABALHADORES AGROEXTRATIVISTAS DA ILHA DAS				CNPJ:	03.727.048/0001-94	
Endereço:	FURO DOS PERIQUITOS ILHA DAS CINZAS, S/N, PAE ILHA DAS CINZAS			Bairro:	ÁREA RURAL EXTRATIVISTA		
Município:	Gurupá	UF:	PA	CEP:	68300000	Telefone:	(96)99169-6925
Esta organização é gerida exclusivamente por mulheres?	Não		Tipo:	Agricultores Familiares			

Representantes Legais

Nome	Cargo	CPF	Identidade	Orgão Emissor
MIGUEL DO SOCORRO MIRANDA DE SOUZA	PRESIDENTE	827.858.052-91	328622	SSP

Caracterização da Organização Fornecedora

A Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas da Ilha das Cinzas (ATAIC), fundada em 26/02/2000, trabalha com as populações rurais que vivem nas proximidades de rios amazônicos (ribeirinhos) no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Ilha das Cinzas. Nessa Ilha, localizada no estuário do rio Amazonas, isolada da área continental, suas 50 famílias moradoras não são atendidas pelas redes de distribuição de energia elétrica, água ou esgoto. A água consumida é retirada do próprio rio que recebe os dejetos. Projetos pilotos de saneamento e manejo comunitário de recursos naturais da floresta e do rio foram executados pela Associação.

Dentre as conquistas alcançadas pela população da ilha através da ATAIC, pode se citar: a) regularização das terras ocupadas pelas famílias, transformando a ilha em um assentamento rural; b) construção de escola de ensino médio; c) estação digital; d) melhorias na comercialização dos produtos locais, através do acesso ao primeiro sistema fotovoltaico da Ilha. A ATAIC foi vencedora do prêmio Finep de Inovação Tecnológica, resultando em um projeto com recursos aplicados nos últimos anos. Este projeto teve como objetivos: 1. Fortalecimento e diversificação dos sistemas produtivos (manejo de açai); 2. Instalação de fossas sépticas biodigestoras-FSBs; 3. Implantação de sistemas de filtração da água com cloração automática visando a instalação do sistema fotovoltaico na área comunitária da sede da Associação.

Atualmente, a Ilha das Cinzas é uma comunidade de referência, com experiências inovadoras para o desenvolvimento das famílias extrativistas que moram na beira do Rio e a conservação das várzeas do estuário do rio Amazonas, cujas técnicas estão sendo aplicadas em outras comunidades. No entanto, o problema da falta de energia constante e renovável para as famílias ainda persiste.

Os fornecedores são Povos e Comunidades Tradicionais moradores do Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Ilha das cinzas que, historicamente, ocupam as margens dos rios e moram em casas tipo

IDENTIFICAÇÃO DOS BENEFICIÁRIOS FORNECEDORES



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Nome : ALINE BARROS DA COSTA

CPF: 039.050.192-13

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0552759902002006200517	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ALMIR BARBOSAMALHEIROS

CPF: 656.690.292-91

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0656690292912306200516	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ANA PAULA NUNES MALHEIROS

CPF: 042.560.192-78

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0042560192782006200316	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ANTONIA DE FATIMA QUEIROS DA SILVA

CPF: 006.797.562-30

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0006797562301906201036	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ANTONIA VALDIRENE MIRANDA DE SOUZA

CPF: 466.260.852-04

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0466260852041906201048	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ANTONIO ANDERSON SILVA DE OLIVEIRA

CPF: 700.644.042-42

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0700644042422006200331	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ANTONIO BARBOSA DE OLIVEIRA

CPF: 972.649.542-34

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	5.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0972649542341906201102	Enq. PRONAF: Variável

Nome : CONCEIÇÃO DAS GRAÇAS MIRANDA

CPF: 516.763.702-34

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0516763702341906201113	Enq. PRONAF: Variável



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Nome : DAELSON PASTANA RODRIGUES

CPF: 006.921.832-30

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0014595662891906201132	Enq. PRONAF: Variável

Nome : DILMA DO SOCORRO QUEIROZ BARROS

CPF: 014.755.632-56

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0014755632561906201159	Enq. PRONAF: Variável

Nome : ELEM CRISTINA DE SOUZA PALHETA

CPF: 696.277.112-68

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0696277112681906201205	Enq. PRONAF: Variável

Nome : GENIVALDO BRANDÃO BARBOSA

CPF: 061.072.022-85

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0061072022852006200505	Enq. PRONAF: Variável

Nome : GUIOMAR QUEIROS DA SILVA

CPF: 980.256.602-06

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	5.999,90
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0700703982082006200355	Enq. PRONAF: Variável

Nome : JOSINEI DE OLIVEIRA BARBOSA

CPF: 010.964.482-46

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0010964482462006200529	Enq. PRONAF: Variável

Nome : JOSINEIDE BARBOSA MALHEIROS

CPF: 707.607.132-00

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0707607132000203201219	Enq. PRONAF: Variável

Nome : LAURIANE BARBOSA DA SILVA

CPF: 011.967.622-28

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0011503062032006200224	Enq. PRONAF: Variável



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Nome : LEONARDO DE AZEVEDO BRANDÃO

CPF: 010.604.642-09

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0019487322621906201211	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MANOEL BALIEIRO DE OLIVEIRA

CPF: 719.981.952-87

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0813411642681906201218	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MANOEL JUNIOR ARAUJO DA GAMA

CPF: 003.162.772-23

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0003162772232006200543	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MARIA DE NAZARÉ MENDONÇA DE AZEVEDO

CPF: 913.760.502-00

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0913760502001906201242	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MARIA DO SOCORRO MENDONÇA CEZAR

CPF: 991.949.882-34

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0991949882341906200128	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MARIA JOSÉ SILVA DA SILVA

CPF: 814.370.722-91

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0814370722911906200135	Enq. PRONAF: Variável

Nome : MARIA LUCIENE MIRANDA DE SOUZA

CPF: 001.377.612-60

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0001377612601906200302	Enq. PRONAF: Variável

Nome : REGINA DO CARMO SILVA PEREIRA

CPF: 762.182.442-53

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0762182442531906200316	Enq. PRONAF: Variável



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Nome : ROSILDA MENDES DE ARAUJO BRANDÃO

CPF: 876.797.872-04

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0876797872041906200324	Enq. PRONAF: Variável

Nome : RUDNEI BARBOSA DE OLIVEIRA

CPF: 810.352.502-25

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0810352502251906200334	Enq. PRONAF: Variável

Nome : SEBASTIÃO BALIEIRO DE OLIVEIRA

CPF: 571.815.782-00

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	7.000,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0571815782001906200347	Enq. PRONAF: Variável

Nome : VALDENORA BALIEIRO DE OLIVEIRA

CPF: 701.770.402-97

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0701770402972006200415	Enq. PRONAF: Variável

Nome : VALDINELSON DO SOCORRO MIRANDA DE SOUZA

CPF: 900.213.122-49

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0900213122492306200328	Enq. PRONAF: Variável

Nome : VALDINEUSA BARBOSA MALHEIROS

CPF: 667.682.842-15

Categoria:	Agroextrativista				Valor Contratado (R\$):	6.500,00
Município:	Gurupá	UF:	PA	N.o da DAP:	SDW0667682842152306200317	Enq. PRONAF: Variável

Número total de fornecedores:	30	Total do Valor contratado:	206.499,90
--------------------------------------	----	-----------------------------------	------------

OPERACIONALIZAÇÃO - RELAÇÃO DE PRODUTOS PARA DOAÇÃO

Produto: ABÓBORA > ECOLÓGICA

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	1,1600	7.000	7.000,0000	8.120,00



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Produto: AÇAÍ > FRUTO

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	3,8500	25.974	25.974,0000	99.999,90

Produto: BANANA > (Classificação sem características)

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	1,3700	3.000	3.000,0000	4.110,00

Produto: BURITI > FRUTO

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	1,3000	60.000	60.000,0000	78.000,00

Produto: INHAME > INHAME-CARÁ

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	2,9600	5.000	5.000,0000	14.800,00

Produto: MELANCIA > (Classificação sem características)

Safra	Unidade de Comercialização	Preço Unitário (R\$)	Quantidade	Peso Líquido Total (Kg)	Valor pretendido (R\$)
2020/2021	1 KG	0,9800	1.500	1.500,0000	1.470,00

Total em Kg:	102.474,0000	Valor Total:	206.499,90
---------------------	---------------------	---------------------	-------------------

IDENTIFICAÇÃO DA(S) UNIDADE(S) RECEBEDORA(S)



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

Nome: OBRAS SOCIAIS DA DIOCESE DE MACAPA

CNPJ: 05.968.292/0001-74

Categoria:	Entidades de Organizações de Assistência Social				
Endereço:	Avenida Padre Manoel da Nóbrega, 445, OBRAS SOCIAIS DA			Bairro:	Jesus de Nazaré
Município:	null	UF:	AP	CEP:	68.900-062

Representante:	PEDRO JOSÉ CONTI	CPF:	223.144.232-91	Cargo:	PRESIDENTE
E-mail:		Identidade:	5219831	Orgão Emissor:	
Representante:	JUREMA LETICIA MOREIRA SANTA BRIGIDA	CPF:	518.879.322-91	Cargo:	COORDENADORA GERAL
E-mail:		Identidade:	3369800	Orgão Emissor:	SEGUP/SSP
Responsável pelo recebimento:	PEDRO JOSÉ CONTI			CPF:	223.144.232-91
Responsável pelo recebimento:	JUREMA LETICIA MOREIRA SANTA BRIGIDA			CPF:	518.879.322-91
Responsável pelo recebimento:	RAIMUNDO SERGIO PINTO DE SOUZA			CPF:	324.733.112-34

	0 - 6 anos	7 - 14 anos	15 - 23	24 - 65 anos	> 65 anos	TOTAL
N.o de Beneficiários Consumidores Atendidas	1322	0	0	0	0	1322

Previsão de Entrega

Produto	Quantidade	Unid. de Comercialização	Total em Kg
AÇAÍ > FRUTO	25.974	1 KG	25.974,000
MELANCIA > (Classificação sem características)	1.500	1 KG	1.500,000
BANANA > (Classificação sem características)	3.000	1 KG	3.000,000
BURITI > FRUTO	60.000	1 KG	60.000,000
ABÓBORA > ECOLÓGICA	7.000	1 KG	7.000,000
INHAME > INHAME-CARÁ	5.000	1 KG	5.000,000
			102.474,000

INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS

Caracterização da(s) Unidade(s) Receptora(s)

Os consumidores são Povos e Comunidades Tradicionais Muitos eram das diversas áreas rurais são crianças hoje, moradoras das periferias das cidades de Santana-AP e Macapá -AP. São grupos sociais, que vivem em segurança alimentar. Que precisam de alimentação de qualidades e quantidades necessárias para suprir suas necessidades de se alimentar melhor para viver melhor.

Objetivos gerais e específicos do projeto

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO
SIGPAA - SISTEMA DE GESTÃO DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

Os custos operacionais de transporte, armazenamento, beneficiamento ou processamento poderão ser deduzidos do valor a ser pago aos beneficiários fornecedores, desde que previamente acordados com estes beneficiários (Art. 13º do DECRETO Nº 7.775, de 4 de JULHO de 2012)

Página : 7 / 10

CPR: PA/2020/02/0044



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

- a) Promover melhoria da qualidade de vida dos agroextrativistas e agricultores familiares do PAE Ilha das Cinzas, pautando-se na sustentabilidade;
- b) Assegurar a contínua valorização e divulgação dos produtos extraídos da floresta de forma coletiva e utilizados com apoio do PAA;
- d) Assegurar apoio alimentar e nutricional aos beneficiários das ações das Obras Sociais da Diocese do Amapá.

- a) escoar a produção, resultando na geração de trabalho e renda para famílias dos produtores agroextrativistas de base familiar do PAE Ilha das Cinzas;
- b) Possibilitar a comercialização dos produtos nativos para o mercado institucional, superando o intermédio dos atravessadores e marreteiros (dentre outros intermediários) que exploram os extrativistas das águas e da floresta;
- c) Promover a utilização dos produtos da sociobiodiversidade local, de maneira sustentável e contribuindo com a conservação do bioma amazônico e com a alimentação de beneficiários da Diocese de Macapá;
- d) Fortalecer processos de valorização dos hábitos de produção e consumo tradicionais das famílias, garantindo alimentação adequada aos seus filhos e filhas;
- e) Contribuir com ações que promovam a segurança alimentar e nutricional dos beneficiários consumidores das Obras Sociais da Diocese;
- f) Sensibilizar a todos os envolvidos no projeto para a necessidade da realização e participação em cursos, oficinas e demais atividades de orientação, formação e capacitação;
- g) Demonstrar às comunidades urbanas a capacidade produtiva das famílias agroextrativistas.

Organizações parceiras

A proposta do PAA/CDS da ATAIC envolverá os seguintes parceiros:

1. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária INCRA;
2. Conselho Nacional de Populações Extrativistas (CNS);
3. Memorial Chico Mendes, que apoiou a elaboração do projeto;
4. Sindicato dos Trabalhadores e trabalhadoras agroextrativistas Rurais de Gurupá;
5. Casa Familiar Rural de Gurupá;
6. EMBRAPA-AP;

A partir deste projeto, a ATAIC pretende articular novas estratégias que resultem em parcerias institucionais com órgãos do governo federal, estadual, municipal e outros atores estratégicos locais. Isto permitirá aperfeiçoar as atividades da associação visando apoio para as famílias que convivem e dependem da floresta para viver.

Mecanismos de acompanhamento das entregas de produtos à(s) Unidade(s) Recebedora(s)

Os diretores e técnicos/Assessores da ATAIC farão o acompanhamento das entregas dos 06 produtos, abobora, buriti (fruto), açaí (fruto in natura), banana (fruto), melancia (fruto) e cará, contratados. Eles organizarão as logísticas, balanças, sacas e paneiros para o acondicionamento e transporte dos referidos produtos. As entregas obedecerão um Cronograma de Entregas, acordado com os associados fornecedores e com os representantes das Obras Sociais da Diocese de Macapá. Todas as etapas de acompanhamento das entregas dos produtos ocorrerão conforme o Manual de Operações da Conab/MOC.30 e respeitando as recomendações da vigilância sanitária.

Dessa forma, as entregas seguirão o calendário das safras dos produtos e os 365 dias de atendimentos das Obras Sociais, conforme a percapta realizadas por pessoas com habilidades em nutrição. Eles analisarão os tipos de produtos, a quantidade, a demanda, o consumo, o número de atendimentos e o número de refeições servidas, de acordo com as atividades da Diocese e o período de safra.

Articulação do projeto com outros programas sociais desenvolvidos junto à(s) Unidade(s) Recebedora(s)

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO
SIGPAA - SISTEMA DE GESTÃO DO PROGRAMA DE AQUISIÇÃO DE ALIMENTOS

Os custos operacionais de transporte, armazenamento, beneficiamento ou processamento poderão ser deduzidos do valor a ser pago aos beneficiários fornecedores, desde que previamente acordados com estes beneficiários (Art. 13º do DECRETO Nº 7.775, de 4 de JULHO de 2012)

Página : 8 / 10

CPR: PA/2020/02/0044



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

A ATAIC está integrada às ações desenvolvidas pelo INCRA, SPU, MMA, Governo do Estado do Pará, prefeitura municipal e organizações da sociedade civil atuantes na Ilha das Cinzas e no município, que desenvolvem ações regulares, tais como regularização fundiária, fiscalização ambiental, transferência de renda (Bolsa Família, Auxílio Emergencial), agentes comunitários de saúde e outras atividades de cogestão e desenvolvimento social, produtivo e ambiental. Além disso, o projeto se articulará de forma direta com as iniciativas de prevenção em saúde que envolvem de forma direta a Unidade Receptora - com destaque para as diversas atividades em torno da pandemia do COVID-19 que ainda serão desenvolvidas pela secretaria municipal de saúde e pela SESPA por um longo período.

Critérios de definição dos produtos distribuídos à(s) Unidade(s) Receptora(s)

O processo de levantamento, seleção e escolha de produtos dos extrativistas e se adéqua às demandas dos consumidores, levando em conta as condições de recebimentos e consumo preconizados pela CONAB. Prezando pelos procedimentos de proteção ao COVID-19, diretores da ATAIC realizaram reuniões virtuais e visitas junto aos atores, resultando na apresentação desta proposta do PAA/CDS, Foram selecionados 06 produtos, abobora, buriti (fruto), açaí (fruto in natura), banana (fruto), melancia (fruto) e cará, de acordo com o seu valor nutricional, quantidade, safra, hábito alimentar. Eles serão distribuídos in natura e em perfeito estado de conservação, respeitando as condições de entrega em época de pandemia para preservar a saúde dos receptores.

Avaliação das melhorias sociais do projeto anterior

Esta é primeira proposta enviada pela ATAIC à CONAB. Considerando sua capacidade operacional, a diversidade e quantidade produtiva do PAE e o comprometimento das famílias extrativistas com os acordos firmados pela associação, a mesma deverá firmar parcerias no âmbito do PAA em períodos posteriores a este.

Observações

A ATAIC considerada de suma importância a preocupação dos extrativistas com práticas que assegurem a gestão dos recursos naturais em suas atividades produtivas. Há de se manter e aperfeiçoar as atividades de convivência racional e sustentável das pessoas com os produtos da sociobiodiversidade, onde se evidencie uma harmonia em favor melhoria da vida das pessoas e da conservação ambiental.

Mecanismos de avaliação e controle social a serem implementados no desenvolvimento do projeto

a) Descrição dos mecanismos de avaliação e controle social a serem implementados no desenvolvimento do projeto.

Este projeto será executado e acompanhado de forma direta pela diretoria, conselho fiscal e técnicos da ATAIC. Além disso, será acompanhado também pelo conselho municipal de desenvolvimento rural e o, conselho estadual de desenvolvimento rural, que expedirá o parecer favorável, e pelos sistemas de vigilância sanitária. Da mesma forma, também ocorrerá o controle social da organização beneficiária desde o momento do recebimento dos produtos. A associação proporcionará a realização de duas reuniões, durante o decorrer do projeto, com os representantes das Obras Sociais da Diocese, oportunizando, assim, momentos específicos para avaliação e eventuais readequações nas entregas. Emergencialmente, caso necessário, também poderão ocorrer outros momentos de reuniões para tratar do projeto. A associação disponibilizará documentos (relatórios e análises internas) que comprovem a entrega dos produtos previstos no projeto, de forma a assegurar transparência em processos de controle social exercidos por órgãos de fiscalização.

Local e Data:

Nome(s) e assinatura(s) do(s) representante(s) da Organização Fornecedora



Proposta de Participação - Doação Simultânea

Data : 27/06/2020

Hora : 15:04:22

	<hr/> MIGUEL DO SOCORRO MIRANDA DE SOUZA
Local e Data:	Nome(s) e assinatura(s) do(s) representante(s) da(s) Unidade(s) Receptora(s)
	<hr/> JUREMA LETICIA MOREIRA SANTA BRIGIDA OBRAS SOCIAIS DA DIOCESE DE MACAPA
	<hr/> PEDRO JOSÉ CONTI OBRAS SOCIAIS DA DIOCESE DE MACAPA